

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

WALTER ALFREDO VOIGT BACH

**CIVILIZAÇÃO É MEDIAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DA CIÊNCIA
E DA TECNOLOGIA EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO***

CURITIBA

2023

WALTER ALFREDO VOIGT BACH

**CIVILIZAÇÃO É MEDIAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DA CIÊNCIA
E DA TECNOLOGIA EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO***

**Civilization is Mediation: The representation of Science
and Technology on *Brave New World***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Linguagens.
Orientador: Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA

2023



Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba



WALTER ALFREDO VOIGT BACH

**CIVILIZAÇÃO É MEDIAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA EM
ADMIRÁVEL MUNDO NOVO**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 27 de Outubro de 2023

Dr. Marcelo Fernando De Lima, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Pedro Ramos Dolabela Chagas, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dr. Rogerio Caetano De Almeida, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 27/10/2023.

AGRADECIMENTOS

Encaro o mestrado como uma construção coletiva, pois não teria como assinar meu nome se não fosse o apoio de muitas pessoas que me ajudaram a chegar à Universidade Tecnológica Federal do Paraná e cultivar essas páginas, representantes de uma etapa importante de aprendizado.

Primeiro agradeço à minha companheira Camilla Soto Nater pelo eterno apoio incondicional, por ouvir as minhas muitas dúvidas e compartilhar esperanças nessa trajetória de releituras diárias. E principalmente por ter me indicado o mestrado na UTFPR.

Também agradeço à Marli Voigt, minha mãe, pelo apoio irrestrito e pelos muitos cafés durante esses meses às voltas com textos e mais textos.

Estendo minha gratidão ao professor Marcelo Fernando de Lima, meu orientador durante a dissertação, por me apresentar autores e ideias para que eu pudesse elaborar essas páginas. Também agradeço aos professores Rogério Caetano de Almeida, também da UTFPR, e Pedro Ramos Dolabela Chagas, da UFPR, pelas contribuições adicionais ao longo dessa construção.

Minha gratidão a Diogo Pereira de Amorim, meu amigo de longa data, pelas muitas conversas e por compartilharmos, cada um em seu campo, os desafios do aprendizado.

Por fim, agradeço à Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Me senti acolhido mais de uma vez na UTFPR, desde quando tive a chance de participar de uma disciplina do mestrado enquanto aluno ouvinte, em plena pandemia (com direito a aulas online em um mundo buscando continuar de pé), ao começo efetivo das aulas em 2022. Também pude ser estagiário da instituição durante esse tempo de mestrado, e conhecer um pouco mais dos vários mundos que se cruzam nesses corredores. Espero que mais e mais pessoas possam continuar suas jornadas de aprendizado na nossa universidade pública.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo elaborar uma pesquisa sobre o livro *Admirável Mundo Novo*, uma distopia do autor inglês Aldous Huxley, publicada em 1932. O objetivo é analisar seus recursos narrativos, possíveis influências extraliterárias e os temas explorados nas entrelinhas, a fim de construir uma análise crítica sobre a obra como representante de preocupações futuras ainda relevantes nas discussões contemporâneas. Para isso, serão buscados argumentos no livro e em ensaios escritos pelo próprio Huxley, a fim de investigar parte de sua produção escrita e explicar o escopo temático e o arcabouço retórico da obra. Essa pesquisa também se baseia em referencial teórico, principalmente nas obras de Herbert Marcuse, que fornecem várias explicações ao longo do desenvolvimento argumentativo do estudo. Além disso, serão considerados trabalhos acadêmicos brasileiros sobre a referida distopia, a fim de fortalecer as hipóteses que auxiliam na releitura de *Admirável Mundo Novo* e aprofundar a compreensão de suas questões e representações sobre ciência e tecnologia, as quais estão sujeitas a novas interpretações ao longo dos anos.

Palavras-chave: distopia; tecnologia; ciência; Aldous Huxley.

ABSTRACT

The present study aims to undertake an investigation on Aldous Huxley's dystopian novel *Brave New World*, originally published in 1932, with the purpose of analyzing its narrative techniques, potential extraliterary influences, and underlying themes. The objective is to establish a critical discourse surrounding the book as a representative work that addresses concerns about the future, issues that continue to resonate in contemporary discussions. To accomplish this, the research draws upon textual evidence from the novel itself, as well as Huxley's own essays, in order to discern a portion of his written corpus and explicate the thematic scope and rhetorical framework therein. Moreover, this investigation is grounded in a theoretical framework primarily informed by the works of Herbert Marcuse, whose scholarly contributions offer valuable insights throughout the argumentative trajectory of the present inquiry. Additionally, it engages with Brazilian academic scholarship related to the aforementioned dystopian work, with the intention of substantiating hypotheses that contribute to a nuanced reevaluation of *Brave New World*, enabling a deeper exploration of its inquiries and depictions pertaining to science and technology, which are susceptible to evolving interpretations over time.

Keywords: Dystopia; technology; science; Aldous Huxley.

1 INTRODUÇÃO	8
2. ADMIRÁVEL GÊNESE NOVA	17
2.1 Civilização é Sistematização	17
2.1.1 Aproximando as distopias de Huxley	17
2.1.2 Ainda entra luz nessas cavernas	19
2.1.3 Conflitos Atualizados	21
2.1.4 Paradoxos modernos, amarras antigas.....	23
2.1.5 Distopias Dissonantes.....	25
2.1.6 As temperaturas controladas pelas mídias	26
2.1.7 Ilhas Incapazes	29
2.1.8 Erradicando Sintomas de Personalidade	31
2.1.9 Espiral Desnorteada	33
2.1.10 Liberdade Entubada	35
2.2 Ensaio além-mar	37
2.2.1 O Soma dos Artigos	37
2.2.2 Filosofia Totalitária	39
2.2.3 Em defesa do indivíduo	41
2.2.4 Um estudo por meio dos romances.....	42
2.2.6 Acompanhar o Tempo.....	46
2.3.1 A gênese de um autor-mediador	47
2.3.2 Ideias para se construir um alerta	50
2.4 Circulação e Interpretação	54
3 CIVILIZAÇÃO É AFIRMAÇÃO	58
3.1 Mapa	58
3.2 Transição para a Felicidade Automática	60
3.3 Conjugando Castas	67
3.4 Dois que não pertencem a todos	72
3.5 O agora eterno	75
3.6 O Retrato de uma Reserva	77
3.7 Instrumentos Desafinados	81
3.8 Um canto em segurança	89
3.9 Afirmação final	99
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112

1 INTRODUÇÃO

Elaborar perguntas é algo tão natural à espécie humana como respirar. As preocupações de uma década podem ser resumidas em uma pergunta, cujas respostas traduzem a multiplicidade de métodos existentes no período analisado. Em um sentido cotidiano, por outro ângulo, formular questões é um ato intrínseco, desde pedir a um colega um objeto necessário para o trabalho a perguntar aos pares qual vai ser a diversão depois do turno.

Contextualizar informações e recriar perguntas são ações que os “habitantes” do romance *Admirável Mundo Novo* não sabem fazer. Não lhes falta capacidade, mas eles não são incentivados a tomar atitudes além de seus deveres, nem a elaborar frases além daquelas ensinadas durante o sono. São criaturas conscientes de sua eterna obediência pré-fabricada, contra a qual não levantam indagações nem atitudes.

Publicado em 1932, o livro *Admirável Mundo Novo* colheu o rescaldo de uma década que buscava respostas à sua subsistência. Tomam-se dois acontecimentos mundiais como principais fontes de dúvida: a então única grande guerra mundial acabou em 1918, mas as incertezas geradas por ela estavam longe de um final; e em 1929, houve a queda da bolsa de valores de New York.

Simultaneamente, os anos 1920 também viram um então inédito sucesso das linhas de montagem, graças à fabricação de carros. Além disso, essa década estava conhecendo o rádio e o cinema, sentindo tanto suas possibilidades de entretenimento quanto suas múltiplas narrativas. Porém, mesmo representando novidades na comunicação e no transporte, esses meios também possibilitaram uma espécie de controle vertical de seus usuários, cujas atitudes poderiam ser moldadas justamente pelo meio que deveria permitir sua expansão.

A obra do inglês Aldous Leonard Huxley representa um compêndio de dúvidas a respeito desse período. Ela se passa em um mundo considerado futurista e permeado pela onipresença do progresso, responsável por solucionar os problemas de um “mundo antigo”. Porém, os mecanismos de tal solução criam uma estrutura autorreferente, que elimina qualquer alternativa a si mesma e mantém sua prole em um ciclo perpétuo de obediência mecanizada, embebido por uma ideia de progresso que massifica suas identidades. À medida que se avança na leitura, os alicerces

ficcionais transparecem o abandono de um mundo arcaico em favor de uma civilização nova, mesmo reproduzindo, involuntariamente, gestos antigos por meios atualizados.

Admirável Mundo Novo (doravante AMN a partir dessa página) se tornou a obra mais comentada do autor justo pela sua potencialidade. O retrato de uma civilização considerada perfeita, em que todos têm acesso a serviços básicos e até a raiz das preocupações sociais foi ceifada do solo, esteriliza as fundações dessa suposta perfeição. Pode-se questionar quem ou o que atua como intermediário no fluxo desse ecossistema, embora o próprio livro explique suas origens. Entretanto, essa resposta não depende apenas de si mesma, e percebe-se a presença de um mediador essencial nesse ciclo racionalizado.

Não à toa, o livro de Huxley é classificado como uma distopia – um mau-lugar, segundo sua etimologia. Os habitantes não sabem todas as suas origens, sequer são incentivados a buscar qualquer informação além das impostas durante seu crescimento. Conscientes de serem fabricados em laboratório, desde a infância são ensinados a acreditar e a repetir que nesse lugar “*agora todos são felizes*” (2014, p. 100, *itálico nosso*).

Aprendemos mais sobre este *mau lugar* do que seus moradores, pois somos leitores – ao contrário deles. Podemos interpretar o romance, elaborar perguntas a partir dele, concordar ou discordar de suas afirmações e potenciais cautelas, e classificá-las aplicáveis (ou não) de acordo com a nossa geografia, repertório e finalidade. Deve-se considerar, também, que nenhum desses fatores é estático, e suas condições materiais e imateriais se (re) formam com o tempo.

O tempo, inclusive, foi um fator presente na obra de Huxley. O próprio romance nos permite tal interpretação, pois a análise de suas origens revela existir mais do que as paródias a determinadas estruturas e situações dos anos 1920. A fabricação e o condicionamento dos habitantes remetem às linhas de montagens de Henry Ford, funcionais o suficiente para criar um novo modelo de negócio. E também, em sátira à recepção deste, alçar Ford a uma divindade, dada a proximidade desse sobrenome com Lord - Deus, em inglês.

Além disso, o próprio autor avaliou sua distopia anos mais tarde, e esclareceu o que considera uma falha de previsão. A própria vida humana foi reinventada às avessas no mau lugar de sua ficção, não apenas sob a ótica da organização e administração social, mas especialmente por um ângulo biológico e psicológico. Essa recriação, que pode ser interpretada como uma nova reificação do humano, passa

obrigatoriamente pela tecnologia e pela ciência - nos moldes implícitos da obra. No prefácio de uma edição de AMN publicada em 1946, Huxley afirma:

Uma enorme e óbvia falha de previsão é imediatamente visível. Admirável mundo novo não contém nenhuma referência à fissão nuclear. Essa omissão é, na verdade, um tanto curiosa, pois as possibilidades da energia nuclear tinham sido tópico comum de debates durante anos antes de ser escrito o livro. [...] O lapso pode não ser perdoável; mas é, pelo menos, fácil de explicar. *O tema de Admirável Mundo Novo não é o avanço da ciência em si; é esse avanço na medida em que afeta os seres humanos.* [...] Os únicos progressos científicos descritos especificamente são os que se relacionam com a aplicação aos seres humanos dos resultados de futuras pesquisas nos terrenos da biologia, da fisiologia e da psicologia. (2014, p.10-11)
(Itálico nosso)

A citação acima, além de permitir uma visão de AMN pelas palavras de seu autor, também fornece um resumo de vários elementos presentes, focos das análises nos capítulos posteriores desta dissertação.

Considerem-se, também, marcas autorais de Aldous Huxley. *Admirável Mundo Novo* foi seu quinto romance, fruto de suas preocupações em relação aos anos 1920 e aos futuros, algumas delas abordadas em artigos anteriores e posteriores ao livro, conferindo continuidade à produção escrita. A propósito, o termo contemporâneo distopia, tão usado para se falar da quinta ficção de Huxley, também é aplicável à sua última. *A Ilha*, publicada em 1962, compartilha recursos literários e preocupações extraliterárias com o romance de 1932. *A Ilha* reflete parte da situação dos anos 1950, à maneira de sua irmã mais velha.

Essa passagem do tempo também pode ser vista na recepção à obra. Em uma matéria do jornal curitibano *Cândido*, Nelson de Oliveira (2018) afirma que

As previsões angustiantes de levguêni Zamiátin (*Nós*), Aldous Huxley (*Admirável Mundo Novo*), George Orwell (*1984*), Ignácio de Loyola Brandão (*Não verás país nenhum*), André Carneiro (*Amorquia*), Margaret Atwood (*O conto da aia*) e outros visionários não são mais apenas um alerta sobre o futuro que devemos evitar, mas um retrato realista do futuro inevitável que logo habitaremos.

Ainda que cada obra mencionada tenha um foco e um método, a Soma delas aponta para um futuro cuja ideia contraditória de progresso acontece às custas da própria humanidade.

Um dos muitos exemplos desse avanço coercivo está no tempo livre dentro da quinta ficção huxleyana, interpretando tal expressão como tempo fora do trabalho.

Não apenas a posição, a casta e a fisionomia de cada pessoa são manufaturadas de antemão, como as possibilidades de lazer também. Conforme um trecho do romance, a ser detalhado posteriormente, se condiciona uma determinada classe a não se aproximar de flores nem de livros, pois o uso desses não induz a consumo algum; elas podem desfrutar de qualquer outro lazer disponível e pré-estabelecido.

Ressaltamos que AMN foi publicado em 1932, época de uma nascente indústria cultural. Esta expressão foi cunhada pelo teórico Theodor Adorno para se referir aos meandros em torno da produção, replicação e recepção de uma ideia de cultura, pois não há componentes neutros nesta equação, cujas variáveis podem somar honorários (inclusive imateriais) aos que as propagam, e subtrair possibilidades de seus consumidores sob o véu do relaxamento. Dele, emprestamos os seguintes trechos:

O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Esta oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. (2002, p.62)

Essa rígida divisão da vida em duas metades enaltece a coisificação que entrementes subjogou quase completamente o tempo livre. (Idem, P.64)

Estas frases podem ser associadas a uma divisão das duas metades do dia - lazer e trabalho – na lógica operacional da distopia de Huxley. Um dos aspectos detalhados posteriormente nesta pesquisa abrange a redistribuição das horas e a reconfiguração das pessoas, como se ambas fossem transformadas em elementos de uma estrutura fechada, que trata seus participantes como coisas.

A principal ficção de Huxley também foi abordada no âmbito acadêmico, cuja multiplicidade de arcações retóricas confirma a sua importância enquanto produção literária. Seus recursos foram contextualizados sob novas leituras, que levantam novas interpretações e perguntas.

Uma delas está explícita na dissertação de Eduardo Vignatti Casagrande: “De quais maneiras a ficção de Huxley antecipa o tipo de sociedade que seus leitores vivem no tempo presente, três-quartos de século após sua publicação?” (2016, p. 6). À pergunta de Casagrande, pode-se adicionar uma importante dúvida levantada por outro teórico presente em nossa construção, Andrew Feenberg: “Será que a nossa tecnologia, ou pelo menos a maneira como nós somos tecnologicamente, nos ameaça com uma auto destruição precoce?” (2015, p.142).

A primeira questão, mesmo tendo objetivo distinto do presente trabalho, reforça a pluralidade de leituras de AMN, no caso, a busca por uma possível antecipação de

um fator presente fora das páginas do livro. A segunda pergunta do parágrafo anterior, por sua vez, compartilha um tom cautelar associado à ficção em foco, pois esta permite interpretar que meios (tecnologia e ciência) supostamente usados para auxiliar o ser humano podem dominá-lo. As nossas indagações, por sua vez, apontam para direções complementares. Afinal, como pretendemos investigar, não se deve avaliar apenas o uso da tecnologia, mas também a sua criação e sua presença, tão influentes pelas condições de origem quanto pelas que supostamente resolve.

Após todas essas afirmações, pode-se dizer que a presente dissertação de mestrado está adequada ao PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, programa *stricto sensu* vinculado à UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Mais especificamente, à linha de pesquisa chamada Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia, com a qual acreditamos estabelecer um diálogo direto.

Aspectos mencionados nesta Introdução, como a época da publicação e o significado de distopia, serão analisados em detalhes nos capítulos posteriores, a fim de aprofundar e construir esta leitura. A *Gênese do Admirável Mundo Novo* é o nome do segundo capítulo, dividido nas seguintes subseções: a primeira é *Civilização é Sistematização*, compilação de estudos acadêmicos brasileiros envolvendo a distopia de Aldous Huxley, enquanto Ensaio Além-Mar analisa publicações estrangeiras a respeito da obra. A terceira, nomeada *Tudo será mediado agora*, apresenta informações biográficas do autor, a fim de compreender o escopo de suas considerações, abordadas ficcionalmente e em seus ensaios. A última divisão, por fim, se chama *Circulação e Interpretação*, e, em retrospecto, explora informações dos bastidores de AMN, como a sua publicação e recepção inicial no Brasil.

Civilização é Afirmação, terceiro capítulo, visa identificar e compreender quem são os potenciais mediadores da relação entre ciência, tecnologia e sociedade, conforme os aspectos pontuados anteriormente. Para tal fim, resumimos parte do enredo do livro e dividimos nossa interpretação em nove subseções, cada uma partindo dos aspectos investigados conforme a cronologia livresca:

3.1 Mapa

3.2 Transição

3.3 Conjugando Castas

3.4 Dois que não pertencem a todos

3.5 O agora eterno

3.6 O Retrato de uma Reserva

3.7 Instrumentos Desafinados

3.8 Um canto em segurança

3.9 Afirmação Final

Será apresentado um mapa de AMN, a fim de localizar os personagens em diálogos e situações específicas. A ordem dessas abordagens segue a do livro, mas os argumentos delas não se restringem às vezes em que um personagem ou tópico aparece pela primeira vez – vêm do referencial teórico e do próprio AMN, conforme a necessidade. Tal recurso está presente no terceiro e no quarto capítulos da presente dissertação, pois busca-se a presença de um tema durante a obra para elucidar sua composição, a fim de levantar hipóteses e potenciais respostas. As *Considerações Finais*, por sua vez, encerram o ciclo argumentativo dessa dissertação.

Analisando o contexto dos anos anteriores à publicação de *Admirável Mundo Novo*, estabelecendo um recorte a partir de leituras prévias da obra e, por fim, argumentando sobre os possíveis mediadores na ficção de Aldous Huxley, a intenção é construir uma fortuna crítica para identificar os contextos retratados e os recursos usados no livro. Tal alicerce busca a possibilidade de levantar novas questões, liberdade argumentativa que nós, leitores, temos à disposição para interpretar a literatura e as constantes mudanças da sociedade – independente de quem ou o que possa mediar tais alterações.

Cada capítulo foca em um ou mais de seus personagens, em torno dos quais gravitam os cotidianos desse novo espaço – embora o enredo esclareça que nem todos os atos são corriqueiros. O romance é conduzido por eles, e suas colisões permitem compreender o que está explícito e implícito em seu ecossistema.

Partindo desse raciocínio, aprende-se a origem e alguns mecanismos expostos por meio das falas dos personagens; e pelas regras a que estão submetidos, pode-se deduzir o que está subentendido. Em ambas as comunicações e em todos os acontecimentos, pode-se inferir a presença de um agente mediador, que permite a subsistência da nova civilização.

Nos termos do livro, não se imagina a própria vida sem tecnologia nem ciência, pois elas são tão onipresentes quanto o repetitivo léxico de seus massificados indivíduos. A participação maciça delas também permite indagar o quanto influenciam

na identidade dos cidadãos, cujas vidas dependem profundamente dessa ligação, a partir da qual se descobre qual é o meio e qual é a mensagem nesta relação.

Logo, pode-se definir a principal pergunta norteadora da presente dissertação: Quem media as relações entre tecnologia e identidade no *Admirável Mundo Novo*? Essa pergunta-guia compreende dois objetivos específicos, divididos em:

– Identificar as potenciais influências do contexto histórico de *Admirável Mundo Novo* – focando na década de 1920, e elucidar como ele é retratado por meio de seus recursos literários.

– Estabelecer uma fortuna crítica sobre o livro a fim de elaborar respostas à pergunta-guia, e contextualizá-lo de acordo com o referencial teórico.

O segundo objetivo específico, por sua vez, se desdobra em dúvidas a respeito dos seguintes itens:

Ciência – Criadora ou *Mantenedora*?

Tecnologia – Meio de uma Mensagem ou Meio e Mensagem?

Sociedade – Quem recebe, fabrica e replica as ações dos agentes acima?

Identidade – Massificada por ser fabricada pela ação dos três itens anteriores ou existente graças a eles – e apesar deles.

Consideram-se essas observações como hipóteses, cujas respostas também serão apresentadas nos capítulos posteriores da presente dissertação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de consultas às obras mencionadas nas referências bibliográficas. A produção de Aldous Huxley tem sido relançada em versões físicas e digitais no Brasil pelo Selo Biblioteca Azul, pertencente à Editora Globo, em alguns casos com prefácios, posfácios e demais textos adicionais. A versão de *Admirável Mundo Novo* usada nesta dissertação é a de 2014, acompanhada da seleta de ensaios *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, originalmente de 1946, relançada em e-book em 2021.

Tal pesquisa qualitativa se pauta nos estudos de Herbert Marcuse, principal teórico a ser referenciado nesta dissertação, cujos argumentos podem ser relacionados a vários aspectos do mau-lugar ficcional de Huxley, das engrenagens da máquina a quem se insere nessa distopia *unidimensional*. Como não se concebe a vida sem tecnologia e sem ciência na distopia, pode-se descrevê-la com um termo caro à produção de Marcuse: Unidimensional.

Sua obra *O Homem Unidimensional* é um dos nossos principais guias teóricos, acompanhada por demais obras dele. Sua produção lida com preocupações a respeito do uso de uma tecnologia nascente, quando não originadas a partir dele. Uma dessas questões é a repressão das liberdades individuais, ponto-chave de nossa leitura do livro de Huxley, pois buscamos conhecer os motivos de sua presença, seja ela um fim ou o resultado de um meio. Naturalmente, a produção de Marcuse é associada à Escola de Frankfurt, em contextos geográficos e políticos particulares e distintos de Huxley. Porém, aproximamos as reflexões de Marcuse (e de outros teóricos da Escola, nomeadamente Theodor Adorno, Jürgen Habermas e Andrew Feenberg) da obra literária de Huxley por acreditarmos que elas auxiliam a interpretar o livro sob uma ótica mais precisa e clara, o contextualizando com vistas ao futuro.

Além da produção desses autores, a construção da fortuna crítica segue no capítulo 2.1, *Civilização é Sistematização*, por meio do recorte de trabalhos acadêmicos brasileiros envolvendo AMN. Eles foram encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da plataforma virtual da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

Figura 1 - Resultado de pesquisa usando as tags “Aldous+Huxley” no catálogo da Capes

The image shows a screenshot of the Capes Theses and Dissertations Catalog search results. The search filters are set to 'Tipo: Mestrado (Dissertação)' (19 results) and 'Ano: 2011' (5 results). The search results list 6 items:

1. JOANICO, LENNON MORAES. **IDÍLIO OU PESADELO? A GENEALOGIA DO PODER EM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DE ALDOUS HUXLEY** 14/10/2016 80 f. Mestrado em Estudos da Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: FARIS MICHAELE Detalhes
2. Veratti, Nelson Samuel Porto. **Admirável Mundo Novo: Um Enredo de Possíveis.** 01/02/2007 268 f. Mestrado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**
3. ALVES, DANUSIA REGINA. **ECOS DE ALDOUS HUXLEY NO DIÁRIO CRÍTICO DE SÉRGIO MILLIET** 14/10/2019 76 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: undefined Detalhes
4. JUNIOR, CLAUDIO MARCOS VELOSO. **A decepção em Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley** 25/10/2016 101 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: undefined Detalhes
5. CASAGRANDE, EDUARDO VIGNATTI. **Each one of us Goes Through life inside a Bottle: A Reading of Brave New World in the Light of Zygmunt Bauman's Theory** 31/03/2016 105 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: BSCSH Detalhes
6. FRANCISCO, RAFAEL DA CUNHA DUARTE. **Nós somos os mortos: a estética do prognóstico na literatura realista distópica de Aldous Huxley, George Orwell e Yevgeny Zamyatin** 09/06/2014 162 f. Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA PUC-RIO

Figura 2 - Teses indisponíveis no site da Capes, mas localizadas em outras fontes

The screenshot shows the Capes Theses Catalog interface. On the left, there are two filter sections: 'Grande Área Conhecimento' with 7 options and 'Área Conhecimento' with 9 options. The main list contains 19 entries. Items 15, 17, 18, and 19 are marked as 'Trabalho anterior à Plataforma Sucupira', indicating they are not available on the Capes platform but can be found elsewhere.

Item	Author	Title	Institution	Status
15.	PAVLOSKI, EVANIR.	Admirável mundo novo e A ilha : entre o pesadelo e o idílio utópico'	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
16.	Wojciekowski, Maurício Moraes.	Utopia/Distopia e Discurso Totalitário: uma análise comparativo-discursiva entre "Admirável mundo novo", de Huxley, e "A república", de Platão'	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
17.	Figueiredo, Carolina Dantas de.	Admirável comunicação nova : um estudo sobre a comunicação nas distopias literárias'	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
18.	KOPP, RUDINEI.	COMUNICAÇÃO E MÍDIA NA LITERATURA DISTÓPICA DE MEADOS DO SÉCULO 20: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury.'	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
19.	Bessa, Maria de Fatima de Castro.	Individuation in Aldous Huxley's "Brave New World" and "Island": Jungian and Post-Jungian perspectives'	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

Alguns trabalhos, embora indisponíveis para consulta no catálogo da Capes até a publicação do presente trabalho, estão disponíveis em outras fontes: as plataformas virtuais das instituições de ensino superior em que seus autores se graduaram. A segunda imagem ilustra essa situação, pois os resultados 15, 17, 18 e 19 – assim numerados no site da CAPES – foram localizados nos sites da UFPR (Universidade Federal do Paraná), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), respectivamente. Pontuamos que tais trabalhos foram publicados entre 2007 a 2016, e tal contemporaneidade também atesta os questionamentos latentes na obra de Huxley. Além dessas pesquisas, o capítulo 2.2 também apresenta livros em língua inglesa que relem a distopia Huxleyana sobre outras óticas e temporalidades, a serem detalhadas posteriormente, de maneira a ampliar a nossa interpretação.

2. ADMIRÁVEL GÊNESE NOVA

O presente capítulo direciona a leitura para três aspectos em torno de *Admirável Mundo Novo*: sua recepção no mundo acadêmico brasileiro, suas prováveis origens e sua circulação inicial. Conforme descrito anteriormente, a primeira divisão deste capítulo, 2.1 – Civilização é Sistematização, aborda trabalhos acadêmicos brasileiros que envolvem a distopia huxleyana, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, e sistematiza tais leituras. Após a seção focada nas publicações brasileiras, a segunda divisão deste capítulo apresenta leituras em língua inglesa do romance, de modo a ampliar o escopo da nossa fundamentação.

A próxima seção se chama 2.3 - Tudo será mediado agora, e propõe um compilado de informações biográficas e profissionais de Aldous Huxley. O objetivo é compreender suas preocupações nos anos anteriores à publicação de AMN, na medida em que tais dados possam auxiliar na leitura ao pesquisar o contexto em que o livro foi escrito. A última seção deste capítulo, 2.4 – Circulação e Interpretação, lida com informações a respeito do começo da circulação da obra de Aldous Huxley no Brasil, antes mesmo de AMN desembarcar no país.

2.1 Civilização é Sistematização

A presente seção apresenta, cronológica e brevemente, dissertações de mestrado e teses de doutorado envolvendo *Admirável Mundo Novo*, e, conforme algumas seções vão detalhar, *A Ilha*, ficção de Huxley associada a AMN por seus recursos literários, e tal abordagem busca avaliar qualitativamente a recepção do trabalho ficcional de Huxley no Brasil. Além disso, a pluralidade de interpretações no âmbito acadêmico também estabelece uma fortuna crítica, ressaltando a importância das discussões possibilitadas pelo livro.

2.1.1 Aproximando as distopias de Huxley

Começamos por uma dissertação de mestrado em estudos literários, chamada *Individuation in Aldous Huxley's Brave New World and Island: Jungian and Post-Jungian perspectives*, de Maria de Fátima de Castro Bessa, publicada em 2007 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em livre tradução, o nome deste

trabalho em português é *Individuação no Admirável Mundo Novo* e *n'A Ilha* de Aldous Huxley: perspectivas Jungianas e pós-Jungianas. Nela, há leituras de duas obras de Huxley classificadas como distopia: *Admirável Mundo Novo*, publicada em 1932, e *A Ilha*, de 1962.

Como adendo, faz-se necessário pontuar algumas características d'*A Ilha*, tanto pelas semelhanças e diferenças dela com o livro dos anos 30 quanto pelo fato dela ser abordada na dissertação de Bessa e em outras, posteriormente apresentadas neste espaço.

A última ficção de Huxley compartilha elementos literários com a obra de 1932. Entre eles, a narração em terceira pessoa onisciente, fora do elenco de personagens; a alternância de perspectiva, a fim de mostrar a trama pelos olhos de vários personagens – em especial os conflitantes entre si, de modo a permitir ao leitor saber mais do enredo que seus participantes. Por fim, a classificação escolhida por Bessa: um romance de ideias.

The novel of ideas is sometimes difficult to evaluate. The focus of this kind of work is neither on the story telling in itself nor on the exploration of characters, relationships and feelings; rather, it is on the way the characters express different and often conflicting ideas. (2007a, p. 10).

Às vezes o romance de ideias é difícil de avaliar. O foco desse tipo de trabalho não é na narrativa em si mesma nem na exploração dos personagens, relacionamentos e sentimentos; em vez disso, é na maneira em que os personagens expressam ideias diferentes e frequentemente conflitantes. (2007a, p. 10)¹

A leitura de Castro Bessa contextualiza as ideias dos romances AMN e *A Ilha* de acordo com as perspectivas do psiquiatra Carl Gustav Jung, cujos arquétipos guiam uma avaliação qualitativa da psique dos personagens. Não se estabelece juízo de valor, e sim uma identificação dos comportamentos segundo os princípios de Jung.

Tal interpretação também destaca algumas diferenças entre as distopias lidas, pois em AMN o condicionamento de massas é tão profundo que o desenvolvimento de características individuais se aproxima de uma abstração, e as ações dos habitantes são exclusivamente direcionadas à manutenção do corpo social. Mas n'*A Ilha*, os moradores de Pala – a sociedade protagonista – são condicionados justo a

¹ Exceto quando avisado, as traduções do inglês para o português nessa dissertação são nossas.

buscarem plenas condições para desenvolverem suas capacidades particulares, e usufruem da benesse estatal para tanto.

Uma sociedade provê meios para que seus moradores possam se aprimorar, inclusive com traços originais; a outra ceifa qualquer sinal fora de sua programação, e fatalmente expelle qualquer um que ouse se desviar. Ao analisar o personagem Helmholtz Watson, funcionário de engenharia emocional de AMN prestes a ser exilado por escrever sobre a solidão, Bessa afirma que:

For Helmholtz, this power is connected with his creativity, with his ability to use words in a different way, so that he may not just write the effective but empty phrases that he is usually supposed to, but also do something good with them. His writing should allow him to express something more personal, something original, instead of the anodyne material that he has produced for mass conditioning. (2007a, p.26)

Para Helmholtz, esse poder está conectado com sua criatividade, com sua habilidade em usar palavras de um jeito diferente, para que ele não escreva apenas as frases efetivas e vazias que deveria escrever, mas também fazer algo bom com elas. A escrita dele deveria permitir a ele expressar algo mais pessoal, algo original, em vez do material anódino que ele tem produzido para o condicionamento das massas. (2007a, p.26)

Logo, pode-se dizer que a leitura dela foca em avaliar como as distopias permitem ou não o desenvolvimento de seus indivíduos, sendo que as chances de isso acontecer no mundo racionalizado de AMN são bem limitadas (quite limited, nas palavras de Bessa).

2.1.2 Ainda entra luz nessas cavernas

Dos limites destacados na seção anterior, adentramos em cavernas metafóricas. Em *Transtextualidade e dialogismo em Admirável Mundo Novo e Matrix*, publicado em 2007 pela Universidade Federal de Minas Gerais, a mestra em estudos literários Mylene Fonseca Garcia estabelece uma leitura multimídia ao comparar os recursos narrativos dos livros AMN e *A República*, de Platão, com os do filme *Matrix*, escrito e dirigido pelas irmãs Wachowski em 1999. A fortuna crítica dela parte de teóricos à maneira de Robert Stam, cujas análises constatam que diversas vozes sociais se entrecruzam e se atravessam, e todo texto é “formado por diversas ‘linguagens que se interceptam, colidem e reciprocamente se relativizam umas às outras’ ” (2007b, p.11).

Tal assertiva é válida ao vasculhar o livro de Huxley: do título às falas de John, o texto transparece a influência de Shakespeare. Outra amostra está nos sobrenomes dos personagens, em clara referência a figuras de importância política dos anos 1930, pois satirizam suas funções enquanto peças de um sistema unidimensional, Ford como paródia de Lord (Deus em inglês) sendo a mais aberta. Há outras menções à época de publicação do romance, do Espelho dos Deltas (em inglês, Delta Mirror, em referência ao jornal britânico Daily Mirror) à presença crescente do rádio e do cinema.

Em sua dissertação, Fonseca Garcia investiga as colisões entre as obras e as equipara de acordo com suas origens e objetivos. O mito da caverna, por exemplo, é aplicado tanto ao livro quanto ao filme, devido ao sentimento de alienação imposto aos moradores da caverna, incapazes de enxergar outro mundo além daquele em que cresceram. Tal (falta de) visão impede tanto atitudes individuais além-caverna quanto qualquer outra em favor do coletivo:

[...] ocorre uma transposição temática, ou mesmo uma imitação, quando se compara a obra huxleyana e o texto fílmico com a alegoria platoniana. Nos três contextos – na caverna, no mundo civilizado de AMN e em Matrix – o indivíduo, por se encontrar mental e fisicamente confinado a uma caverna, a uma civilização e a uma simulação, respectivamente, não atua e não pode, portanto, construir sua própria felicidade e nem a coletiva. (2007b, p.54)

A obra dos Wachowski é comparada à huxleyana pela onipresença tecnológica, capaz de criar uma nova humanidade. No caso fílmico, os humanos tornaram-se meras fontes de energia, pois a máquina -A Matrix- se alimenta de sua vitalidade e, para mantê-los submissos, elabora uma intrincada rede que os impede de sequer imaginar um mundo além daquele que lhes é apresentado.

AMN, por sua vez, reorganizou não apenas a civilização como a humanidade à própria maneira, o que é demonstrado não apenas na eloquência grandiosa de seus administradores, mas na medição de tempo: a história se passa em 632 d.F, 632 anos depois de Ford.

Há de se destacar, também, que essas duas tecnocracias compartilham uma insistente erradicação das falhas, e falham justo nisso. Fonseca demonstra a trajetória de Neo, protagonista do filme, e como ele aprende a divisão entre a vida dentro e fora da Matrix, e isso inclui descobrir habilidades que ele desconhecia. AMN, por sua vez, tem em seu elenco dois personagens que destoam do coletivo.

Helmholtz Watson é competente demais até para os elevados padrões dos alfes, e seu 'excesso' causa uma consciência de que é um indivíduo. E o outro é Bernard Marx, cuja perspectiva predomina em vários capítulos, e seu cotidiano às avessas esclarece seus traços antissociais e sua aparência, que remete à das classes ditas inferiores. Os diálogos deles com a sociedade conduzem ao atrito, pois não se adequam à vida dentro da caverna.

Durante sua equiparação entre as obras, Fonseca Garcia esclarece as relações de diálogo criadas em cada contexto ficcional:

A República, AMN e Matrix estabelecem entre si variadas relações de diálogo, sem que isso signifique perda da autonomia de cada uma das obras. Nelas são localizáveis vários elementos da literatura ocidental, tais como o tema do aprisionamento e a conseqüente busca da liberdade; a visão do mundo como um simulacro; a proposição de uma sociedade idealizada posta como resposta aos problemas de convívio social contemporâneos à obra. (2007b, p.34)

Os mundos de *Matrix* e AMN supostamente resolveram os problemas de suas sociedades (a de 1999 e a de 1932, respectivamente) por meio de uma reestruturação racional, mediada pela ciência. Porém, além de encerrar seus habitantes em novas cavernas tecnocráticas, o maquinário de ambos mundos colide com frequência, e os estilhaços – representados por Neo, Helmholtz e Bernard – evidenciam o quanto de luz ainda pode entrar nessas novas cavernas.

2.1.3 Conflitos Atualizados

Do caos causado pela entrada de luz nas cavernas da subseção anterior, vamos a outra espécie de desordem. Em *A Ordem e o caos: diferentes momentos da literatura distópica de ficção científica*, publicada em 2010 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, a mestra em Letras Priscilla Pellegrino de Oliveira equipara AMN e o romance *O Canal de Execução*, do escocês Ken MacLeod, de 2007.

Enquanto argumenta sobre as potenciais influências extra-literárias na obra de MacLeod, Pellegrino enumera o cenário sócio-político das três décadas anteriores ao romance, contextualização semelhante à influência dos anos 1920 na obra de Huxley.

O mundo saiu de uma crise para entrar em outra, tendo o final da Guerra Fria e o rescaldo da primeira década sem o Muro de Berlim como exemplos. Há de pontuar que o fim do receio de uma iminente guerra nuclear entre os blocos capitalista e

comunista não diminuiu os medos econômicos e políticos – inclusive, os ressignificou. A autora afirma que

Em vez de uma paz homogênea, o que houve foi o aumento de conflitos étnicos e religiosos, da exclusão social, do terrorismo, do tráfico de drogas e da violência urbana. Com isso, o novo sistema passa a ser regido pela desestabilização da sociedade e pelo abalo de poder dos Estados. Junto a isso, está o fato de estarmos passando por uma fase de interpenetração cultural com novas migrações e diásporas. (2010, p. 57)

A reorganização do mundo contemporâneo passa por uma série de conflitos que, ao contrário das sociedades ficcionais apresentadas ao longo desta dissertação, resulta em períodos de contínua turbulência, sem vistas a um agente estatal que reestabeleça a paz – ou a imponha sobre novos termos.

Pode-se adicionar, também, o quanto essa reorganização está incompleta, tanto pela complexidade do mundo globalizado quanto pelos meios em que se divulgam verdades e mentiras. Tais meios podem ser estatais - à maneira dos existentes em AMN; ou canais legais que, sem a mão do Estado, veiculam versões extraoficiais da história, nem sempre presentes (quando não conflitantes) nos recortes propagados pela comunicação de massa. Antes de adentrar o enredo de *O Canal de Execução*, Priscila Pellegrino elucida:

É possível fazer uma comparação entre a narrativa e o mundo real, sendo que ambos estão mergulhados em uma desordem política, que inclui ataques aparentemente terroristas além da divulgação de teorias da conspiração, como também de contrainformações através da internet. (2010, p.68)

Sem demérito, há de se destacar diferenças sensíveis em comparação a AMN: enquanto essa obra possui uma verdade oficial e um mundo pacificado, essas possibilidades inexistem na obra de MacLeod, movida sobretudo pelo conflito. Cada um com seu próprio método, ambos são contemporâneos: Huxley pelas referências e preocupações de sua era; MacLeod pela referência aberta à própria década, a fim de situar o potencial leitor como alguém que poderia vivenciar uma *catástrofe provável em um futuro próximo* (itálico nosso, em paráfrase aos termos usados na dissertação de Pellegrino).

Ao explicar a trama de *O Canal de Execução*, ambientada na Grã-Bretanha, incluindo personagens com inclinação militar, conflitos globais que passam pela tecnologia dos anos 2000 e uma crise permanente, Pellegrino usa uma tradução de

próprio punho do livro de MacLeod. A arguição dela alcança um capítulo que narra a repercussão de uma explosão de uma bomba na cidade escocesa de Leuchars:

A posição oficial era a de que foi um acidente com uma arma tática nuclear.
 A posição semi-oficial era a de que foi um acidente com uma arma nuclear terrorista capturada no Iran.
 A posição não-oficial era a de colocar a culpa na Al Qaeda, nos franceses, nos russos e nos chineses, juntos ou separadamente.
 A teoria da conspiração elegida era a de ligá-la à história fabricada, há muito tempo, sobre o OVNI do Mar do Norte. P.35 (2010, p. 70)

A tecnocracia do Estado huxleyano tem um curso unidimensional, embora não tenha erradicado possíveis erros sistemáticos de sua existência – e esses “erros” são os personagens que colidem contra o ânimo geral, representado na frase *agora todos são felizes*. O retrato ficcional de Ken MacLeod, por sua vez, apresenta um confronto de verdades pré-fabricadas em um espaço carente de uma verdade e de um estado geral de felicidade, pois entrou em conflitos novos sem solucionar os antigos. A partir da leitura de Bessa, pode-se afirmar que a colisão de narrativas e suas verdades conflitantes permeia o século XX, representado nas ficções de Huxley e MacLeod.

2.1.4 Paradoxos modernos, amarras antigas

Partimos de uma colisão de narrativas para uma comparação. A dissertação *A modernidade em lugar nenhum: o mundo moderno revisitado pelos romances utópicos de William Morris, H. G. Wells e Aldous Huxley* foi apresentada como requisito do mestrado em Ciências Sociais da PUC-SP em 2011. Nela, o autor Rafael Pinto Morais relê a modernidade a partir das seguintes obras: *Notícias de Lugar Nenhum*, de William Morris, publicada em 1890; *Os Dias do Cometa* e *História do Futuro*, ambas de Herbert George Wells, respectivamente de 1906 e 1933; e *A Ilha*, mencionada neste capítulo, de 1962.

Pode-se dizer que o mestrando divide sua leitura em recepções calorosas à tecnologia (interpretação das obras de Wells) e preocupadas com o avanço da mesma (demais livros), estabelecendo um contraponto tão crítico quanto atemporal. Além de apresentarem tramas ambientadas em mundos reformados, nas obras escolhidas por Morais predomina o que ele chama razão esclarecida, como se ela, impulsionada pela presença crescente da tecnologia possibilitada pelo Estado, pudesse suplantar os problemas de uma sociedade desorganizada – infere-se, irracional.

Ao descrever *Os Dias do Cometa*, Morais observa:

A liberdade se constrói a partir de ações permeadas pela razão esclarecida, só aparece depois de imposta a organização estatal e quando os homens têm os atributos que ganharam da natureza ignorados, dominados e exterminados. Assim, o autor nos apresenta uma *liberdade um tanto paradoxal*, construída sobre pilares que estão muito mais ligados à coerção. (2011, p.80) (itálico nosso)

Destaque-se a frase *liberdade um tanto paradoxal*. A partir do trecho citado, pode-se interpretar que *Os Dias do Cometa* se aproxima de AMN, pois além da natureza ser suprimida, a liberdade sexual e de consumo são apenas outros mecanismos de controle em uma comunidade domesticada, sem direito a interpretá-los como coerção nem imaginar uma alternativa sem controle.

Também se pode interpretar a leitura de Morais como uma crítica aos meios de controle social, como ele atesta sobre o livro de Phillip Morris:

Na sociedade utópica de Morris, com a ausência da razão esclarecida e com a ação humana sustentada por outra lógica, abandona-se o hábito de forçar as coisas a viver uma existência que não é a sua, e a natureza externa aos homens também é preservada, também floresce em belas cores e formas e, de modo algum, precisa ser contida em uma luta de antemão perdida. (2011, p.74)

Não sendo mais necessário *forçar as coisas a viver uma existência que não é sua*, infere-se que a sociedade anterior à mudança apresentada na obra de Morris vivia em conflito. Mesmo o uso da razão, potencializado pela tecnologia, pode ser considerado um motivo.

Sem a razão imposta, é como se Morris criasse, em sua ficção, espaço para o florescimento das naturezas humana e ambiental, em busca de um destino final melhor quando comparado ao ponto de partida. Este, por sua vez, pode ser tanto o mundo do final do século XIX, considerando que a utopia de Morris foi publicada em 1890, quanto o entreguerras do século XX, vivido por Huxley.

Pode-se considerar que tal argumento equipara a obra de Morris à última ficção de Huxley, *A Ilha*. A ilha de Pala constitui uma sociedade cujos habitantes têm pleno espaço para desenvolver a si mesmos *na e com* a natureza. É como se, também pela falta de uma 'razão esclarecida', não houvesse necessidade de separar os humanos do meio ambiente, tampouco de uma paz imposta por meios que supostamente defendem a liberdade, quando apenas reforçam uma estrutura coerciva.

2.1.5 Distopias Dissonantes

O espaço físico e coletivo também é importante na dissertação de Diogo Cesar Nunes da Silva, apresentada em 2011 como trabalho conclusivo do mestrado em Psicologia Social na UERJ. O título é Denominada Histórias do Futuro e a arte do pensar-contrá: utopia, esperança e pessimismo distópico. Aproveitamos para retomar uma ideia apresentada no começo deste trabalho, pois o de Nunes da Silva utiliza um argumento pautado a partir das próprias palavras de lugar:

Eu-topos, bom-lugar, lugar-outro-melhor; *Dis-topos*, mau-lugar, pior-lugar. Se a projeção do *topos* no tempo futuro, exigência da utopia concreta moderna, encontra na literatura de “antecipação” um incentivador, por assim dizer, das intenções para/com o porvir, esta mesma literatura, se distópica, planta dúvidas quanto ao melhor-futuro da Modernidade. (2011, p.85) (itálicos do autor)

Antes mesmo dessa afirmação, citando Russell Jacoby, Nunes da Silva diz que o século XX nos deu um mau-lugar com as distopias de Huxley e de Orwell, pois ambas converteram a utopia em algo diabólico (expressão do autor, conforme p.84). Além de Jacoby, outro guia das afirmações e dúvidas presentes no texto de Nunes da Silva é Theodor Adorno, cuja influência pode-se identificar em mais um raciocínio:

Pois o fardo que pesa nas costas da literatura distópica, como “mão pesada” da consciência histórica, é a memória do futuro não realizado, da Esperança que morreu de véspera. Como fazer da linguagem e do discurso meio da ação, se foram corrompidas pela razão técnica e instrumental, contra a qual se quer lutar? Pergunta que Adorno se fez diversas vezes [...] e que reverbera na boca do poeta distópico. (2011, p.28)

Não por acaso, a linguagem empregada no *mau-lugar* projetado por Huxley é meio, mensagem e ação. Ela sinaliza um futuro imaginado, no qual a tecnologia e a ciência são usadas frequente e coercivamente, e esse amanhã ficcional se passa em um *dis-topos* tão eficiente em seu controle social que seus habitantes sequer têm um *topos* onde se abrigar, nem motivos para abandonar o espaço no qual são condicionados a viver.

A linguagem também simboliza um futuro ainda não realizado. Calçado nos anos 1920, o livro de Huxley apresenta uma projeção de um pessimismo em relação a um mundo que vivia, entre outros fatores, o rescaldo de sua primeira guerra mundial – seguida pela quebra da bolsa de valores. E, naquele momento pré-nazismo, ainda

sem conhecer quais problemas novos poderiam ser causados ao resolver problemas antigos por meios extremos.

Parte desse raciocínio pode ser vista em *1984*, a ficção de George Orwell publicada em 1949, também analisada por Nunes da Silva. O espaço coletivo e individual é (supostamente) protegido pelas teletelas, em uma paz vigilante que não esconde seus meios totalitários.

O *topos* de Eric Arthur Blair (nome de batismo de Orwell) é comandado por um Estado que reescreve a própria história. A linguagem e os fatos são reinventados e têm sua elasticidade e pluralidade reduzidas, privando seus habitantes tanto de lugares físicos em que possam agir sem receio da vigilância quanto de um espaço linguístico que os permita liberdade de expressão. Logo, tais signos representam problemas novos impostos a partir de uma (falsa) resolução de conflitos antigos.

Ambos futuros não se tornaram reais – nem aqueles imaginados nas demais ficções abordadas nas dissertações apresentadas ao longo da nossa pesquisa. Porém, conforme os argumentos de Huxley e análises posteriores de sua obra, parte de suas projeções passou a ocupar um *topos* fora das páginas.

2.1.6 As temperaturas controladas pelas mídias

A dissertação de doutorado em Comunicação Social apresentada em 2011 por Rudinei Kopp na PUC-RS, chamada *Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamiatin², Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury*, parte de um espaço ainda infante na época de AMN: o da mídia.

O trabalho de Kopp analisa o espaço que a mídia passou a ocupar em AMN e *1984*, mencionados anteriormente, e também nos livros *Nós*, de Eugene Zamiatin, de 1924; *Revoluções no Futuro*, de Kurt Vonnegut, de 1952; e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, de 1953.

O recorte temporal possibilitado por esse quinteto de livros foca na ampliação do espaço ocupado (e criado) pelos meios de comunicação em massa. O cinema era uma forma predominante de entretenimento nos anos 1920 e 1930, o lugar do rádio

2 Duas grafias desse sobrenome são apresentadas nesta pesquisa, conforme o trabalho acadêmico mencionado. No item 3.1.6, é Zamiatin; no item 3.1.9, Zamyatyn. Elas variam de acordo com a edição de *Nós* utilizada por cada pesquisador.

nas casas estava se estabelecendo, e, mais tarde, o surgimento da televisão também mudou o cotidiano em solos estrangeiros.

Acompanhando a leitura de Kopp, observamos as épocas marcadas a partir desses meios de comunicação, sem os quais a própria vida passaria a ser inimaginável.

O fenômeno [da ampliação da comunicação] propriamente dito estava em pleno andamento desde o começo do século. As décadas de 1920 e 1930 foram, por exemplo, chamadas como a “Era do Rádio”. A “Era da Televisão” começaria na década de 1950. O cinema viveu “eras douradas” de país para país, mas marcou principalmente as décadas de 1920 e 1930. (2011, p.25)

Outra mídia a se considerar é o jornal impresso, cujo desenvolvimento também foi notável durante a primeira metade do século XX. Ao contrário das mídias citadas há pouco, ele não precisava de eletricidade para ser usufruído – mas precisava de um conjunto de pessoas com um mínimo conhecimento técnico envolvidas sua elaboração, para depois ser comercializado em locais de ampla circulação de público. Deve-se considerar, também, que o sucesso dependia da alfabetização de seu público, e esta variava de um país a outro. A dissertação de Kopp apresenta subseções dedicadas a cada mídia de massa, e o jornal de papel não é exceção:

Mais jornais de sucesso popular vieram nessa sequência e o ritmo das tiragens - acompanhado do aperfeiçoamento técnico na preparação e na impressão dos jornais -, as facilidades de distribuição por conta das melhorias das estradas de ferro, o acesso a informações remotas através do telégrafo e a especialização de quem produzia a informação, transformaram a imprensa do século 19 e das primeiras décadas do século 20 num fenômeno social sem antecedentes. (2011, p.73)

No caso específico de AMN, o jornal impresso é apenas outro mecanismo de controle, pois embora os habitantes tenham acesso à comunicação por escrito, há tabloides exclusivos para cada casta, e apenas a comunicação oficial existe. Deve-se pontuar que tal canal de informação é instrumentalizado e tem presença marginal: não há qualquer estímulo para que os cidadãos leiam nem escrevam além do estritamente necessário, pois lendo, eles ficam sozinhos; sozinhos, não consomem. Mas há vários incentivos para que todos possam se entreter aos pares nos cinemas sensíveis e assistir às apresentações musicais – e perpetuar o condicionamento consumista e autorreferente sem restrição alguma.

Essa comunicação unilateral do Estado para os habitantes foi antecipada por Zamiatin em *Nós*, na figura do Jornal do Estado, única fonte de informações oficiais por meio da escrita. Tal forma é seguida fielmente pelo protagonista D-503, cujas próprias anotações, que compõem a narrativa, se baseiam na leitura dele.

Nesse ponto, Kopp diferencia como *Nós* e *1984* noticiam a própria história. No romance de Orwell, qualquer fato é apagado ou distorcido de acordo com a conveniência Estatal, cuja visão prevalece sobre qualquer versão da verdade. Mas no livro de Zamiatin, manifestações opostas à oficial existem – e abertamente subestimadas, como se fossem números irreais.

O Jornal do Estado, mesmo deixando bem claro o que é o “certo” e o que é o “errado” numa notícia, tende a “divulgar os fatos”: [...] A cerimônia foi marcada por alguns distúrbios provocados pelos inimigos da felicidade, que desse modo privaram-se do direito de ser tijolos dos alicerces do Estado Unificado, ontem renovados. Para todos é evidente que levar em consideração seus votos seria tão absurdo como incluir uma sinfonia magnífica e heróica a tosse de alguns doentes que casualmente se encontraram na sala de concerto... (p.137) (apud 2011, p.112)

Há dois aspectos marcantes evidenciados neste trecho. O primeiro, conforme argumentado há pouco, é a prevalência de uma versão unidimensional da realidade veiculada pela força Estatal, independente se ela inibe (AMN), sublima (*Nós*) ou distorce (*1984*) possíveis e ínfimas alternativas.

O segundo ponto é a diminuição do indivíduo a um número. O romance de Huxley fabrica pessoas como se fossem objetos na linha de produção, pois uma pessoa não pode ter tanta importância (em paráfrase a 2014, p.248). Seu antecessor, *Nós*, substitui nomes próprios por números e cargos – inclusive, o protagonista D-503 afirma categoricamente que dez pessoas representam um infinitésimo de terceira ordem, e pessoas são dispositivos. E o seu sucessor, pela pena de Orwell, reduz a existência de qualquer inimigo a menos de zero.

Ainda segundo a investigação de Rudinei Kopp, pode-se interpretar que *Fahrenheit 451*, conhecido pelas fogueiras de livros de sua trama, se vale de seus próprios recursos para reduzir a vida de seus cidadãos a números cinzas. O calor da tecnologia em ascensão é um deles.

Do excesso de estímulos proporcionado pela televisão às (escassas) conversas cotidianas pautadas pela publicidade do jukebox, uma interpretação possível é de que qualquer absorção profunda de conhecimento ou relação

interpessoal derrete em um superaquecimento sensorial. Afinal, a vida está preenchida por um calor sensorial (em paráfrase a uma expressão de Kopp).

Há de se considerar as observações de Kopp durante sua investigação acadêmica, equipara-las às obras ficcionais abordadas por ele – e também pelos demais autores mencionados nesta dissertação. A partir desse conjunto, pode-se afirmar que os recursos literários em questão identificam as origens de um fogo-fátuo, acendido por tecnocracias cujo calor derrete as alternativas extraoficiais, ao supostamente incinerar problemas antigos, mesmo às custas de uma queima de arquivo do passado e da própria humanidade.

2.1.7 Ilhas Incapazes

Dos espaços ocupados pelas mídias, conforme a subseção anterior, seguimos para uma equiparação entre duas ficções do mesmo autor. A dissertação de doutorado em Letras de Evanir Pavloski, nomeada Admirável Mundo Novo e A Ilha: entre o idílio e o pesadelo utópico, foi apresentada em 2012 na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ela aborda panoramas sociais e históricos das duas obras de Huxley classificadas como distopia: AMN e *A Ilha*.

Pontuam-se, inicialmente, as épocas de publicação de cada livro, mencionadas anteriormente neste capítulo. Enquanto buscavam alternativas para se reerguer, as sociedades também viam a consolidação de blocos de influência política, cultural e financeira, ressaltada no conflito capitalismo versus comunismo, durante os anos da Guerra Fria (1945-1989). AMN foi publicado quando o mundo buscava sair de uma turbulência, enquanto *A Ilha*, de 1962, reflete sobre um novo conjunto de crises.

O condicionamento populacional pode ser interpretado como tentativa de resposta às crises, cujos impactos desestabilizavam não apenas a economia e a política, como também uma ideia de mundo, em que qualquer conquista estava ameaçada. Porém, não há conflito se os atos da população são direcionados pela ação Estatal, quando esta se responsabiliza pelo condicionamento de seus habitantes de maneira a consolidar (e reforçar) a própria subsistência como mantenedora da nova ordem – e eliminadora dos conflitos de outrora.

Os espaços ficcionais apresentados pelas obras distópicas revelam a uniformização e o condicionamento individual como pressupostos fundamentais para a concretização da estabilidade defendida nas utopias tradicionais. (2012, p.30-1)

O raciocínio de Pavloski é calcado no de Isaiah Berlin, cuja explicação é:

Daí o protesto – e as antiutopias – de Aldous Huxley, Orwell ou Zamiatin (na Rússia do início da década de 1920), que pintam um quadro horripilante de uma sociedade sem atritos em que as diferenças entre os seres humanos são, tanto quanto possível, eliminadas, ou pelo menos reduzidas, e o padrão multicolorido dos vários temperamentos, inclinações e ideais humanos – em suma, o próprio fluxo da vida – é brutalmente reduzido à uniformidade [...] (BERLIN, 1991, p. 48-49) (apud 2012 p.30-1)

Em um dos capítulos iniciais de AMN, o personagem Mustaphá Mond evidencia como o ‘mundo antigo’ era problemático. Nessa época longínqua, existiam famílias de reprodução vivípara, monogamia e fidelidade, e a satisfação de ‘ter’ alguém estava longe de ser imediata - fatores responsáveis pela infelicidade e histeria gerais, de acordo com as palavras de Mond.

Mas esses retratos são de uma época passada. A época d.F., depois de Ford, erradicou os conflitos em larga escala, e passou a condicionar as atitudes de maneira a se antecipar aos poucos descontroles comportamentais ainda possíveis. Esse passado com problemas descontrolados é mencionado como longínquo, como se fosse apenas um lembrete do quão perfeito é o eterno presente perpetuado por Ford.

A situação de *A Ilha* se contrapõe parcialmente a isto. Pala simula uma nova reorganização social, também condicionada – mas não compartilha completamente a sensação de que ‘sua’ organização suprimiu os motivos conflitantes anteriores à própria existência, raciocínio implícito no mantra de AMN: “Agora todos são felizes”.

O molde palanês de felicidade permite que seus habitantes circulem dentro de seus vários grupos sociais, a fim de desenvolver suas habilidades e relacionamentos interpessoais. Sob novas influências, Huxley descreve uma ficção em que, mesmo sob controle, ainda se concede espaço para o aprimoramento individual.

A dissertação de Pavloski examina os recursos d’*A Ilha* e suas potenciais origens, inclusive os conflitos que põem em risco a própria existência de Pala, desde a convivência desta com o mundo exterior às contradições de seus próprios métodos.

Ao comparar as duas distopias, Pavloski afirma que

Tanto em *Admirável Mundo Novo* quanto em *A Ilha*, o poder dos mecanismos coercitivos e homogeneizadores da lógica do capital se revela massacrante, mas ainda incapaz de consolidar um processo de homogeneização completo e irrestrito. (2012, p.348)

A lógica de AMN é a de um mundo consolidado, autorreferente e coercitivo - mas com falhas, mesmo se esforçando para as diminuir e camuflar. *A Ilha*, por sua vez, demonstra uma sociedade em permanente conflito, também coercitiva e com menos meios de se perpetuar – mas igualmente em vias de uma tentativa de homogeneização, conforme seu enredo atesta.

2.1.8 Erradicando Sintomas de Personalidade

A análise de mais de uma obra literária também é um recurso recorrente na dissertação de Mestrado em história de Rafael da Cunha Duarte Francisco, nomeada *Nós somos os mortos: a estética do prognóstico na literatura realista distópica de Aldous Huxley, George Orwell e Yevgeny Zamyatin*³, e apresentada em 2014 na PUC-RJ. Partindo do que considera estética do prognóstico, ele questiona “qual é a especificidade do estatuto ficcional dessas obras?” (2014b, p.21), a fim de investigar como *Nós*, AMN e *1984* realizam um prognóstico a partir de seus recursos literários.

No tocante às afirmações sobre Aldous Huxley, destaca-se que Duarte Francisco considerou um argumento de Isaiah Berlin, mencionado na seção 2.1.7 deste capítulo, para quem as distopias são representações de uma crise de cultura. O mestrando também expôs uma leitura de AMN como sátira, como se o arcabouço retórico montado pela Soma de referências abertas aos anos 1930 e pelos recursos literários usados por Huxley satirizasse os métodos e crenças em voga, ainda que tal zombaria não esconda doses de cinismo e pessimismo do autor.

Porém, Duarte Francisco expõe tal interpretação, mas consideramos que não a endossa, pois a sua pesquisa considera fundamentais algumas informações biográficas do autor da distopia, a quem chama de entusiasta da ciência.

Expondo trechos de artigos de Huxley anteriores à publicação de sua distopia, e, também, ressaltando que ele poderia ter se dedicado à biologia se não tivesse tido um problema de saúde, pode-se considerar a pesquisa de Duarte Francisco como direcionada às preocupações de Huxley, então se encaminhando a uma representação da verdade para um futuro próximo.

3 Considerando que a edição de AMN usada como objeto de pesquisa da presente dissertação foi publicada em 2014, o trabalho acadêmico mencionado em 2.1.8 é referenciado como 2014b.

A questão da busca pela representação da verdade a partir da literatura configura-se como o ponto central da *estética do prognóstico*. Voltando um pouco no tempo, dos anos 1930 para a década de 1920, encontramos um ensaio intitulado "A falácia da fraternidade mundial" (*The Fallacy of World Brotherhood*), publicado em fevereiro de 1928 no qual Huxley discute os limites da sociedade de seu tempo em conciliar os interesses das mais diversas nações. Sua conclusão, uma vez mais, tem seu ponto de interesse no futuro, afirmando que "não devemos ser tão otimistas sobre a chegada do próximo milênio. (2014b, p.34)

O limite da conciliação exposto no trecho acima foi 'resolvido' nos termos ficcionais de Huxley: em um dos capítulos iniciais, sua Fordeza Mustaphá Mond, um dos Administradores do Mundo Novo, conta como o mundo pré-Ford cedeu até lenta e finalmente alcançar condições da felicidade e estabilidade gerais. A fraternidade mundial foi reconfigurada, embora possa ser interpretada como uma nova falácia ao se considerar os onerosos custos para se erguer a conciliação. Mas como a vida em AMN não é intolerável, os habitantes não têm plena consciência da própria vida humana como moeda de troca.

Se um personagem demonstra sintomas de personalidade⁴ em AMN ou nas demais obras analisadas por Duarte - *Nós e 1984*, ele se desvia das práticas discursivas benéficas ao bem-estar social. Pode-se interpretar as óticas dos protagonistas dessas distopias como claros sinais de que esses sistemas políticos ainda não alcançaram o grau de perfeição pregado e dogmaticamente aceito, não apenas por seus comportamentos destoarem, mas por suas próprias existências serem possíveis – e expulsas do paraíso totalitário.

Esses indivíduos não são corrigidos, pois isso demandaria que esses sistemas políticos reconhecessem a existência da própria noção de indivíduo, mas sim erradicados. (2014b, p.58)

Essa afirmação de Duarte Francisco sobre os protagonistas de AMN, *1984* e *Nós* esclarece e resume como esses sistemas conciliam os próprios interesses: um personagem deve se integrar à sociedade ou aceitar o exílio, quando não a própria morte. A frase *nós somos os mortos*, retirada do romance de George Orwell e usada no nome da dissertação, pode ser lida como um atestado mórbido do custo imaterial empregado na construção das distopias, cujas resoluções aniquilam a própria vida.

4 "[...] esses sintomas de personalidade", 1987, p.133

2.1.9 Espiral Desnorteada

Da integração massiva e totalizante apresentada na subseção anterior, caminhamos para algo que não se dissolve nas massas. O foco de A decepção em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, dissertação de Mestrado em Letras de Cláudio Marcos Veloso Júnior defendida em 2016 na Universidade Estadual de Londrina (UEL), não é algo, nem um sistema e menos ainda uma característica. É um indivíduo, justo esse tabu no universo asséptico e impessoal de AMN.

O indivíduo em questão é John, chamado à civilização por mero interesse. Bernard Marx, o Alfa-mais que predomina no terço inicial da trama, obteve permissão para viajar de férias até Malpaís, uma reserva indígena desprezada pela civilização, pois sob a ótica mercantil e geográfica, não compensava modernizá-la.

Para os moldes do mundo novo, Malpaís era primitiva o suficiente para manter práticas comunitárias envolvendo rituais religiosos, uma das muitas “coisas” descartadas no progresso. Não há centros de condicionamento nem tubos de ensaio em Malpaís, onde mulheres engravidam e amamentam suas crianças a céu aberto - e presenciar tal gesto horrorizou Lenina Crowne, uma mulher que aceitou viajar à reserva com Bernard Marx.

Após presenciarem um ritual de uma tribo local, os ‘estrangeiros’ conhecem um indígena, indignado por não ter tido chance de contribuir com a prática comunitária. Essa alma indignada era John – mais tarde chamado de Selvagem pelo narrador onisciente e pela sociedade.

À medida que se avança no enredo, se descobre que John é filho de Linda, uma Beta-Menos que se perdeu de seu par em uma viagem a Malpaís anos antes da trama acontecer. Linda nunca foi resgatada pela civilização, mas a civilização nunca saiu de seu interior. Ela conservou um manual de suas antigas funções consigo, e manteve-se fiel como pode ao condicionamento de sua classe, especialmente à promiscuidade - inquestionável no mundo novo, mas condenável e passível de morte na Malpaís regida por regras arcaicas.

Linda relutou em tornar-se mãe, resistência notada na recusa em aceitar o fato e essa nova palavra em sua vida. Contou o pouco que sabia a John, cujas dúvidas não foram saciadas pelo diálogo materno – e ela tampouco se preocupava, pois enquanto Beta-Menos, conhecia apenas o referente à própria (e abandonada) função e não tinha incentivo para novos interesses. Sua fidelidade ao mantra *cada um*

pertence a todos (2014, p.61) por pouco não lhe abreviou a existência, pois atraiu a fúria das vizinhas – sentimento também dirigido a John, que, conforme adolescência, se descobria sem lugar na tribo.

Bernard acredita poder se beneficiar disso, consegue autorização para levar John e Linda à civilização, e começa a sentir uma inédita aceitação unânime entre seus pares, às custas das “amostras exóticas” colhidas em Malpaís. Linda era menos importante, pois adoeceu devido ao seu resgate tardio, e sequer voltaria a trabalhar. Seu filho, por sua vez, era uma criatura exótica e senciente, cujo dever implícito era se entregar à admirável socialização nova.

Quanto mais o mundo civilizado avançava, mais John recuava. O consumo desenfreado, o entretenimento sem fim, as conversas rasas com os demais habitantes, nada o satisfazia nem o demovia de sua individualidade Selvagem, e um sentimento começou a se moldar nele: decepção.

Os cidadãos do Estado Mundial têm a intenção de fazer com que John comece a ter os mesmos hábitos que eles. Essa intenção pode ser considerada como uma forma de civilizar John. Ele não aceita esse processo de civilização. Esse fato aumenta a decepção de John com relação a essa sociedade. (2016, p.82)

Essa decepção aumenta até não caber no personagem, como dois fatos decisivos da trama entregam. O primeiro é quando John se cansa de atender às demandas de Bernard e recusa um convite para uma festividade (implícito dizer, uma festividade para o Alfa), quebrando o ciclo de aceitação social de Bernard às custas de seu visitante. Não por acaso, após essa ruptura, Bernard cultiva notória hostilidade contra o Selvagem, pois foi execrado por seus pares por causa da negativa. Mas este se regozija ao ver a velha personalidade azeda e antissocial de Bernard Marx voltar.

O segundo fato é quando John tenta se aproximar de Lenina, por quem se apaixona. Mas esse conceito e essa palavra não existem no vocabulário civilizado, pois as pessoas se consomem quando desejam, sem requisitos extras. Ao contrário de Malpaís, onde os casais se relacionam após um ritual de matrimônio – outra palavra cortada do léxico social, assim como todas as que podem acompanhá-la.

Seguindo a trama, pode-se interpretar que John acumula uma frustração após a outra. O mundo civilizado era um lugar ao qual sua mãe desejava voltar ardentemente, e o que ela contava deveria ter despertado a curiosidade do Selvagem. Mas além de não ter bastado, a expectativa dele foi frustrada, pois não se identificou

com os valores do mundo de Linda, e se descobriu, mais uma vez, sem lugar – e ele estava assim antes de sair de Malpaís.

Todos os lugares que a personagem habitou não foram adequados à sua forma de ser. John, dessa forma, continua a ser uma pessoa sem um lugar no mundo. Sua procura foi falida. Ele se torna um sujeito descentrado, ou seja, um indivíduo que não sabe quem realmente é e qual é seu lugar no mundo (2016, p.94)

Chamado de Selvagem por um mundo novo, excluído abertamente de uma tribo antiga, John se percebe alguém sem rumo nem identidade. O pouco que poderia chamar de “seu” se esfarela em fragilidade, suas tentativas de adequar-se sem abdicar à própria consciência são vãs, e uma decepção acachapante cresce em seu âmago mesmo quando ele julga ter começado um novo caminho, conforme narrado no capítulo final do livro.

A subseção anterior do presente capítulo comentou sobre uma dissertação intitulada “Nós somos os mortos”. Sob o prisma de que nenhum lugar seria realmente seu, John concordaria com tal assertiva.

2.1.10 Liberdade Entubada

A última dissertação brasileira a ser apresentada neste capítulo é de 2016. Ela se chama *Each one of us Goes Through life inside a Bottle: A Reading of Brave New World in the Light of Zygmunt Bauman's Theory*, cuja tradução pode ser *Cada um de nós vive dentro de um bocal: uma leitura de Admirável Mundo Novo à luz da teoria de Zygmunt Bauman*.

De autoria de Eduardo Vignatti Casagrande, foi apresentada como parte do mestrado de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Além de contextualizar AMN de acordo com as teorias do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, pode-se interpretar que a leitura de Casagrande corrobora o conjunto de abordagens apresentado até o momento.

Um aspecto deste capítulo reforçado pelo trabalho de Casagrande é a análise do consumismo desenfreado no livro de Huxley. Essa prática discursiva se estende dos objetos às pessoas coisificadas, da compra incentivada em dogmas hipnopédicos à troca de parceiros sexuais, como se fossem pedaços de carne ou peças de roupa, próprios para o uso instantâneo.

I consume therefore I am (2016, p.14) – *consumo, logo existo*, em referência à frase do filósofo René Descartes. A paródia pode ser estendida: consumo e descarto, logo existo. Conforme o trabalho de mestrado:

Similarly to other aspects of human life, relationships have been undergoing a commoditization process. In a society of consumers, where individuals are, above all consumers, relationships must follow the logic of consumerism (2016, p.82)

Semelhante a outros aspectos da vida humana, os relacionamentos têm passado por um processo de acomodação. Em uma sociedade de consumidores, em que os indivíduos são, acima de tudo, consumidores, os relacionamentos devem seguir a lógica do consumismo. (2016, p.82)

Esse raciocínio se pauta na modernidade líquida de Zygmunt Bauman, tanto pela reificação das pessoas, natural no racionalizado AMN, quanto pela efemeridade dos relacionamentos. Não por acaso, esses conceitos sequer têm espaço na comunicação distópica, também condicionada antes das crianças aprenderem a falar, quando ainda estão nos bocais e tubos de ensaio.

Pode-se interpretar, também, que a liquidez pregada no mundo civilizado é um, entre vários recursos, que substitui a necessidade de uma figura divina. Não apenas a mão Estatal direciona seus habitantes desde o nascimento, como há plenas condições materiais para todos cumprirem sua função e sua cota de compra.

Retoma-se um raciocínio da dissertação *Transtextualidade e dialogismo em Admirável Mundo Novo e Matrix*, abordada anteriormente na divisão 2.1.2 deste capítulo, cuja análise inclui *A República*, de Platão, também presente no trabalho de Casagrande. A caverna da distopia huxleyana é mantida pelas pilhas de itens comprados, e a pouca luz que entra é apenas a permitida pela palavra fordiana, pois a benevolência dele é suficiente para seus súditos. Ao argumentar sobre *A República* e sobre o Deus da Bíblia Cristã em relação à literatura, Casagrande diz que

Curiously, this biblical God plays the same role as Ford in *Brave New World* (2007), the Big Brother in *1984* (2003) among other centralizing figures in both utopian and dystopian literature. These figures tend to portray a supposedly benevolent ruler who can provide it all as long as individuals show absolute subservience. Though lacking the magic of the biblical writings displayed above, Plato's *Republic* is another attempt to devise a perfect society that would be guided by sheer reason. (2016, p.17)

Curiosamente, esse Deus bíblico exerce o mesmo papel como Ford em *Admirável Mundo Novo* (2007), o Grande Irmão em *1984* (2003) entre outras figuras centralizadoras em ambas literaturas utópicas e distópicas. Essas figuras tendem a representar um mandante supostamente benevolente que

pode providenciar tudo, desde que os indivíduos mostrarem absoluta subserviência. Mesmo sem a mágica dos escritos bíblicos dispostos acima, A República de Platão é outra tentativa de inventar uma sociedade perfeita que seria guiada pela razão pura. (2016, p.17)

A benevolência do Poder Estatal, representada na figura de Ford, concede ampla liberdade e prosperidade àqueles que aceitarem seus destinos quimicamente escritos em seus bocais. A própria existência foi reorganizada racionalmente do começo ao fim, mas os súditos do mundo civilizado não se revoltam nem tentam sair de seus destinos – independentemente de sua consciência de viver, metaforicamente, dentro de um tubo de ensaio.

2.2 Ensaio além-mar

Finda a exposição dos trabalhos acadêmicos brasileiros que compõem parte da nossa pesquisa, apresentamos publicações estrangeiras que abordaram a distopia em questão.

2.2.1 O Soma dos Artigos

Considerando a avaliação de Samir Machado de Machado, que vê a recepção contemporânea de AMN como uma mudança de cânone (argumento a ser detalhado na próxima seção), iniciamos esta seção pela obra *Aldous Huxley and Brave New World* (*Aldous Huxley e o Admirável Mundo Novo*), coletânea editada pelo crítico norte-americano Harold Bloom (1930-2019). Publicada em 2004, esta seleta de ensaios começa com uma introdução escrita por Bloom, e ele relaciona as potenciais origens do livro às consequências da Primeira Guerra Mundial (1914-8):

Huxley's descriptions of this future war are clearly informed by the recent (to him) conclusion of World War I. Shocking the world by its violence and destruction, the War was followed by severe economic problems that showed no signs of easing in 1932, when *Brave New World* was published. Huxley's imagined society holds great relevance for his generation, for it is the result of a social and economic situation that surrounded them already. (2004, p.31)

As descrições de Huxley desse futuro claramente foram informadas pelas recentes (para ele) conclusões da Primeira Guerra Mundial. Chocando o mundo por sua violência e destruição, a Guerra foi seguida por severos problemas econômicos que não mostraram sinais de alívio em 1932, quando *Admirável Mundo Novo* foi publicado. A sociedade imaginada de Huxley vê essa geração com grande relevância, pois é o resultado de uma situação social e econômica que já a cercava. (2004, p.31)

Bloom também destaca a manipulação populacional, motivo de receio caso houvesse um governo inescrupuloso o suficiente para tanto. O crítico destaca uma entrevista que Huxley concedeu em 1962, na qual o autor fala que a tecnologia poderia endurecer as pessoas e as condicionar em uma uniformidade (2004, p.13).

Somado a isso, vários artigos desta coletânea abordam a ficção a partir de seus contextos sociopolíticos, pontuando desde o medo do gás mostarda, medo aprendido durante a Guerra e substituído por outros receios nos anos 1920 (em paráfrase a 2004, p.31) até as possíveis soluções buscadas na década seguinte ao conflito bélico. Afirmamos isso a partir do artigo Peter Bowering on Huxley' use of Soma (Peter Bowering a respeito do uso de Soma de Huxley, em livre interpretação), do qual emprestamos o seguinte argumento:

The rulers of *Brave New World* [...] had subsidized two thousand pharmacologists and biochemists to search for the perfect drug. Soma was the product of six years' research; euphoric, narcotic, pleasantly hallucinant, it had all the advantages of alcohol and none of the defects, but there the resemblance ended. To the inhabitants of Huxley's utopia the Soma habit was not a private vice but a political institution. The World Controllers encouraged the systematic drugging of their own citizens for the benefit of the state. (2004, p.70)

Os mandantes do Admirável Mundo Novo [...] subsidiaram dois mil farmacologistas e bioquímicos para procurar a droga perfeita. O Soma foi o produto de seis anos de pesquisa; eufórico, narcótico, prazerosamente alucinante, tinha todas as vantagens do álcool e nenhum de seus defeitos, mas aí as semelhanças acabam. Para os habitantes da utopia de Huxley, o hábito de usar Soma não era um vício privado e sim uma instituição política. Os Controladores Mundiais encorajaram o entorpecimento sistemático de seus próprios cidadãos em benefício do Estado. (2004, p.70)

A partir disso, pode-se interpretar o Soma como uma medida estatal, mais do que um mero alívio ou droga legalizada. Não há pudor nem limite para o consumo do Soma (cujo nome, sintomaticamente, significa *corpo* em grego), e o pior efeito colateral possível é um sono prolongado – depois do qual o cidadão pode voltar ao seu trabalho e ao seu lazer infinitamente. Um personagem de suma importância nesta ficção define o Soma como “cristianismo sem lágrimas” (2017, p.283), e também é possível interpretar a felicidade do medicamento como um meio de controle, mesmo ela sendo um estado artificial, induzido externamente.

Também pontuamos a palavra usada por Bowering para descrever AMN: utopia. Anteriormente, explicamos o termo distopia (mau lugar) como classificação da obra. Porém, parte do livro editado por Bloom abre outra interpretação, como se, entre

os principais motivos para se escrever a obra, Huxley pudesse desencorajar e até desacreditar as escritas utópicas com as quais estava acostumado (2004, p.73).

O artigo em que se levanta essa hipótese também afirma uma possível sátira de trabalhos utópicos combinada com os ensaios de Huxley durante os anos 1920, como se o autor rascunhasse, involuntariamente, o corpo temático do romance antes que este tomasse a forma conhecida. Levantamos argumento semelhante na seção 2.1.8, em que o artigo *Falacy of Human Brotherhood* foi a fonte; no caso da pesquisa analisa nesta subseção, se assume como pontos de partida as colunas de *Music at Night*, seleta de artigos de Huxley publicada nos anos 20.

Consideramos que tanto artigos estrangeiros, à maneira dos reunidos no livro por Harold Bloom, quanto brasileiros, conforme a subseção anterior, alcançaram conclusões semelhantes partindo de artigos distintos. Logo, a partir da união dessas pesquisas, declaramos ser possível acreditar que os anos 1920, em toda a sua extensão (tanto de si quanto das consequências herdadas da Primeira Guerra), são retratados parcialmente pelo conjunto temático recriado em AMN.

2.2.2 Filosofia Totalitária

Aos meios totalitários empregados ficcionalmente e à interpretação da subseção anterior, podemos acrescentar alguns raciocínios demonstrados em *Huxley's Brave New World: Essays (O Admirável Mundo Novo de Huxley: Ensaios*, em livre interpretação), coletânea de artigos editada por David Garrett Izzo e Kim Kirkpatrick e publicada em 2008. Um deles é um reforço à interpretação de AMN como um livro escrito em resposta a contextos totalitários específicos:

Coleman Carroll Myron believes that in *Brave New World* Aldous Huxley responds to specific dictatorships around the globe born out of economic necessity, global warfare and social chaos by wrestling not only with the root of the issue but also with the complexities that individuals living in such societies face. Although totalitarian manipulation of the masses can take many forms, the end result is inertia that stifles both the individual and society. (2008, p.6)

Coleman Carroll Myron acredita que em *Admirável Mundo Novo* Huxley responde a ditaduras específicas ao redor do globo, nascidas da necessidade econômica, do estado de guerra mundial e do caos social por lutarem não apenas contra a raiz dos problemas, mas *também com as complexidades encaradas por indivíduos que vivem nessas sociedades*. Ainda que a manipulação totalitária possa ter muitas formas, o resultado final é uma inércia que sufoca tanto o indivíduo quanto a sociedade. (2008, p.6) (itálico nosso).

Por complexidades encaradas por indivíduos que vivem nessas sociedades, pode-se entender o conjunto de preocupações empregatícias, residenciais, domésticas, pessoais e demais categorias. Em maior ou menor escala, todas foram afetadas pelos contextos em larga escala. Observa-se isso nos países que exportavam produtos para outros mercados consumidores (Estados Unidos) e também nos que, progressivamente, assistiam o levante de movimentos cujos passos, posteriormente, cruzaram fronteiras, como na Itália, de onde Aldous e sua esposa Maria Nys saíram por sentirem o país muito sangrento para se viver (2002, p.139-40).

Tais situações incluem, mas não se resumem a, o consumo, o acesso ao entretenimento e a presença crescente de então novos itens domésticos, por exemplo. A elas, pode-se acrescentar um conjunto importante de atos que o próprio Aldous chamou de filosofia: o fordismo.

As linhas de produção em massa, os meios de se garantir a permanência dos funcionários e monitorar suas ações mesmo fora da empresa, a mecanização imposta de cima para baixo e os demais valores reconvertidos pelo paternalismo Fordista compuseram um sistema próprio de ação, cuja prática visava manipular para tolher o pensamento, a iniciativa e a criatividade individuais, além de abertamente se opor à história e qualquer gesto que não direcionasse ao consumo.

Mesmo representando uma alternativa para os Estados Unidos se reerguerem das consequências da Primeira Grande Guerra, essa *filosofia* também criava problemas novos enquanto alegava resolver os antigos. No artigo *Laboring for a Brave New World: Our Ford and the Epsilons (Trabalhando por um Admirável Mundo Novo: Nosso Ford e os Epsilons)*, Scott Peller destaca a existência de classes trabalhadoras em AMN como oposição às castas mais elevadas, como se as mais baixas da ficção representassem esferas sociais a serem agraciadas com o auxílio controlador de nosso Ford (em paráfrase a 2008, p.62). Além disso, Peller ressalta:

By the end of the 1920s, American industry and consumer culture had come to dominate the Western world: "THE FUTURE OF AMERICA is the future of the world. Material circumstances are driving all nations along the path in which America is going" (Huxley, "Outlook for American Culture" 186). Huxley's critique of the "material circumstances" embodied in 1920s America appears in *Brave New World* through the depictions of a society predicated on abundance, mandatory guilt-free sexual relations, a caste system based on knowledge limits, and the ongoing insipid music, dancing, and senseappealing entertainments. Huxley locates this drive toward conformity and the banality of mass culture in the mass-production manufacturing and assembly process fathered by Henry Ford and expressed in the development

of the Model T automobile. For Huxley, the America driving the material circumstances is an economic, social, and cultural phenomenon identified as Fordism. (2008,p.63)

Pelo fim dos 1920s, a indústria [norte-]americana dominou o mundo ocidental: “O FUTURO DA AMÉRICA é o futuro do mundo”. Circunstâncias materiais estão levando todas as nações ao longo do caminho no qual a América está andando. (Huxley, Panorama da Cultura Americana, 186) A crítica de Huxley às “circunstâncias materiais” incorporadas na América dos 1920s aparece em Admirável Mundo Novo através das descrições de uma sociedade prescrita pela abundância, pelas relações sexuais sem culpa e obrigatórias, por um sistema de castas baseado nos limites do conhecimento, e pelas constantes músicas insípidas, dançantes, e sensorialmente apelativas do entretenimento. Huxley localiza essa direção rumo à conformidade e a banalidade da cultura de massa na produção em massa manufaturada e no processo de montagem paternalizados por Henry Ford e expressos no desenvolvimento do Modelo T. Para Huxley, a condução americana das circunstâncias materiais é um processo econômico, social e cultural identificado como fordismo. (2008, p.63)

Essa filosofia e seu autor foram alvo de queixas de Aldous, tanto em artigos de *Música na Noite* como em AMN. De acordo com os argumentos de Peller, o romancista e ensaísta criticou duramente o sistema estabelecido por Henry Ford, no qual as vidas de trabalho mecânico e repetitivo e os objetivos de conforto material triunfaram sobre qualquer ímpeto de investigação intelectual e autorrealização (2008, p.63). Na leitura de Peller, portanto, pode-se ler AMN como um protesto contra um conjunto de fatores dos anos 1920, elaborado com recursos literários a respeito de uma mecanização criada para inibir tanto as raízes dos problemas quanto aquilo que possibilita a solução deles: o esforço individual e a criatividade humana.

2.2.3 Em defesa do indivíduo

Aos argumentos da subseção anterior, focados no impacto da filosofia Fordista sob a vida individual do trabalhador (usando a descrição do próprio Aldous), pretendemos acrescentar informações extraídas da biografia *Aldous Huxley: an English Intellectual (Um intelectual Inglês)*, de autoria de Nicholas Murray.

Não é nosso objetivo narrar a vida completa do autor, a ser brevemente apresentado na seção 2.3, porém, selecionamos nesta etapa apenas excertos que possam alicerçar a nossa interpretação a respeito da ficção analisada em nossa pesquisa. Um deles se relaciona às classes, pois, segundo Murray, Huxley simpatizava com o proletário industrial:

[...] forced to perform unrewarding production line tasks, and then provided by the cultural industries in their leisure with 'distractions as mechanically stereotyped and demanding as little intelligence and initiative as does our work'. Huxley wanted the ordinary man and woman to have the opportunities for mental stimulation and imaginative and intellectual freedom which highly cultivated people like himself enjoyed. (2002, p.160)

[...] forçado a executar tarefas nada gratificantes na linha de produção, e então alimentado em seu lazer pelas indústrias culturais com 'distrações tão mecanicamente estereotipadas e exigentes quanto pouco inteligentes e de pouca iniciativa como o nosso trabalho'. Huxley desejava que os homens e mulheres comuns pudessem ter oportunidades para o estímulo mental, e imaginação e intelectos livres que pessoas altamente instruídas como ele mesmo apreciavam. (2002, p.160)

O julgamento dele, segundo Murray, era o esperado de um literato inglês de classe média alta (idem, p.187). Nele se inclui a antipatia às novas formas culturais de sua época, responsáveis por manifestações repetitivas e/ou mecanizadas que renunciassem à criatividade artística humana. Há vários juízos de valor implícitos nesses raciocínios, pois mesmo a defesa da capacidade de se surpreender implica um ataque à cultura então vigente, conforme segue:

All the resources of science are applied in order that imbecility may flourish and vulgarity cover the whole earth.' Machinery of this kind would standardise ideas globally and make people passive consumers - 'It removes man's incentive to amuse himself.' (2002, p.210)

Todos os recursos da ciência são direcionados de modo que a imbecilidade possa florescer e a vulgaridade possa cobrir a terra inteira. Um maquinário desses poderia padronizar as ideias globalmente e transformar as pessoas em consumidoras passivas – e remover do homem o incentivo a se entreter'. (2002, p.210)

Não pretendemos endossar os juízos de valor de Huxley nem de seu biógrafo, pois além de não ser o escopo de nossa pesquisa, há muitas diferenças de contexto, condições de aprendizado e de acesso à cultura, independente do seu estado. Porém, no que concerne à nossa construção, a exposição dos raciocínios acima permite entender a franca oposição aos meios massificadores, sejam eles totalitários, culturais, laborais ou uma combinação desses fatores.

2.2.4 Um estudo por meio dos romances

O nome do livro *Aldous Huxley and the search for meaning - a study of the eleven novels (Aldous Huxley e a busca por um sentido – um estudo dos onze romances)*, de Ronald T. Sion, entrega seu propósito de imediato. Porém, o método

não consiste em análise cronológica linear, pois o autor reúne os onze romances em grupos temáticos.

In his early novels (*Crome Yellow*, *Antic Hay*, *Those Barren Leaves* and *Point Counter Point*), he satirizes a shameless world of frivolous pleasure seekers. In *Eyeless in Gaza*, *After Many a Summer Dies the Swan*, and *Time Must Have a Stop*, he ridicules the absurdity of materialism; in *The Genius and the Goddess*, he scoffs at the combative duplicity of human nature. Finally, the whole system of thoughts, values, and purpose of human civilization are satirically questioned in Huxley's worlds of future possibilities as depicted in *Brave New World*, *Ape and Essence*, and *Island*. (2010, p.19)

Em seus romances iniciais (*Amarelo Cromo*, *Geração Devassa*, *Essas Folhas Inúteis* e *Contraponto*), ele satiriza um mundo desavergonhado de quem busca prazeres frívolos. Em *Sem Olhos em Gaza*, *Também o Cisne Morre* e *O Tempo deve Parar*, ele ridiculariza o absurdo do materialismo; em *O Gênio e a Deusa*, zomba da duplicidade combativa da natureza humana. Finalmente, todos os sistemas de pensamentos, valores e propósitos da civilização humana são satiricamente questionados nos mundos de futuras possibilidades de Huxley, como retratados em *Admirável Mundo Novo*, *O Macaco e a Essência* e *A Ilha*. (2010, p.19)⁵

Compartilhamos parte do raciocínio de Sion. Agrupar os romances por seus temas predominantes é um entre vários caminhos de pesquisa, e por motivo semelhante, alguns trabalhos citados em nossa construção abordaram AMN e *A Ilha*. Porém, algumas características apontadas por ele no trecho acima podem ser estendidas à distopia.

Conforme a exposição em 2.2.2 e 2.2.3, Huxley se queixava do entretenimento padronizado nos anos 1920, e também do que considerava uma mudança (para pior) em padrões comportamentais, redirecionados à satisfação material (de acordo com seus termos). Ambos fatores estão presentes em sua distopia, pois a interpretação dela como sátira é tão possível como a de uma visão pessimista de um futuro possível, cujos caminhos, resumidamente, foram afunilados para um único fim.

Mas há de se considerar os métodos empregados em cada romance e suas respectivas temporalidades. Não pretendemos descrever cada romance de Huxley neste espaço, pois não compreende o nosso escopo; mencionamos brevemente apenas características que acreditamos auxiliar em nossa explicação. O próprio Sion, em sua avaliação dos onze romances, descreve que

It is also important to note how accurately successive novels by Huxley reflect the social and intellectual crosscurrent of the times. At first, in the 1920s, Huxley was to write satiric novels of social criticism that depicted the long-

⁵ Usamos os nomes dos livros de acordo com suas publicações no Brasil, não necessariamente de acordo com a tradução mais fidedigna de seus títulos.

range social and moral effects of World War I. These stories revealed how the loss of faith and idealism results in a self-centered culture seeking only material pleasures. Indifferent to any responsible role that they might play in their own destiny, people accepted years of financial depression and tolerated a government with no interest in social reform. (2010, p.19)

Também é importante notar o quão acertadamente os romances de Huxley refletem as correntes sociais e intelectuais dos tempos. Primeiro, nos 1920s, Huxley escreveu romances satíricos de crítica social que retrataram o longo alcance dos efeitos sociais e morais da Primeira Guerra Mundial. Essas histórias revelaram como a perda de fé e de idealismo resultaram em uma cultura autocentrada que só buscava prazeres materiais. Indiferente a qualquer papel responsável que pudessem desempenhar em seus próprios destinos, as pessoas aceitaram anos de depressão financeira e toleravam governos sem interesse em reforma sociais. (2010, p.19)

Novamente, pontuamos concordar apenas parcialmente com os argumentos de Sion. Os recursos literários dos romances iniciais diferem de AMN no sentido de não re-construírem um mundo ficcional de maneira tão sistemática quanto a distopia, também conhecida pela onipresença tecnocrática que, além de apontar possíveis usos e desmandos feitos com a própria ciência, permitem a leitura de um uso coercivo, não-violento e político da mesma.

Os temas abordados nos artigos do ficcionista podem ser interpretados como prévias e até mesmo ensaios para sua incursão romanesca. Por sua vez, a veia satírica esteve presente desde sua estreia, e, no caso de AMN, foi direcionada às paródias, à maneira dos nomes e sobrenomes dos personagens e dos locais deste mau lugar imaginário, como um entre vários recursos a enfatizar a representação dos anos 1920 e começo dos 30 em suas variadas esferas.

2.2.5 Um ideal diluído em Letras

A esfera social focada na obra *Aldous Huxley: The Political Thought of a man of letters* (*O Pensamento Político de um Homem de Letras*), de Alessandro Maurini, é a política. Maurini explora vários ensaios pré-AMN para estabelecer seu raciocínio, além de considerar a distopia como um manifesto, mesmo não considerando o ficcionista inglês um autor rigidamente sistemático em termos de teoria política. Inclusive, Maurini vê Huxley como alguém que escolheu propagar um ideário por meio dos romances em vez de se resumir ao gênero ensaístico, pois este alcança um número mais restrito de leitores (conforme 2017, p.14), e podemos combinar tal raciocínio com o termo *romance de ideias*, mencionado em 2.1.1.

Porém, se a ficção é encarada como um meio para comunicar ideias, também se pode interpretá-la como canal para combater outras. Alicerçamos tal raciocínio no fato de que, entre as referências coletadas por Maurini, é notável a obra *Men Like Gods* (Homens como Deuses), de Herbert George Wells, publicado em 1923. Esta utopia de Wells é lida como um manifesto de fé [cega] no desenvolvimento científico, frontalmente atacado no manifesto político-ficcional de Huxley.

Herbert George Wells's *Men like Gods* is the polemical source for *Brave New World*, which represents the most radical form of criticism of utopia in the terms of unconditional faith in scientific and technological progress. In general, *Brave New World* is a representation of the reflection on science that was of intense interest to British intellectual circles of the time: the novel intercepts and expresses the "panic" commonly facing many of Europe's intellectuals, who endeavored to close ranks in a form of conservative humanism in the face of the latent inability "to understand the instances and prospects of the new developments in history"—constituted by mass society, Fordism, and the failure of the faith in scientific and technological development. (2017, p.15-6)

Homens como Deuses, de H. G. Wells, é a fonte polêmica para AMN, que representa a forma mais radical de crítica da utopia nos termos de uma fé incondicional no progresso científico e tecnológico. Em geral, AMN é uma representação de um reflexo da ciência que era de intenso interesse dos círculos intelectuais britânicos da época: o romance intercepta e expressa o "pânico" comumente encarado por muitos intelectuais europeus, que se esforçaram para se aproximar de uma forma de humanismo conservativo em face da latente inabilidade de "entender as instâncias e prospectos dos novos desenvolvimentos da história" – constituídos pela sociedade de massa, pelo fordismo, e pela falha da fé no progresso científico e tecnológico. (2017, p.15-16).

Ao longo de nossa arguição nesta pesquisa, abordamos o tratamento (e as invectivas) dispensado a vários componentes do que nos permitimos chamar de arcabouço retórico de Huxley. A *falha na fé do progresso* é um entre vários recursos empregados pelo ficcionista para classificar pejorativamente sua década, também marcada pela perda da iniciativa individual, mecanização dos lazeres e do labor, e pela *filosofia* Fordista, cujos meandros expusemos anteriormente.

Esta fé, abordada com entusiasmo por Wells em sua produção e rebatida em AMN, não está isolada dos demais fatores: é uma crença em um progresso capaz de solucionar os problemas em curso e futuramente possíveis de sua sociedade. Porém, implica um conjunto de meios técnicos e custos imateriais em sua aplicação – meios que, por vez, não são autônomos nem se reproduzem espontaneamente, pois há um poder político responsável por sua execução e pela propagação de seus ideais.

Em seu livro, Maurini investiga ainda mais fontes e as enumera como fundamentais na composição do ideário político de Aldous Huxley. Não é nosso

objetivo as expor em toda sua extensão, pois nos desviaríamos de nossos objetivos principais. Porém, pontuamos que a análise de Alessandro Maurini esclarece um aspecto presente em AMN justamente por ser apagado.

Com a mão de nosso Ford dirigindo todas as estradas da vida individual (apagada) e coletiva (redirecionada) em solo distópico, os personagens sequer precisam eleger um representante de si mesmos, tampouco debater uma falta de fé ou qualquer outro sentimento negativo. Eles têm as bênçãos de Ford, dadas em um eterno e indiscutível presente. Ainda emprestando o vocabulário de Maurini, pode-se interpretar que AMN combate uma fé cega no progresso por meio de uma recriação não menos temerosa de um futuro possível, no qual nem mesmo os ideais e as crenças têm espaço.

2.2.6 Acompanhar o Tempo

Após apresentar trabalhos acadêmicos brasileiros e estrangeiros que avaliam a produção escrita de Aldous Huxley, nos encaminhamos para o final desta subseção. Ao longo de nossa exposição, buscamos mostrar a pluralidade de leituras sobre e a partir de AMN, pois acreditamos que o conjunto de temporalidades e de repertórios abordados contribui não apenas para o nosso trabalho, mas também para potenciais pesquisas futuras a respeito da produção Huxleyana.

O quinto romance de Huxley foi comparado com outras ficções tão calcadas em futuros imaginados terríveis quanto as causas que levaram seus autores a escrevê-las. Porém, isso não exclui a potencial influência dos demais fatores na composição (e na reinterpretação) da obra, à maneira do mencionado em 2.2.5, cuja fonte de referência é a utopia *Men like Gods*, de H. G. Wells. Os anos 1920 ainda colhiam tentativas de se reerguer após a Primeira Guerra, cujos desdobramentos fatalmente se estenderam até o final da década seguinte – aos quais, inclusive, podem-se acrescentar consequências de novas crises, como a Quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929.

Podemos interpretar a produção escrita de Huxley como uma entre várias maneiras de refletir a respeito desta temporalidade. Simultaneamente às várias novidades materiais, se construía um ideário a ser acoplado a uma ideia de progresso. Porém, a partir das publicações de Huxley, podemos interpretar que avaliar as condições, o alcance e as consequências deste avanço é tão necessário (se não mais)

quanto aceita-lo passivamente, principalmente às custas das iniciativas individuais. Acreditamos que a combinação de argumentos teóricos, somada às nossas explicações da trama, sumarizadas no terceiro capítulo desta pesquisa, tem potencial para reforçar essas reflexões das temporalidades a partir do livro.

2.3 Tudo será mediado agora

Conforme descrito anteriormente na Introdução, o presente capítulo apresenta informações biográficas e profissionais de Aldous Huxley, à medida que possam ser relacionadas à sua produção literária e ajudar a compreendê-la.

2.3.1 A gênese de um autor-mediador

Aldous Leonard Huxley nasceu em 1894, em Godalming, na Inglaterra. Seu avô Thomas Henry Huxley era um cientista autointitulado “buldogue de Darwin”, e seus irmãos Julian e Andrew foram biólogos. Dado tal histórico familiar, seria natural imaginar que o próprio Aldous também se inclinaria à biologia ou a uma área afim.

Porém, ele contraiu ceratite em sua juventude, e tal inflamação ocular o deixou parcialmente cego. Ainda que tal condição tenha sido remediada com a medicina disponível à época, as sequelas acompanharam o autor em toda sua vida, do uso de lentes de contato a potenciais tratamentos alternativos. Mas os cuidados necessários à vista forçaram o jovem Aldous a se desviar de suas intenções originais – cogita-se, segundo seu irmão Julian, estudar medicina. Logo, ele graduou-se em letras no Balliol College de Oxford, casou-se com a belga Maria Nys (1899-1955) e viveu parte de sua vida na Itália durante os anos 1920, antes de se mudar com sua família para Los Angeles em 1937, onde ficou até falecer, em 1963.

Ao longo dos anos, Aldous Huxley exerceu diversas atividades profissionais. Foi professor por um curto tempo no colégio de Eton. Inclusive, lecionou para um também jovem Eric Arthur Blair, com quem trocava correspondências anos mais tarde, quando este se tornou conhecido pelo pseudônimo literário George Orwell.

Destaca-se que o próprio Huxley escreveu roteiros de cinema – ainda que não tenha sido seu principal emprego. Porém, pode-se considerar a visão do autor em relação a tal categoria de arte como presente em suas obras, pois, além de AMN parodiar o ascendente cinema dos anos 1920, outra produção sua tem referências à

sétima arte. A estrutura de *O Macaco e a Essência*, sua ficção de 1948, lembra parcialmente um roteiro de filme, inclusive pelas descrições visuais.

Huxley também foi articulista de periódicos como a *Vanity Fair*, o *Athenaum*, a *Westminster Gazette*, *The London Mercury* e a *Vedanta and the West*. Suas colaborações com a *Vedanta* se vinculavam às filosofias orientais, com as quais desenvolveu ampla ligação, principalmente na segunda metade de sua vida. Dela, pontuamos seu livro *A Filosofia Perene*, de 1955, pois pode ser descrito como uma enciclopédia particular de filosofia, onde ele disserta sobre tais sistemas de crença e suas obras principais.

As colunas, por vez, anteciparam involuntariamente a publicação de AMN, e eram um micro espaço no qual discutia sobre temas que julgava serem de macro importância. Genética, sociedade, crescimento populacional e demais tópicos eram abordados em seus artigos, que, em retrospecto, podem ser lidos como “ensaios” para uma publicação posterior, então embrionária.

Além do potencial efeito dessas informações profissionais, pontua-se que o espaço onde Huxley nasceu e cresceu também influenciou sua visão. Além do envolvimento de familiares com a biologia, a convivência com diversas camadas sociais da Inglaterra e os acontecimentos mundiais se fazem presentes, em maior ou menor evidência. De acordo com Evanir Pavloski,

Ainda que sustentada por meio de mecanismos biológicos, químicos e psicológicos, a rígida estrutura social distópica criada por Huxley apresenta semelhanças com a Inglaterra do início do século XX, onde aos membros da chamada “rulling class” cabiam o direito e o dever de conduzir o destino de toda a nação. Embora pertencente a tal camada social, Huxley progressivamente se afasta de um ideal de legitimação do poder burguês, evidenciando ao mesmo tempo clara preocupação com a desigualdade social e esperança arraigada nas possibilidades humanas de construir uma sociedade mais justa. (2012, p. 4)

Há dois recursos particulares de AMN que podem ser relacionados a tal assertiva. O primeiro é a divisão social, “justa” dentro dos moldes distópicos, pois solucionou problemas do mundo antigo como a pobreza e o desemprego. Mas eliminou qualquer alternativa a si mesma e a chance de mobilidade social – conceito e léxico inexistentes nessa ficção de Huxley.

O segundo se reflete em detalhes cotidianos, à maneira do mencionado anteriormente *O Espelho dos Deltas*; no cinema sensível, clara referência ao entretenimento em voga nos anos 20; aos concertos, esportes e demais atividades

disponíveis aos habitantes. Embora transmitam uma sensação de suficiência de entretenimento para todos, essa liberdade paradoxal funciona como um meio de manter e reforçar o rígido discurso civilizatório.

Pode-se adicionar uma representação fictícia de seus equivalentes do mundo real, partindo do argumento de Rudinei Kopp:

Não há menções no texto de Huxley a respeito de outras cidades do Estado Mundial que tenham essa estrutura dedicada à produção e à difusão de conteúdo para os meios. Esse conjunto projetado por Huxley pode ser imaginado como uma espécie de mistura entre três matrizes correntes no período. Lembra, materialmente, a BBC, os sistemas de estúdios de Hollywood e os veículos oficiais dos países totalitários. Quanto às finalidades, também não há uma matriz “pura”, já que o estímulo ao consumo é bem adaptado a uma caracterização capitalista, mas os movimentos moralizantes se parecem mais com aquilo que a propaganda nazista fará poucos anos depois de *Admirável*. (2011, p.138) (itálico do autor)

Ressalta-se que Huxley viveu durante as duas grandes guerras mundiais, e também nos anos iniciais da Guerra Fria. Na coletânea de ensaios *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, publicada em 1948, o próprio autor comenta que o terrorismo sistemático (ainda) não era uma obsessão em 1931, ano de escrita de AMN, antes da ascensão dos tiranos da Alemanha e da Rússia.⁶

A atuação estatal, personalizada em uma figura política tão benevolente quanto impositiva, se aproxima de uma onipresença na distopia de Huxley. Porém, sua manipulação acontece pela coerção sutil em vez da tomada de poder por meio de força bruta, como se esta representasse um medo relacionado à então única guerra mundial da década anterior.

Em retrospecto, os recursos literários empregados para retratar a propaganda oficial também podem ser interpretados como representações dos anos anteriores e posteriores à publicação de AMN, considerando o possível uso da tecnologia então disponível: reforço discursivo e condicionamento das massas. A discussão das potencialidades latentes da ciência, mediada pela tecnologia, é um dos aspectos mais assertivos da distopia huxleyana. Ressaltamos um argumento do próprio autor, apresentado na Introdução, como partida para tal afirmação:

O tema de *Admirável Mundo Novo* não é o avanço da ciência em si; é esse avanço na medida em que afeta os seres humanos. Os triunfos da física, da química e da engenharia são tacitamente dados como suposições. Os únicos

⁶ Em paráfrase a: “Em 1931, o terrorismo sistemático não era o fato contemporâneo obsessivo que se tornara em 1948” (2021, p.13)

progressos científicos descritos especificamente são os que se relacionam com a aplicação aos seres humanos dos resultados de futuras pesquisas nos terrenos da biologia, da fisiologia e da psicologia. (2014, p.10-11)

A progressão do romance justifica tal abordagem. Em um diálogo durante um dos capítulos mais importantes da trama, a figura de autoridade sua Fordeza Mustaphá Mond explica para outros personagens o uso da ciência. Ele enfatiza o controle da mesma, para surpresa de um dos ouvintes, pois o discurso é tão marcado por ela que não se imagina ser necessário a controlar.

2.3.2 Ideias para se construir um alerta

No prefácio anteriormente citado, Huxley apontou o que considera uma falha de previsão de sua autoria, pois seu livro não apresenta fissões nucleares nem qualquer menção a essa matriz energética, tema pesquisado em algumas fontes com as quais ele tinha familiaridade. Porém, a obra não se trata de um relatório nem de um elogio acrítico aos avanços científicos, embora fundamentais para a vida cotidiana, e sim de um aparato crítico-ficcional a partir de aspectos das gerações anteriores.

Da propaganda à suposta solução estatal para os problemas sociais, a construção ficcional de Huxley atravessa mazelas de grande alcance com a mesma eficácia com que cruza a intimidade de seus habitantes. Partimos do personagem Bernard Marx para alicerçar essa constatação, pois ele representa, simultaneamente, o sucesso e a fragilidade do Mundo Novo.

Simboliza o sucesso pois, criado como um Alfa-Mais, ele tem muito mais capacidades intelectuais e profissionais à disposição do que as demais classes, e aquelas são potencializadas por seu conhecimento dos métodos hipnopedícos. Por meio de suas falas se conhecem dois lugares-comuns dentro do contexto de AMN, aprendidos no condicionamento. As palavras “Agora todos são felizes” são ouvidas cento e cinquenta vezes por noite, durante doze anos (2014, p.100); em outro capítulo, enquanto Bernard conversa com a personagem Lenina Crowne, se lê:

— Nunca deixe para amanhã o prazer que puder gozar hoje — disse ela com seriedade.

— Duzentas repetições, duas vezes por semana, dos quatorze aos dezesseis anos e meio — foi o único comentário dele. (2014, p.120)

Porém, Bernard Marx representa uma fragilidade do rígido alicerce social devido à própria existência. Apesar de pertencer à casta mais alta, ele é oito centímetros mais baixo que a média dos seus colegas, e isso o torna semelhante àqueles de castas inferiores. Cogita-se que isso aconteceu por terem injetado álcool no pseudossangue de Marx quando ele ainda estava sendo “fabricado” – um rumor que o persegue com a mesma insistência de sua consciência forçada, adquirida por sua involuntária distinção em meio à standardização genética.

Suas diferenças imutáveis o direcionam ao conflito com os demais habitantes. A própria Lenina está entre suas tentativas (nem sempre bem-sucedidas) de se relacionar com mulheres. E para um Alfa, de quem se esperam resultados tão grandiosos quanto suas capacidades, ele desenvolve inesperadas ligações turbulentas com um de seus superiores, conforme vamos abordar.

O diálogo de Bernard Marx com Lenina, exposto há pouco, evidencia outro aspecto notável da sociedade reorganizada de AMN: a sexualidade. A própria definição de família inexistente, sendo mencionada apenas como motivo de escárnio da civilização arcaica.

Tampouco existe a poligamia, pois os habitantes têm a possibilidade (e o dever explícito) de se relacionarem com quantas pessoas quiserem, sem assumir qualquer espécie de compromisso. O mantra é categórico: *cada um pertence a todos* (2014, p.61). Partindo de uma citação de Evanir Pavloski, o interpretamos como norma:

Sem dúvida, os habitantes da comunidade distópica são desembaraçados de qualquer tradicionalismo moral ou religioso no que tange à sexualidade. Isso não quer dizer, todavia, que esses sujeitos não tenham suas ações orientadas por um padrão de comportamento, agora permissivo e promíscuo, que se revela tão rígido e normalizador quanto os paradigmas anteriores. (2012, p.278)

A mesma Lenina Crowne, em um dos capítulos iniciais de AMN, é repreendida por uma colega de classe, que insiste que ela deveria ser mais promíscua (2014, p.65). No contexto da ficção, não é normal uma mulher ter tão poucos parceiros sexuais, nem se relacionar com um único homem por tanto tempo.

Tal anomalia combina com os gestos antissociais de Bernard Marx, cuja antipatia e desejo de conversar a sós escandalizam Lenina em um capítulo posterior da narrativa. Ela se desvia parcialmente da norma por não *pertencer* a tantas pessoas quanto devia; ele, por sequer *pertencer* a alguém. Mas ambos, inconscientemente,

são apenas criações e *posses* de um estado regulador, cujos meios incluem reorganizações biológicas e mentais.

A primeira metade do século XX foi um período de desenvolvimento da indústria da comunicação e do entretenimento, conforme mencionado anteriormente. No contexto de AMN, ambos são veiculados vertical e unilateralmente, pois os habitantes obedecem e perpetuam passivamente as informações recebidas pela entidade acima deles – o estado. O verbo e o artigo do mantra *cada um pertence a todos* poderiam ser substituídos por *consume*, dada a natureza reificadora da nova organização social. As ofertas de compras e de entretenimento, por seu turno, retratam a igualmente natural voracidade compradora, também ensinada por meio do condicionamento: “Quanto mais se remenda, menos se aproveita”. Não é verdade? Remendar é antissocial. (2014, p.149-50).

Essa mescla de consumo irrestrito e submissão estatal pode ser interpretada como um retrato do pior dos mundos capitalista e socialista dos anos 20. Citando McGiveron, Vignatti Casagrande afirma que

Rather than taking the best aspects of both capitalist Right and socialist Left, the World State has taken the worst: from the former the reduction of the individual to compulsive consumer, from the latter the subordination of the individual to the supremacy of the collective State (McGiveron, 2004, p. 92 apud 2016, p.38)

Em vez de aproveitar os melhores aspectos tanto da direita capitalista quanto da esquerda socialista, o Estado Mundial tomou os piores: do primeiro a redução do indivíduo a um consumidor compulsivo, do segundo a subordinação do indivíduo à supremacia do Estado coletivo. (McGiveron, 2004, p. 92 apud 2016, p.38)

Além disso, a estrutura de produção de pessoas, conforme descrita nos capítulos iniciais, lembra outra, tão mecânica quanto: a linha de montagem dos carros. Não por acaso, se exalta Ford como uma divindade, tamanha a sua importância no começo do que se tornou a civilização (ressaltamos, novamente, a nomenclatura dos anos em AMN: 632 d.F., depois de Ford). Pode-se estender tal influência à presença de determinados hábitos de consumo dos Estados Unidos e em parte da Europa, ambos buscando alternativas para se reerguer durante o entreguerras.

Due to the demands of the Great War, the United States was responsible for the supply of goods to the European countries devastated by the war. In the 1920's, known as the Roaring Twenties, the United States economy was booming. American people harvested the privileges of the financial thriving.

As J.M Roberts puts it: “This abundance, enhanced by the demands of war, made her people in the 1920’s the first in the world millions of whom could take for granted, for example, the ownership of a family car” (2000, p.340 apud p.40, 2016)

Graças às demandas da Grande Guerra, os Estados Unidos foram responsáveis pelos suprimentos de bens para os países europeus devastados pela guerra. Nos 1920’, conhecidos como Roaring Twenties, a economia estadunidense estava explodindo. Os norte-americanos colheram os privilégios da prosperidade financeira. Como J.M. Roberts diz: “Essa abundância, aumentada pelas demandas da guerra, deu a essas pessoas nos 1920’, as primeiras dos milhões do mundo, a garantia, por exemplo, da posse de um carro de família”. (2000, p.340 apud p.40, 2016)

A rotina dos habitantes do AMN não especifica conceitos de propriedade privada e pública, tampouco a posse de carros individuais, embora outros meios de transporte façam parte da trama. Mas o uso e o consumo deles, assim como de quaisquer outros itens (e pessoas), é assegurado sem restrições. Pode-se interpretar a veia consumista da ficção como uma representação crítica às suas correspondentes norte-americana e europeia. Ao gesto da compra estava sendo adicionado (ou incentivado) um estilo de vida, em progressiva dependência dos bens materiais, antes restritos a uma privilegiada parcela econômica e geográfica – e tal gesto pode ser, inclusive, estendido ao consumo de noticiários e de entretenimento.

Nos diálogos de *Admirável Mundo Novo*, não se especifica o custo financeiro dos bens e serviços usados pelos personagens. Porém, partindo de sua premissa supostamente igualitária, de suas constantes afirmações de que há o suficiente para todos, e também da falta de reclamações dos preços de uma mercadoria ou trabalho serem altos demais, levanta-se a hipótese de que a renda dos personagens cobre as suas despesas sem esforços.

As explicações de Mustaphá Mond, um dos Dez Administradores Mundiais, podem ser relacionadas a essa realização, pois custos exorbitantes de manufatura não estão entre os problemas mencionados por ele ao longo da narrativa. Tal observação corrobora, indiretamente, uma das realizações da nova civilização: ela solucionou os problemas do mundo “antigo”, inclusive o valor da subsistência.

Uma fala desse mesmo personagem abre um breve espaço para interpretar que há uma cobrança imaterial na manutenção do mundo novo: “Às vezes lamento haver renunciado à ciência. A felicidade é uma soberana exigente, sobretudo a felicidade dos outros” (2014, p. 272). Pode-se encarar a renúncia como um preço a

ser pago. Tal gesto não precisaria existir em um mundo perfeito e benevolente, capaz de suprir de imediato todas as necessidades de seus súditos.

Em *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley relembra que muitos, antes dele, escreveram sobre a fatura paga pelo homem ocidental em favor do progresso tecnológico (conforme 2021, p.27). Pode-se estender, inclusive, tal preocupação ao estado de espírito, conforme suas observações sobre o Soma, a droga lícita fornecida pela mão estatal em sua distopia:

O Soma original, do qual tirei o nome dessa droga hipotética, era um planta desconhecida [...] usada pelo antigos invasores arianos da Índia em um dos seus ritos religiosos mais solenes. [...] O Soma era uma droga perigosa: tão perigosa que mesmo o grande deus do céu, Indra, às vezes passava mal depois de bebê-la. Os mortais comuns podiam até morrer de overdose. Mas a experiência era tão transcendentemente extática e iluminadora que beber Soma era considerado um grande privilégio. Por esse privilégio, nenhum preço era alto demais. (2021, p.78)

O Soma é definido por Mond como o cristianismo sem lágrimas (2014, p.283). O raciocínio pode ser estendido à felicidade condicionada, um estado de espírito indolor e sem percalços, sem custos nem condições intoleráveis. A partir do próprio livro, levantamos a hipótese de que o aparato crítico-literário apresentado também pode ser lido como um alerta e um lembrete dos preços (i) materiais cobrados em favor do progresso – e de uma ideia que o simbolize.

2.4 Circulação e Interpretação

A presente subseção busca contar um pouco da publicação de *Admirável Mundo Novo* no Brasil. Para tanto, apresentamos algumas informações disponíveis nos posfácios da edição de AMN publicada em 2022, pelo selo Biblioteca Azul.

Na seção “Uma jornada editorial rumo a um mundo novo”, Samir Machado de Machado conta que a primeira publicação de AMN no Brasil foi em 1941 (2022, p.290). Ela foi a terceira ficção de Aldous Huxley a chegar aqui, após *Contraponto* e *Sem Olhos em Gaza*. Porém, sua circulação foi restrita, como podemos deduzir a partir do seguinte (2022, p.293):

O livro não ganhou muito destaque na imprensa naquele momento, exceto por algumas notas, como no O Estado de S. Paulo, reproduzindo o texto promocional. Por quê? Seria pela Editora da Livraria do Globo estar fora do eixo entre São Paulo e o Rio de Janeiro, então ainda capital federal? Ou

talvez fosse pela ficção científica ser vista, na época, como um gênero pouco prestigiado, considerado quase subliteratura? O curioso é que, atestado seu inegável apelo, tampouco o livro figurou entre os trabalhos mais populares de Huxley. Durante os anos de 1933 e 1958, enquanto durou a Coleção Nobel, *Contraponto* teve seis edições, e *Sem Olhos em Gaza*, três edições, cada uma com tiragem média de cinco mil exemplares. Durante esse mesmo período, *Admirável Mundo Novo* foi reimpresso apenas uma vez, em 1946.

Muitos fatores pesam nesta avaliação. Dos extraliterários, podem-se imaginar os “meios técnicos” – pontos de venda de livros, potencial de comercialização, exemplares disponíveis, divulgação na imprensa e nos circuitos literários da época. A etiqueta “ficção científica”, uma das usadas para classificar AMN, também pode ter influenciado. Porém, ressalta-se a diferença de mais de meio século entre a primeira versão publicada e a mais recente.

Atualmente, além de meios virtuais para agilizar e direcionar a divulgação (um exemplo simples é o Instagram da Biblioteca Azul, editora responsável pelas edições de AMN usadas durante essa dissertação), o quinto romance de Huxley passou a acompanhar uma discussão sobre o quão terrível o mundo pode se tornar caso alguns de seus recursos sejam enviados para um fim totalitário. Usamos a palavra distopia para nos referir ao livro em questão, mas o termo também pode remeter a *1984*, *Revolução dos Bichos*, *Nós*, *Fahrenheit 451*, *O Conto da Aia* e demais obras, a depender do foco e do repertório de quem lê. Porém, essa é mais uma avaliação do século XXI, e a recepção de AMN pode ter sido mais lenta do que o desejado pela editora no século passado. Machado classifica três recepções a partir da temporalidade:

Antes de tudo, é preciso levar em conta três temporalidades de *Admirável Mundo Novo*: a época de publicação original, em 1932, após o horror da Primeira Guerra Mundial e durante a ascensão do fascismo; a época de sua publicação no Brasil quase dez anos depois, em 1941, já em meio à Segunda Guerra Mundial; e agora em 2022, quando não apenas goza do status de clássico como, numa curiosa mudança de cânone, passou a ser vista como a obra mais importante de Huxley. (2022, p. 293)

Essa fala de Samir Machado reforça, indiretamente, um dos aspectos que, conforme argumentamos na introdução, é fundamental à obra: o tempo. Se o próprio autor a avaliou e se desculpou (em zelo excessivo) por não ter incluído fissões nucleares, e ainda considerou que poderia ter dado uma terceira opção ao protagonista John, O Selvagem, nada mais natural que demais avaliações também considerem as temporalidades em curso.

O posfácio da edição brasileira de 2022, por sua vez, inclui um ensaio da autora Ursula Le Guin, cuja obra também é associada à ficção científica. A leitura dela destaca parte da recepção ao livro a partir de uma palavra: Soma.

A palavra Soma vem da palavra grega para “corpo”. Hoje nós a vemos principalmente na palavra “psicossomático”, mas Huxley poderia supor que a grande maioria dos seus leitores teve uma educação suficientemente clássica para reconhecê-la diretamente. (2022, p.282)

O ensaio dela pode ser interpretado como voltado à recepção de AMN dentro da ficção científica, embora não se restrinja ao termo. Diferentemente dela, não pretendemos anexar tal etiqueta ao livro de Huxley.

Ao longo de aproximadamente cinquenta livros, dos quais onze são romances, a produção escrita do autor inglês tem outras direções. Entre elas, a sátira social e os ensaios, ambos com reflexos de partes de suas épocas, conforme demonstramos a partir das obras apresentadas em 2.2 – inclusive, o objeto de análise da nossa dissertação não apresentou novidades temáticas para uma parcela dos leitores que acompanhavam os ensaios de Aldous nos anos 1920, conforme também apontamos na seção mencionada. Em breves resumos de três romances, AMN reflete os anos 1920 (mas não se restringe a tal década), *A Ilha* volta seu olhar para os anos 1960, enquanto *O Macaco e a Essência* aborda um receio sistêmico a partir dos conflitos nucleares da Guerra Fria.

Porém, as demais ficções do autor não têm a onipresença tecnocrática da distopia mais conhecida de Huxley, tampouco compartilham todos os seus recursos literários. *O Macaco* lembra um roteiro de cinema, enquanto *Sem Olhos em Gaza* fratura a cronologia narrativa, *Contraponto* apresenta mais personagens e perspectivas do que AMN, emprestando ideias da técnica musical que o nomeia. Não vemos demérito na classificação “ficção científica”, tão comum quanto o termo distopia. Porém, devido aos recursos narrativos empregados por Aldous Huxley, combinados às informações e interpretações levantadas anteriormente ao longo de nossa construção, acreditamos que ela se encaixa com mais propriedade a outros autores em vez dele.

Mas nossas afirmações anteriores são deste milênio, formuladas a partir do acesso às interpretações dos séculos XX e XXI. A distopia de Huxley ganhou uma terceira edição em 1977 (2022, p.299). Tal ano pode ser ter sido tarde para fins

comerciais, mas ainda antecede o corpo de obras acadêmicas ao qual tivemos acesso para construir nossa pesquisa. Samir Machado estende o alcance de AMN não pelo viés técnico, mas pelo da sensação:

Terá Huxley previsto o estado atual das superproduções de Hollywood com suas franquias solipsistas, a cultura de positividade tóxica de influencers digitais, o anti-intelectualismo reacionário que rejeita qualquer reflexão, e mesmo a sexualização precoce? (2022, p.295)

O que Admirável Mundo Novo tinha para dizer ao leitor de 1932 certamente soou diferente ao leitor brasileiro de 1941, aos leitores do Brasil sob uma ditadura nos anos 1970 e aos leitores da virada do século (e do milênio), como inevitavelmente soará diferente para nós, nestes cada vez mais distópicos anos vinte, justamente quando a obra comemora noventa anos de sua publicação original. (Idem, p.299-300)

Em concordância à arguição de Samir, podemos afirmar que a previsão involuntária de Aldous Huxley nos forneceu recursos para reler as nossas temporalidades. Pretendemos investigá-los ao longo desta pesquisa, a fim de saber quais itens compõem esta obra e quais relações podem ser estabelecidas entre as páginas do livro e a nossa época, repaginada por tecnologias, condições e contradições tão infundáveis quanto as dos anos de escrita de AMN.

3 CIVILIZAÇÃO É AFIRMAÇÃO

O presente capítulo pretende analisar diversos aspectos de *Admirável Mundo Novo* à medida que aparecem no enredo, a fim de elucidar suas potenciais representações. Conforme explicamos na metodologia, cada subseção deste capítulo disserta sobre um fator, a partir da cronologia.

3.1 Mapa

O ciclo argumentativo começa com um mapa da distopia huxleyana, a fim de localizar quando determinados personagens aparecem pela primeira vez e um resumo de seus atos, abordados posteriormente nessa análise (doravante, cada capítulo do livro será chamado C1, C2, etc, de acordo com o mapa). Considera-se indicar os temas a partir dos personagens por conduzirem o ritmo da distopia, e também porque determinados explicações vêm diretamente de alguns deles.

	Personagens Principais	Acontecimento - Resumo
C1	Henry Foster e Thomas Tomakin Grahambell	Um grupo de estudantes participa de uma visita guiada pelo Diretor de Incubação e Condicionamento
C2	Os mesmos do capítulo anterior	Continuação direta do primeiro capítulo, com mais informações sobre procedimentos civilizatórios
C3	Henry, Tomakin e Mustaphá Mond; Bernard Marx e Lenina Crowne	Alterna entre uma continuidade do anterior e um diálogo entre Bernard Marx e Lenina Crowne
C4	Bernard, Lenina, Helmholtz Watson	Foco nas interações entre Bernard e os demais
C5	Lenina, Henry e Bernard	Alterna entre um diálogo de Lenina e Henry e um evento do qual Bernard participa

Tabela 1 Mapa de AMN. Fonte: autoria própria

	Personagens Principais	Acontecimento - Resumo
C6	Lenina, Henry e Bernard	Começa com Lenina, depois passa para Bernard e Henry; encerra com uma decisão a respeito de Bernard
C7	Bernard, Lenina e John, o Selvagem	Bernard e Lenina visitam a Reserva de Malpaís, onde conhecem John
C8	Bernard e John	Começa e termina com uma conversa entre os personagens principais, mas a narrativa predominante é de flashbacks de John
C9	Bernard / John	Alterna entre uma ideia de Bernard e uma invasão de John
C10	Bernard, John, Henry, Tomakin, Linda	Tomakin quase expulsa Bernard devido ao comportamento antissocial deste, que leva Linda e John à civilização e, com isso, evita ser exilado
C11	Os mesmos do capítulo anterior	Alternância entre vários fatos envolvendo esses personagens
C12	Bernard, John, e Helmholtz	Foco no declínio de Bernard; John e Helmholtz se conhecem
C13	Lenina e John	Conflitos entre Lenina e John, que recebe um aviso sobre a saúde de Linda
C14	John e Linda	John vai ao encontro de Linda
C15	John, Bernard e Helmholtz	Bernard e Helmholtz percebem que John não está perto e vão ao encontro dele
C16	Os mesmos do capítulo anterior e Mond	O desfecho de dois personagens se define nesse capítulo, composto de um diálogo
C17	John e Mond	John se surpreende com um item à disposição de Mond
C18	John	John se isola e começa sua jornada particular

Tabela 2 Mapa de AMN. Fonte: autoria própria

O enredo é contado em terceira pessoa onisciente, externa ao elenco. Se contam os fatos no presente da ficção, com poucas passagens remetendo ao passado de um indivíduo – C8 é a exceção, pois foca em flashbacks. Pode-se considerar que o livro tem mais de um protagonista, como se na primeira metade fosse Bernard e John na segunda. A trama é centralizada nos personagens, pois funcionam como vetores de seus ambientes e das ideias materializadas por eles.

3.2 Transição para a Felicidade Automática

Os três primeiros capítulos apresentam o universo ficcional, pois parte da transição do mundo pré-moderno (como o contemporâneo é chamado em AMN) para o civilizado é contada por um de seus representantes, ainda coadjuvantes nessas páginas iniciais. Além disso, esse trio inicial foca em explicações de macro alcance, lentamente mudando para o plano individual.

Uma visita guiada funciona como introdução tanto para os leitores quanto para um grupo de estudantes - esses, por sua vez, ávidos por conhecer o progresso direto da fonte. O lema estampado em um escudo na entrada do Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central é assertivo: Comunidade, Identidade, Estabilidade. No C1 se descobre como essas palavras compõem essa fundação, à medida que Henry Foster, Diretor do Centro de Incubação e Condicionamento, explica como tal espaço opera.

Há uma comparação com a natureza, pois em tempos distantes *um* ser humano era concebido em um parto vivíparo, após uma longa gestação. Mas o avanço foi tamanho a ponto de gerar novos seres humanos a partir de um único óvulo.

Um ovo, um embrião, um adulto — é o normal. Mas um ovo bokanovskizado tem a propriedade de germinar, proliferar, dividir-se: de oito a noventa e seis gemes, e cada um destes se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião, um adulto completo. Assim se consegue fazer crescer noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado. Progresso. (2014, p. 24)

O processo Bokanovsky está entre as medidas biomecânicas que asseguram a produção de pessoas. Ele é focado na criação dos Gamas, Deltas e Ípsilons, as castas ditas inferiores, cujo desenvolvimento as torna biológica e intelectualmente menos capazes do que Alfas e os Betas, consideradas superiores.

Apesar do discurso exalar um tom vitorioso, também se esclarece o quanto essa luta contra a natureza não acabou. Inclusive, há uma discreta competição entre centros de condicionamento e incubação de várias cidades. O próprio Diretor fala que em Cingapura se produz mais de dezesseis mil e quinhentos indivíduos a partir de um ovário (2014, p.27), e se gaba de um ovário de Delta-Menos, em posse do seu centro, ter ultrapassado a marca de doze mil e setecentas crianças decantadas.

Esses processos incluem, além da multiplicação embrionária, uma regulação de quanto oxigênio um bebê recebe. Quanto mais baixa a casta, menor a porcentagem

necessária. Alfas e Betas recebem porcentagens maiores, pois precisam de mais recursos corporais para exercerem seus papéis; os demais não assumem tantas funções, nem precisam das mesmas capacidades. Mas apesar dessas ‘vitórias’, há oponentes que ainda não foram derrubados, e o amadurecimento humano é um deles.

— Considerem o cavalo — os jovens consideraram. — Maduro aos seis anos; o elefante, aos dez. Enquanto, aos treze anos, um homem ainda não está sexualmente amadurecido, e não é adulto antes dos vinte anos. Daí, naturalmente, esse fruto do desenvolvimento retardado: a inteligência humana. — Mas nos Ípsilons — disse com muita propriedade o sr. Foster — nós não precisamos de inteligência humana.

Não precisavam dela e não a obtinham. Mas, ainda que nos Ípsilons o espírito estivesse maduro aos dez anos, eram necessários dezoito para que o corpo ficasse em condições para o trabalho. Que longos anos de imaturidade, supérfluos e desperdiçados! Se se pudesse acelerar o desenvolvimento físico até torná-lo tão rápido, digamos, como o de uma vaca, que enorme economia para a Comunidade! (2014, p.34)

Essa fala permite interpretar o quanto a ideia de progresso atravessa o biorritmo. A standardização genética obteve sucesso em fabricar e dividir os habitantes, mas o tempo natural de amadurecimento do corpo humano é considerado um desperdício. O indivíduo pré-fabricado não serve à comunidade nesses *longos anos de imaturidade*, questão ainda não resolvida pela biomecânica moderna.

Emprestamos um raciocínio do teórico Jürgen Habermas, pois ele argumentou sobre interferências no desenvolvimento humano como maneiras de o controlar, em vez de prevenir aflições de saúde ou garantir a mesma disposição biológica para todos. Conforme Habermas:

Intervenções biotécnicas no sistema de controle endócrino e, sobretudo, intervenções na transferência genética de informações hereditárias poderiam amanhã tornar o controle do comportamento ainda mais profundo. Dessa forma, veríamos plenamente exauridas as antigas zonas de consciência desenvolvidas comunicativamente por meio da linguagem cotidiana. (2014c, p.126)

A partir disso, interpretamos que a maturação humana foi redirecionada aos interesses sociais, e tal controle demonstra o alcance da interferência possibilitada pela tecnologia e pela ciência. E esse processo não está completo, pois partindo dos trechos de AMN citados há pouco, o progresso ainda não alcançou todos os estágios do crescimento biológico. Mas estendeu seus braços mecânicos o suficiente para que a existência, antes com possibilidades amplas graças à ação da ciência e da tecnologia disponíveis, se materializasse *apenas* por meio delas. Essa inversão de

posições se observa especialmente nos empregos, pois a divisão dos futuros adultos em castas começa na biologia e continua quando estão aptos para o trabalho. Uma vez em idade laboral, os novos funcionários exercem suas tarefas inquestionável e infinitamente, pois foram criados para este fim.

O Estado usou seus meios técnicos para fabricar pessoas, que o servirão sem contestar suas próprias existências. A mão estatal providencia todos os recursos possíveis para o exercício dessas tarefas, e também zela pela felicidade geral, ainda que também tenha sido convertida em meio de adequação. Este ciclo constante é marcado pelo consumo e pelo trabalho, ambos fortificados pelo condicionamento biológico. Emprestamos um argumento do teórico Herbert Marcuse, pois há reflexões dele que enfatizam a repressão das liberdades individuais, castradora mesmo da personalidade dos trabalhadores, cujas psiques são moldadas para finalidades estritas. Para Marcuse,

A tarefa, um predeterminado 'tipo de trabalho...requer uma combinação específica de habilidades', e aqueles que criam a tarefa também moldam o material humano para desempenhá-la. As habilidades desenvolvidas por esse tipo de treinamento faz [sic] da 'personalidade' um meio para atingir fins que perpetuam a existência do homem como instrumentalidade, que pode ser substituída a qualquer momento por outras instrumentalidades do mesmo tipo. (1999, p.89)

Relacionando tal arguição à distopia, pontuamos como essa nova configuração coletiva não apenas reorganizou pessoas em castas, como as direcionou para suas funções. Não há mobilidade social nem econômica, porque além do potencial cognitivo fixado, os integrantes de cada faixa são condicionados a amarem seus destinos inescapáveis. As pessoas nascem instrumentos, e a única melodia a ser tocada é a de um mundo que celebra a si mesmo. O Diretor afirma ser esse “o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer” (2014, p.36).

Esse *fazer* é aprendido desde cedo, graças à Hipnopedia. Todos os habitantes são educados durante o sono, por meio de aparelhos que repetem as frases componentes de sua fundação moral. Sem motivos nem meios para questionar tal sistema, os infantes recebem instruções que, uma vez na idade adulta, se tornam práticas discursivas tão inatas quanto a respiração. Os padrões dessa educação também são fixos, de maneira a cristalizar, gradativamente, um padrão inalterável.

Pode-se afirmar que a Hipnopedia foi descoberta por acidente, quando Henry Ford ainda era vivo. O Diretor Henry Foster explica o do caso do “pequeno Reuben”,

ocorrido alguns anos depois do lançamento do Ford modelo T em 1908, uma das poucas menções indiretas a um ano real, antes da contagem dos anos em d.F – depois de Ford. Reuben foi um menino que ouviu um rádio tocando enquanto dormia, e no dia seguinte foi capaz de repetir cada frase ouvida inconscientemente.

Porém, tal descoberta não foi o suficiente para o mundo antigo. Não bastava uma pessoa ouvir um conteúdo qualquer, menos ainda o repetir sem objetivo depois de acordar. O Diretor conta como se estudou a absorção das sugestões durante o sono, até ele ser transformado. De um necessário repouso corpóreo, se tornou um período ressignificado pelas palavras sem explicação racional.

— Até que, finalmente, o espírito da criança seja essas coisas sugeridas, e que a Soma dessas sugestões seja o espírito da criança. E não somente o espírito da criança. Mas também o adulto, para toda a vida. O espírito que julga, e deseja, e decide, constituído por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos, nós! — O Diretor quase gritou, em seu triunfo. — Que o Estado sugere. (2014, p.49)

A Hipnopedia, Soma de sugestões inconscientes, é responsável pelo comportamento dos adultos, pois enquanto crianças são receptores passivos dessa musicada força moralizante. Uma breve menção é o suficiente para repetir automaticamente⁷ um dos mantras do AMN, assim como gestos que os contestem ou reforcem. *Agora todos são felizes*, pois a influência da mão Estatal assegura a mesma canção a todos, sem desvios.

Deve-se ressaltar que, durante as explicações dos capítulos iniciais, pouco se leem as palavras mãe ou pai. Quando conta o caso Reuben, o Diretor pisca, como se as evitasse, e poucos personagens as falam em voz alta. Ainda existe fertilidade, pois às poucas mulheres capazes de engravidar, se recomendam séries de tratamentos anticoncepcionais. A existência de centros de aborto nesse ambiente é tão natural quanto banal, como se o assunto não fosse polêmico no mundo contemporâneo fora das páginas do livro. Mas a maternidade e a paternidade, assim como os conceitos em volta de tais palavras, se tornaram tabus, abolidos pelas sanções administrativas que redefiniram a função e os relacionamentos carnis de cada peça humana.

⁷ “Os estudantes aprovaram com um sinal de cabeça, manifestando vigorosamente sua concordância com uma afirmação que mais de sessenta e duas mil repetições lhes tinham feito aceitar [...]” (2014, p.62)

Voltamos ao personagem Mustaphá Mond para uma explicação. Ele é o Administrador Residente da Europa Ocidental, um dos Dez Administradores Mundiais, e sua conversa com os estudantes durante o C3 é taxativa:

Não é de admirar que esses pobres pré-modernos fossem loucos, perversos e infelizes. Seu mundo não lhes permitia aceitar as coisas naturalmente, não os deixava ser sadios de espírito, virtuosos, felizes. Com suas mães e seus amantes; com suas proibições, para as quais não estavam condicionados; com suas tentações e seus remorsos solitários; com todas as suas doenças e intermináveis dores que os isolavam; com suas incertezas e sua pobreza — eram forçados a sentir as coisas intensamente. (2014, p.63)

Mond concentra as explicações da estabilidade buscada pelo Estado em AMN. Se anula qualquer distinção entre público e privado, tamanha a interferência reguladora no inconsciente coletivo, ao qual todos obedecem desde o berço, sem conhecer alternativas. Se subtraem as intensidades emocionais, pois todos são ensinados a amar seus destinos manifestos, nos quais não há laços afetivos nem familiares, tampouco motivos para se sentir infeliz. Se adicionam, enfim, as sugestões e práticas discursivas desse mundo novo, cuja humanidade foi reorganizada.

Tais práticas também são vistas pelos mantras, cujas repetições são ativadas por gatilhos verbais. Tal controle pode ser interpretado como uma necessidade de afirmação do Estado, cuja cultura massificada cria uma sociedade fechada, autorreferente e concentrada no presente. Para Huxley, isso é ultrajante:

Em termos físicos e mentais, cada um de nós é único. Qualquer cultura que, no interesse da eficiência ou em nome de algum dogma político ou religioso, busca padronizar o indivíduo humano, comete um ultraje contra a natureza biológica do homem. (2021, p.30)

A transição do mundo pré-moderno para o moderno, segundo a terminologia de Mond, obliterou a natureza biológica do homem. Ele se tornou algo a ser feito, em vez de agir como um indivíduo consciente, capaz de se reunir com os seus e se insurgir coletivamente. A ordem foi invertida: quando Ford era vivo, se buscavam meios para auxiliar o ser humano, de modo a ampliar suas capacidades corporais, mas elas foram alteradas até instrumentalizarem seu beneficiado.

Formadas e alienadas por meio de uma aparelhagem técnica (conforme 1985, p.36), as pessoas são reféns da macroestrutura coerciva desta Mundo Novo, cujos métodos alcançam cada canto da existência. Não há resquícios de personalidade, pois a própria noção de um indivíduo foi obliterada. Existe o grande todo, digno de

louvor por ter resolvido problemas que ficaram no passado, e a consciência implantada por ele se fortalece por seus múltiplos meios. Reificando a pessoa, se distorce a possível compreensão dela sobre si mesma, até alcançar um estágio em que “eu” se dissolve. Não por privilegiar um senso coletivo espontâneo, onde “nós” pode ser mais importante que uma agenda particular; no caso de AMN, “eu” e “nós” se automatizam no mesmo processo mecanicista.

Apoiamos tal interpretação no raciocínio da dupla Theodor Adorno e Max Horkheimer, filósofos atentos à escassa presença de um “eu” diante de processos que substituem a tudo, inclusive o pensamento:

O pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo. (1985, p.33)

O processo técnico, no qual o sujeito se coisificou após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem como de toda significação em geral, porque a própria razão se tornou um mero adminículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba. (idem, p.37)

O poderio social que os espectadores adoram é mais eficazmente afirmado na onipresença do estereótipo imposta pela técnica do que nas ideologias rançosas pelas quais os conteúdos efêmeros devem responder. (idem, p. 112)

A transição explicada nos capítulos iniciais de AMN não foi apenas de um mundo arcaico para um moderno, segundo os termos da ficção. Foi de um mundo onde existiam individualidade biológica, espontaneidade psicológica, consciência e separação entre público e privado para outro que suplantou essas características, e as julgou responsáveis por problemas externos e fora do controle pessoal. Usando as palavras dos teóricos, o processo técnico reduziu o sujeito a uma peça.

Tomamos a liberdade de usar o Entreguerras (1918-1939) como exemplo. Embora os países afetados diretamente pelo rescaldo da primeira guerra mundial tivessem a chance de se reconstruir, essa renovação não era imediata, e muitas vidas foram afligidas por problemas de saúde, emprego e disponibilidade de recursos enquanto o mundo se reerguia.

A civilização de AMN ceifou todas essas preocupações – da possibilidade remota de um conflito armado à plena disposição de alimentos, renda e saúde. Mas ao resolver esses problemas, tratou a plurivocidade como se fosse um deles, buscou eliminá-la e inserir um sistema capaz de vigiar todas as ações dos novos civilizados, sem levantar armas ou afligir a saúde alheia. Tal fiscalização se observa nos condicionamentos, mantras e quaisquer áreas de convivência, domadas por um

conjunto de técnicas do poderio social, em permanente busca de auto conservação e de supressão de suas (supostamente ínfimas) falhas.

No ensaio Sobre o Caráter Afirmativo da Cultura, Herbert Marcuse declara: “A cultura reafirma e oculta as novas condições sociais de vida” (1997, p.96). Tal frase condensa várias atitudes do romance, da propaganda oficial ao condicionamento irreversível. A repetição do mantra *agora todos são felizes* demonstra tanto a eficácia da (re) criação em laboratório quanto uma medida de enquadramento, pois além de um estado permanente de espírito, a felicidade é uma medida de controle social permitida pela ciência – e um importante ato da cultura afirmativa dessa nova civilização. Ainda recorrendo a Marcuse, pontua-se:

Cultura afirmativa é aquela cultura pertencente à época burguesa que no curso de seu próprio desenvolvimento levaria a distinguir e elevar o mundo espiritual-anímico, nos termos de uma esfera autônoma, em relação à civilização. Seu traço decisivo é a afirmação de um mundo mais valioso, universalmente obrigatório, incondicionalmente conformado, eternamente melhor, que é essencialmente diferente do mundo de fato pela luta diária pela existência, mas que qualquer indivíduo pode realizar para si ‘a partir do interior’, sem transformar aquela realidade de fato. Somente nessa cultura as atividades e os objetos culturais adquirem sua solenidade elevada tanto acima do cotidiano: sua recepção se converte em ato de celebração e exaltação. (1997, p. 95-6)

O slogan *Civilização é Esterilização* combina com tal argumento. Partimos de uma sátira, recurso também empregado por Huxley, pois tal slogan poderia ser *Civilização é Afirmação*, tamanha necessidade que o mundo novo criou de se afirmar pelas práticas e palavras de seus habitantes. A felicidade é garantida pela manutenção da materialidade, pois todos os cidadãos têm casa, emprego, função social, além de companhia e entretenimento infinitos.

Combinando os argumentos dos teóricos apresentados até o momento, nos permitimos interpretar que essa cultura afirmativa, composta minuciosamente pelo poderio social, proclama “Admirem o nosso novo mundo”. Tal adoração insiste em fixar o tempo no presente, retroalimentando a si mesma e aos seus manufaturados cidadãos, cujas felicidades automáticas escondem uma natureza desconhecida de si. Não são necessários esforços para desfrutar desse conjunto: até o ato de se ajoelhar, metaforicamente, integra o pacote da subserviência. “Eu” e “nós” também não são necessários, meros ingredientes descartáveis em uma fábrica de gente, capaz de afirmar seu poder pela administração da receita e da manutenção das peças.

Reforçamos: a felicidade é mantida por mecanismos mentais, representados pelo condicionamento, pois “na cultura afirmativa até mesmo a felicidade se converte em meio de enquadramento e moderação” (1997, p.120). Ao esterilizar a civilização, limpam-se “impurezas” como a solidão, a pobreza, o desemprego, e qualquer outra causa de uma possível instabilidade emocional. Se esse mundo se tornou estável e asséptico graças à ciência, nada mais natural que celebrá-lo.

3.3 Conjugando Castas

A celebração desse mundo em que agora todos são felizes, solidificada pela hipnopédia, inclui ensinar os habitantes de AMN a aceitar seu destino pré-fabricado biomecanicamente. Alfa ou Ípsilon, cada um aprende a ter consciência de suas capacidades cognitivas, do papel desempenhado pela casta a que pertence, e da relação entre os partícipes do corpo social.

O próprio Aldous Huxley afirmou que a resposta às perguntas sobre potenciais soluções para a sociedade começa pela biologia (conforme 2021, p.16) – e justo dela partem as reinvenções humanas da distopia. Na subseção anterior, analisaram-se componentes da transição do mundo pré-civilizado (nos termos de AMN) àquele dominado pelo progresso, cuja extensão invade o íntimo biológico e psicológico de cada um. É uma observação possível a partir da fala do Diretor Henry Foster, ao explicar o fluxo sanguíneo dos Ípsilons:

Nós retardamos a circulação quando eles estão em posição normal, de modo que fiquem parcialmente privados de alimento, e dobramos o afluxo de pseudossangue quando estão de cabeça para baixo. Aprendem, assim, a associar essa posição com o bem-estar. Na verdade, eles não se sentem verdadeiramente felizes senão quando estão de cabeça para baixo.
(2014, p. 37)

A manipulação genética alcançou tamanho patamar no ambiente de AMN que é impossível dissociar o indivíduo das instruções inseridas em sua psique. Em C2, há uma transcrição do áudio hipnopédico do Curso elementar de Consciência de Classe, do qual os futuros adultos são alunos. A Soma dessas instruções morais do ensino durante o sono, adicionadas ao metabolismo redirecionado, compõem um novo habitante disponível para exercer sua função. Além de criar seres prontos para

obedecer infinitamente, o modus operandi do Estado também evita instabilidades, pois a felicidade se torna uma ação natural e uma medida de enquadramento social.

Há outra passagem do C2 que adensa o condicionamento dos Deltas infantis, na página 42. O grupo de estudantes apresentado no C1, acompanhado pelo Diretor, entra em uma sala onde há várias crianças Delta, vigiadas por enfermeiras. Uma vez ‘soltas’, podem andar até uma parte da sala em que há livros e flores, e encostar neles. Mas basta elas tocarem nesses objetos e se aciona uma alavanca que eletrifica o assoalho, intencionalmente machucando as crianças.

O Diretor afirma que com mais algumas repetições, essa associação entre livros, flores e dor estará consolidada, ‘protegendo’ os futuros Deltas da botânica e da leitura por toda sua vida. “O que o homem uniu, a natureza é incapaz de separar” (2014, p.42), afirma, e tal união faz parte da distorcida natureza humana, convertida em meio para um fim. Em vez de humanos com sentimentos naturais, possíveis de interpretação e aprendizado em um núcleo familiar, há legiões de seres manufaturados, com inclinações imutáveis, implantadas por um poder inalcançável.

Emprestamos uma frase de Herbert Marcuse para ler esta parte da narrativa: “O comportamento humano se reveste da racionalidade do processo da máquina, e esta racionalidade tem um conteúdo social definido” (1999, p.81). A cultura do AMN revestiu o próprio humano psicológica e biologicamente, e passou a administrar as novas necessidades, impostas de cima para baixo pelo Estado, de modo a perpetuarem o sistema existente (conforme 1998, p.162). Outro reforço teórico à nossa arguição vem do mexicano Octavio Paz, pois um de seus ensaios também aborda uma preocupação com as direções do progresso. Segundo Paz,

[...] o progresso se realiza graças à dupla ação da ciência e da técnica, aplicadas ao domínio da natureza e à utilização de seus recursos.

(2017, p. 84)

[...] os instrumentos do progresso – a ciência e a técnica – mostraram com terrível clareza que podem se converter facilmente em agentes de destruição.

(Idem, p.86)

Externos à ficção, podemos classificar a instrumentalização causada pelo poderio social como danosa, afinal, o domínio da natureza exercido por ele subverte a própria humanidade. Porém, os moradores do mau lugar não reclamam do confinamento nem da distorção da natureza porque não se sentem presos. Eles podem trabalhar, consumir e se entreter à vontade dentro do que foram ensinados a

fazer, e isso os mantém felizes. Conforme a expressão mencionada na subseção 2.1.4, *liberdade um tanto paradoxal*, tem-se um paradoxo de liberdade, pois a racionalização vertical os prende em um ciclo ao qual não há alternativas exceto se manter em suas curvas. E curvas, por sua vez, estão entre os itens de consumo – no caso, as que os habitantes veem nos corpos uns dos outros.

Segundo as falas do Diretor, mencionadas na subseção anterior, não existe família, e o compromisso implícito por essa palavra, assim como o conceito de fidelidade conjugal, sequer existe no léxico do mundo novo. Em uma das primeiras aparições da personagem Lenina Crowne, ela é repreendida por sua colega Fanny Crowne por manter relações com apenas um homem por muito tempo: “Não há nada de doloroso ou desagradável em ter um ou dois homens além de Henry. E, nessas condições, você devia realmente ser um pouco mais promíscua” (2014, p.65).

A promiscuidade é celebrada no mantra *cada um pertence a todos*. Se Lenina não a pratica, se desvia da norma. Promovidos a itens de mercado, os habitantes são incentivados a se consumirem sem restrições, seguindo a lógica de se ocuparem com a própria alegria, redefinida como uma obrigação mercantil.

No que concerne à sexualidade em AMN, ela combina duas características também presentes em outros elementos sociais. A primeira é a repressão das liberdades individuais, neste caso camuflada sob uma suposta liberação de compromissos emocionais e sociais, reinterpretados como obstáculos ao progresso. A segunda é a objetificação das pessoas, também ensinada desde o berço, pois todo habitante é condicionado a sentir-se parte substituível de um todo imutável, cujas normas incluem consumir pessoas como se fossem descartáveis.

Pode-se explicar parcialmente tal norma por um argumento de Marcuse: “A moral sexual liberalizou-se em grande medida; além disso, a sexualidade é promovida como atração comercial, como mercadoria e símbolo de *status*”. (1998, p.105-6, itálico do autor). A liberalização da conduta sexual não parte dos próprios cidadãos, pois é apenas mais um ensinamento de cima para baixo, submisso às (des) criações dos gestores-repressores deste mundo despido de emoções complexas.

Os habitantes são doutrinados de modo a se sentirem livres dentro dos moldes impostos pela mão estatal. Porém, estão inconscientes de sua suposta libertação de laços antigos, trocada por uma coerção normativa mais rígida do que o mundo tão atacado pelo discurso enaltecendo e autorreferente em voga na distopia de Huxley.

Também pode-se relacionar tal *modus operandi* desta ficção a um argumento de Theodor Adorno, focado nas benesses adotadas em favor de um bem-estar gerado pelo consumo. Segundo ele:

Em nome dos consumidores, os que dispõem sobre a cultura reprimem tudo o que poderia fazer com que ela escapasse à imanência total da sociedade vigente, permitindo apenas o que serve inequivocamente aos seus propósitos. A cultura dos consumidores pode por isso vangloriar-se de não ser um luxo, mas o simples prolongamento da produção. (2002, p.51-2)

Em nome do bem-estar social, toda ação foi reconfigurada para servir aos fins designados por ordens incombateáveis. A partir do trecho de Adorno, interpretamos as medidas de consumo não como uma garantia de direitos, e sim como partes dos alicerces distópicos. Embora tenham acesso a itens básicos de convivência, os cidadãos pré-fabricados apenas reproduzem as suas lições, retroalimentando uma estrutura que os induz à mecanização, inclusive carnal.

Voltando à conduta sexual, embora possa ser considerada um pedido de compra. Ela é outro componente do paradoxo da liberdade de AMN, pois a regulamentação social também impõe que todos devem pertencer a todos, em vez de cada um assumir um compromisso matrimonial monogâmico. Alinhada ao texto de Huxley, a seguinte ideia de Marcuse toca em dois pontos sensíveis:

É verdade que esta civilização baseou-se, em escala considerável, nos tabus cristãos da castidade, monogamia e santidade da família. A abolição destes tabus designa uma guinada na história da civilização, mas a questão é se a mudança proporciona maior liberdade individual ou maior repressão da liberdade. (1999, p.127)

Fazemos um adendo a esse trecho, pois não foi escrito sobre AMN, e sim como parte das reflexões de Marcuse a respeito das mudanças pós-segunda guerra mundial. Ressaltamos a preocupação do teórico com ambiguidades sistemáticas, como se um avanço justificasse a imposição de um retrocesso, e também como se toda (proclamada) benevolência realmente fosse livre de contradições internas.

Isto posto, partindo desse raciocínio, infere-se que a racionalização substituiu um tabu por outro. Ela julgou libertar as pessoas da instabilidade causada pela família, observação possível a partir das falas do Diretor Henry Foster e do Administrador Mustaphá Mond, mencionadas anteriormente. Mas em prol de sua estabilidade, transformou a família e a monogamia em tabus, anulou qualquer resquício de

individualidade por meio da estandardização genética, e, por fim, confinou seus cidadãos a uma liberdade restrita, resumida pela máxima *cada um pertence a todos*, para que se ocupem uns com os outros.

A prática discursiva dos cidadãos de AMN tem um conteúdo social definido, perpetuado pelas ações cotidianas deles e pelos meios Estatais. Revestindo os indivíduos com suas sugestões hipnóticas, que reforçam o sistema de castas, o Estado cria e mantém sua própria subsistência ao garantir a de seus partícipes. Tal manipulação não é ocultada dos cidadãos, tampouco combatida por eles, pois não têm meios nem motivos para se insurgir contra o sistema.

Essa estabilidade fabricada pode ser considerada um valor cultural em si mesma, pois, à maneira de Marcuse, a cultura reafirma as condições de vida. Essas, por sua vez, são ensinadas aos moradores do *dis topos*, cujos condicionamentos impedem de imaginar que seu progresso esvaziou os cofres da natureza humana – de quem foi retirado o direito de se abastecer. A gênese e o desenvolvimento foram reinventados, e a morte, em vez de nota final, foi revertida em um instrumento de utilidade pública, como Henry Foster explica para Lenina Crowne no C5:

— É muito bom pensar que podemos continuar sendo socialmente úteis mesmo depois de mortos. Fazendo crescerem as plantas.
Lenina, entretanto, desviara os olhos e observava verticalmente a estação do monotrilha abaixo deles. — É muito bom — concordou. — Mas é estranho que os Alfas e Betas não façam crescer mais plantas do que aquelas horríveis Gamas, Deltas e Ípsilons ali. — Todos os homens são físico-quimicamente iguais — disse Henry em tom sentencioso. (2014, p.99)

No contexto da ficção, o aproveitamento do corpo após a morte sinaliza dois aspectos. O primeiro é um ímpeto produtivista, capaz de condicionar até o final de uma vida à uma função (como se a liberdade coercitiva não fosse uma finalidade o suficiente em si mesma). Esse aspecto leva ao segundo, pois reforça a facilidade de criar e descartar um ser, cuja existência é apenas utilitária.

“O desenvolvimento da tecnologia moderna, na sua forma presente, parece indiferente para com os limites do ambiente e da vida humana” (2015, p.18), enfatizou o teórico Andrew Feenberg. O argumento pode ser relacionado ao século XXI, cuja modernidade ceifa possibilidades enquanto supostamente cria condições para sanar suas feridas.

A indiferença mencionada por Feenberg se aplica ao livro em questão. Mesmo com plenas capacidades técnicas para de fato zelar e agir em prol da coletividade, o

engenho sócio administrativo perfura limites em nome de seu progresso, ao tornar funcional justo um acontecimento que deveria significar o fim das funções: a morte.

Se Huxley afirmou que a resposta das dúvidas quanto ao futuro começa pela biologia, sua distopia distorceu a pergunta e cobriu a réplica com uma máscara mortuária. Do nascimento à morte, a vida passou a ser conjugada com verbos fechados, signos de uma cultura afirmativa tão presente quanto a própria subsistência.

3.4 Dois que não pertencem a todos

Enquanto as subseções anteriores abordaram signos do coletivo, a presente foca em dois sujeitos. Um deles é Bernard Marx, antítese das celebrações do progresso. Justo um Alfa – a categoria com mais capacidades intelectuais e cognitivas, predestinada às funções com maiores responsabilidades.

A conduta dele deveria ser exemplar – integrado às atividades em grupo, bem quisto por seus pares, desejado pelas mulheres, olhado com admiração pelas castas inferiores. Porém, Bernard está pouco à vontade com os demais, com quem interage, mas não se sente parte do todo. Ele tampouco se sente bem consigo, pois nasceu oito centímetros mais baixo que a média dos Alfas, e sua estatura o aflige como um sinal de inferioridade, pois o seu físico é mais parecido com o de um Gama.

— Dizem que alguém se enganou quando ele ainda estava no bocal. Pensaram que fosse um Gama e puseram álcool no seu pseudossangue. É por isso que é tão franzino. (2014, p.69) – diálogo entre as personagens Fanny e Lenina Crowne sobre Bernard Marx
[...] fosse qual fosse a causa (e era bem possível que os rumores a respeito do álcool em seu pseudossangue tivessem fundamento — pois, apesar de tudo, acidentes como esse aconteciam) o físico de Bernard não era muito melhor que o de um Gama típico. (2014, p.88-89)

Em vez da fidedigna comunicação unilateral, um rumor; em vez de um destaque planejado, um acidente. O resultado é uma existência angustiada, pois o Estado não corrigiu a fisionomia de Bernard, tampouco criou alternativas para o reajustar à conduta social. Além dos traços antissociais, ele se porta como um pária, em uma atitude mista de arrogância como defesa ao manter o próprio isolamento, devido aos sentimentos instáveis que sua aparência desperta (2014, p.89).

Suas características inatas o deram, involuntariamente, algo que o Estado não deseja cultivar em seus habitantes: uma consciência individual. Sua infelicidade

crônica caminha de mãos dadas com sua percepção de (buscar) ser alguém, apesar dessa definição não ser precisa. Suas preocupações não são bem recebidas, como nesse diálogo de Bernard com Lenina, uma de suas tentativas de relacionamento com o sexo oposto. Ele confessa:

- De agir mais por mim mesmo, e não tão completamente como parte de alguma outra coisa. De não ser simplesmente uma célula do corpo social. Você não tem a mesma sensação, Lenina?
 Mas Lenina estava chorando. — É horrível, é horrível — repetia. — E como é que você pode falar assim de não querer ser parte do corpo social? Não podemos prescindir de ninguém. Até os Ípsilons...
 - Sim, já sei — disse Bernard com sarcasmo. — “Até os Ípsilons são úteis!” Eu também. E gostaria imensamente de não servir para nada!
 (2014, p.116-7)

O desejo de Bernard passar uma tarde apenas caminhando e conversando, manifestado na página anterior a esse diálogo, é o suficiente para ele ser visto com estranheza por Lenina. Ela, por sua vez, precisava se relacionar com outros homens para manter sua promiscuidade, e considerou Bernard como opção; e se arrependeu. Há de se considerar, também, a profissão desse alfa blasfemador: um especialista em hipnopedia, alguém com vasto acesso às informações e mecanismos responsáveis pela manutenção do status quo.

Porém, mesmo conhecendo as regras com maior proximidade do que a média de seus pares, Bernard não as segue na íntegra nem parece respeitá-las em sua intimidade: “Cem repetições, três noites por semana, durante quatro anos”, pensou Bernard Marx, que era especialista em hipnopedia. ‘Sessenta e duas mil repetições fazem uma verdade. Imbecis!’ (2014, p.69)”.

Parte do dever dele consiste em administrar justo o que detesta. Afirmamos isso pois o seu conhecimento a respeito dos provérbios hipnopédicos é destilado com amargura, como se renovasse seu desgosto e seu tédio os ouvindo mais uma vez (as falas dele nas páginas 120, 127 e 270 reforçam a nossa leitura).

Bernard Marx é um contraponto à lógica de AMN por sua conduta. Suas queixas constantes permitem interpretá-lo como um crítico e oponente ao próprio sistema, com o qual não se identifica. Ele é alguém, e se recusa a pertencer a todos.

Esse outsider às avessas predomina em aproximadamente um terço do romance, e suas ações são responsáveis tanto por o conduzir quanto por uma de suas conclusões, a ser abordada posteriormente. Porém, Bernard não é o único ser fabricado na civilização que demonstra comportamentos inesperados.

O personagem Helmholtz Watson também adquire alguma individualidade, mas por motivos distintos de Marx. Ao contrário deste, Watson é um Alfa completamente integrado ao status quo, competente demais até para os padrões de sua classe, e sem traços físicos que o façam se sentir mal perante seus pares. Porém, ele *sente* e tem consciência disso.

Ele compartilha com Bernard outro aspecto além da classe, pois também tem acesso a um dos mecanismos de manutenção social: além de professor do Colégio de Engenharia Emocional, Helmholtz escreve slogans e versos hipnopedicos. Mas a partir de algumas de suas falas, entende-se que essa função não o satisfaz tanto. “Estou pensando numa sensação estranha que experimento às vezes, a sensação de ter alguma coisa importante a dizer e o poder de exprimi-la... só que eu não sei o que é, e não posso utilizar esse poder” (2014, p.94) ele diz para Bernard, como se cansado de escrever sempre os mesmos versos – brandos, infere-se.

No C12, se aprende que Helmholtz foi severamente repreendido por ter escrito versos sobre um tema *violento* que conheceu involuntariamente, graças ao próprio excesso mental: a solidão. Quem escreve sobre a solidão, engenhosamente soterrada pelo aparato social, viola conscientemente as normas e práticas autorreferentes do mesmo, e representa um perigo a ser combatido.

A origem bioquímica desse sentimento não é explorada, ao contrário da condição explícita de Marx. Porém, Helmholtz Watson e Bernard representam dois estilos na estrutura coletiva, pois ambos foram gerados e condicionados por ela, mas não se ajustam e suas meras presenças podem ser vistas como perigosas. Em um diálogo no C16, o Administrador Mond fala em exílio, o que permite interpretar que a civilização expelle qualquer comportamento estranho e incorrigível a si mesma.

A produção em massa mecanizada está preenchendo os espaços nos quais a individualidade poderia se afirmar. A padronização cultural, de forma bastante paradoxal, aponta para a abundância potencial, bem como para a pobreza real. A padronização pode indicar o grau em que a criatividade e a originalidade individuais se tornaram desnecessárias. (1999, p.99)

Aplicamos esse argumento de Herbert Marcuse à padronização maciça de AMN, pois se as alternativas para potenciais desajustados como Helmholtz e Bernard se resumem à correção ou ao exílio, a individualidade em si é vista como perigosa. Fora da norma, alguém singular tem condições de desviar os padronizados menos estáveis, retardando seus condicionamentos.

Essa falta é mais grave no caso dos dois Alfas, conforme a afirmação de Tomakin: “Devo preocupar-me com a boa reputação do Centro. É preciso que meus colaboradores estejam acima de qualquer suspeita, principalmente os das castas superiores” (2014, p.124). Em outra passagem, quando Bernard corre o risco de exílio pela primeira vez, Tomakin o aponta como inimigo:

Pela escandalosa irregularidade de sua vida sexual, pela sua recusa em obedecer aos ensinamentos de Nosso Ford [...] ele se revelou um inimigo da Sociedade, um subversor, minhas senhoras e meus senhores, de toda Ordem, de toda Estabilidade, um conspirador contra a própria Civilização. (2014, p.182)

Esse trecho permite reforçar o raciocínio de que a civilização expelle qualquer corpo estranho a si mesma, pois a única maneira de se fazer parte dela é seguir os mandamentos de Ford. É uma integração unidimensional, pois apenas um lado tem voz ativa para ditar as regras, e estas compõem a Estabilidade. Watson falsamente pertence a todos, visto que conhece a solidão apesar de ser integrado à sociedade; Marx não quer pertencer a todos, e sua busca solitária o põe em conflitos com os demais e em contradições internas. Os gestos de ambos são anátemas, pois suas singularidades não têm espaço no *mau lugar* unidimensional.

Relembra-se, por fim, o fato de que eles podem ser trocados, pois “uma pessoa não pode ter tanta importância” (2014, p.248). Justo as suas individualidades, desnecessárias diante dos padrões, os tornam notáveis, e simultaneamente expõem as falhas do sistema pelo qual deveriam zelar. O exílio e a absorção deles podem ter o mesmo fim: suas dissoluções no todo, como se nunca tivessem existido.

3.5 O agora eterno

O tempo foi mais um fator reinventado no enredo de AMN, e o primeiro indicativo é a medição dos anos. A história se passa em 632 d.F., depois de Ford, se apropriando da contagem antes e depois de Cristo, pois Ford foi elevado a uma divindade, cujos atos solucionaram os problemas de uma era distante.

A segunda passagem que permite tal interpretação está no C6. Bernard Marx vai à sala do Diretor Tomakin e pede para ele assinar uma permissão, pois gostaria de viajar à Reserva de Malpaís, no Novo México, para conhecer os selvagens – cidadãos incivilizados, segundo a lógica do mundo asséptico. A narrativa mostra a

relutância de Tomakin, mas este assina o documento ao notar que uma autoridade acima de si, o Administrador Mond, havia legitimado o papel com sua assinatura. Mas Tomakin vê o destino e se perde em um devaneio, se lembrando de um acontecimento de duas décadas atrás, antes mesmo da trama. Bernard se surpreende ao presenciar justo o Diretor tendo essa atitude:

Um homem tão respeitador das convenções, tão escrupulosamente correto como o Diretor, cometendo tão grosseira inconveniência? Dava-lhe vontade de esconder o rosto, de sair da sala correndo. Não que visse qualquer coisa de *intrinsecamente repreensível no fato de uma pessoa aludir ao passado longínquo; era um daqueles preconceitos hipnopédicos de que (assim imaginava) se libertara de todo*. O que o constrangia era saber que o Diretor condenava isso — e que, embora condenando, se traía a ponto de infringir a proibição. Impelido por que força interior? Apesar do seu embaraço, Bernard escutou com uma curiosidade ávida. (2014, p.122, itálico nosso)

O trecho em itálico permite aprender mais uma linha de sabedoria do presente: não se deve aludir ao passado (e também outra demonstração de como Bernard quebra parte de seu condicionamento, conforme a subseção anterior). Tal proibição pode ser corroborada pelas explicações das autoridades presentes no trio de capítulos iniciais, pois quando falam do passado pré-Ford, é no mesmo tom de escárnio com que falam da família. Eles também a classificam como uma época de instabilidade, cujas aflições foram abolidas até se alcançar o progresso. Adiante no romance, em um importante diálogo entre Mond e John, o Administrador esclarece:

O mundo agora é estável. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. (2014, p.264)

Na mesma conversa, Mond também esclarece que não se deseja incutir nos habitantes o gosto por coisas belas, apenas pelas novas (idem, p.263). Se prioriza uma satisfação imediatista, se enfatiza: os cidadãos *agora* são felizes. Apenas o agora importa, não o condenável passado sofrível, tampouco um futuro longínquo como uma promessa a ser cumprida. Além de enquadramento e permanente estado de espírito, se mede a felicidade pelo que os habitantes *têm*: o presente nas mãos.

Também pode-se inferir o falar sobre o passado como outra forma, mesmo indireta, de celebrar o presente, esse abertamente festejado: *agora todos são felizes*.

Os demais mantras podem ser inclusos nesse festejo, pois suas construções privilegiam o *imediato*, à maneira de slogans publicitários destinados à repetição. *Não deixe para amanhã o prazer que puder gozar hoje* (2014, p.120); *quanto mais se remenda, menos se aproveita* (idem, p.149-50); *cada um trabalha para todos* (ibidem, p.99) e o mencionado *cada um pertence a todos*. Essa linguagem imediata é a oficial do Estado, responsável por propagar o idioma do vencedor – de si mesmo, no caso.

Intérpretes do romance, temos liberdade para deduzir e questionar a totalidade dessa suposta vitória; os personagens são mantidos em suas ocupações pessoais e coletivas (embora até as pessoas sejam condicionadas ao todo), expressas pela linguagem oficial, e não têm nem as condições lexicais de buscar alternativas. Por essas considerações, concordamos com a seguinte afirmação de Herbert Marcuse:

A frase falada é uma expressão do indivíduo que a fala e daqueles que o fazem falar como ele o faz, e de qualquer tensão ou contradição que os possa inter-relacionar. Ao falar sua própria linguagem, as pessoas também falam a linguagem de seus senhores, benfeitores, anunciantes. (2015, p.191)

Outro signo vocabular desse eterno anúncio é a nomenclatura das castas, pois abre mais uma interpretação. Da primeira à última faixa social, elas foram batizadas a partir de letras do alfabeto grego: Alfa, Beta, Delta, Gama e Ípsilon. A falta de um Ômega poderia significar algo eterno, considerando um dos significados dessa letra: o fim. Em uma passagem do Apocalipse da Bíblia, se lê “Eu sou o alfa e o ômega, o princípio e o fim” (2018b, p.600). Considerando que a civilização de AMN tem bases cristãs (e se opõe a elas diretamente), ela também aboliu o próprio final e abandonou a promessa de uma perpétua felicidade vindoura, pois centraliza tudo no imediatismo. O alfabeto grego, por sua vez, implicitamente reduzido a uma língua morta no enredo, foi reduzido a uma serventia: nomear as divisões da língua vencedora, cujos signos compõem uma vitória celebrada em um eterno presente.

3.6 O Retrato de uma Reserva

Voltamos ao C6 para esta subseção, pois este capítulo da trama começa a delinear as mudanças vindouras. Conforme contamos, Bernard pede a Tomakin uma assinatura em uma permissão para viajar à Reserva de Malpaís, no Novo México, onde o progresso não chegou devido aos percalços geográficos e financeiros. Nesse

local existem rituais religiosos, as pessoas ainda se casam e têm filhos em partos vivíparos, as aldeias têm pouca comunicação com o mundo moderno, tampouco há tecnologia disponível – tecnologia no entendimento do corpo social autoproclamado moderno. Em resumo, é o lugar onde os cidadãos de AMN podem ter colapsos diante de suas antíteses materializadas.

Mesmo representando o oposto do progresso, Malpaís é mantida em seu estado natural, e foi reduzida a um ponto semiturístico. Há hospedagens para os civilizados, há quem os guie em meio aos primitivos, e também um ponto de embarque e desembarque de transporte aéreo, para manter as possibilidades de ir e vir.

É como um museu a céu aberto, aberto à visita para Alfas, Betas e demais pesquisadores ou curiosos. Para quem visita a Reserva, é mais um lembrete de como a vida é maravilhosa do *outro lado* (termo usado pelas tribos de Malpaís para falar da metrópole). Bernard não apenas consegue permissão para visitar a Reserva durante alguns dias de folga, como convence Lenina a o acompanhar.

Nos primeiros momentos da estadia deles, Bernard vê os primitivos com algum interesse, mesmo reagindo com repulsa – e tal reação seria natural vinda de alguém nascido no mundo asséptico. Lenina, por sua vez, estava entorpecida pelos comprimidos de Soma, e não reagiu com mais do que monossílabos, como se pode ler na página 130.

Ao toparem com um senhor com rugas e demais marcas corporais que ela não conhecia, Lenina se assusta, pois está acostumada às faces lisas e eternamente jovens de Londres. Mas Bernard esclarece: o senhor que viram não está doente, apenas envelheceu.

- Velho? - repetiu ela. - Mas o Diretor é velho, e há uma porção de gente que é velha, e no entanto não são assim.

- É porque não deixamos que fiquem assim. Nós os preservamos de doenças, mantemos artificialmente as secreções internas no nível de equilíbrio da juventude. Não deixamos cair a taxa de magnésio e cálcio abaixo do que era aos trinta anos. Fazemos transfusões de sangue jovem. Mantemos o metabolismo estimulado permanentemente. Por isso, sem dúvida, eles não têm esse aspecto. Em parte — acrescentou — também porque a maioria morre antes de atingir a idade daquele velho. A juventude quase intata até os sessenta anos, e depois, zás!, o fim. (2014, p.138-9)

Pela manipulação genética, uma pessoa de 50 anos pode ter a mesma aparência de um jovem de 18. O envelhecimento também foi modificado pela

civilização, em mais um ímpeto de superar a natureza humana, abundante em Malpaís. Tão abundante que Lenina se escandaliza ao ver uma ‘indecência’:

O espetáculo de duas moças dando o seio a seus bebês fê-la corar e virar o rosto. Nunca tinha visto, em toda sua vida, coisa tão indecente. E o que tornava aquilo ainda pior era que, em vez de fechar os olhos discretamente, Bernard se pôs a fazer comentários francos sobre o revoltante espetáculo vivíparo. (Idem, p.139)

Mas tal espetáculo é revoltante apenas pelo filtro do progresso esterilizado, pois o gesto de amamentar em público é apenas mais uma parte do cotidiano natural de Malpaís. Esse, por sua vez, inclui ritos matrimoniais e de religiões antigas como cerimônias de integração social.

Bernard e Lenina presenciam uma dessas solenidades primitivas. Eles veem um dos jovens receber chicotadas até sangrar, como se sua dor fosse uma oferenda a uma divindade a quem pede reconhecimento, em busca da própria glória e para o júbilo de seus companheiros (e horror dos visitantes). Mas perto dos nossos personagens, um espectador não parecia contente com o espetáculo. Tampouco alguém vindo do outro lado, onde não há sacrifícios nem deuses.

Esse homem indignado é John. Ao dialogar com Bernard e Lenina, John diz que deveriam tê-lo deixado participar do ritual, pois ele teria sangrado mais para agradar a Pukong e a Jesus, e mostrar que é homem o bastante para suportar a dor sem gritar (2014, p.145). Bernard se surpreende ainda mais com ele, principalmente ao conhecer a mãe de John, uma selvagem inautêntica.

Inautêntica por não ter nascido na natureza. Linda, mãe de John, é uma Beta-menos, fabricada no mundo moderno. Ela conta ter ido a Malpaís cerca de duas décadas atrás com seu par, um Alfa, de quem se perdeu – e nunca teve a chance de voltar para o outro lado, nem por iniciativa própria e tampouco por uma equipe de resgate (embora um devaneio de um personagem mencionado há pouco fale de uma tentativa de resgate).

A narrativa de Linda é revelada nas páginas 147 a 151, enquanto ela conversa com os visitantes. Se deduz que sua fisionomia foi a de uma mulher esbelta, à maneira esterilizada de suas origens. Mas ela envelheceu, engordou, e sua aparência se tornou o oposto do padrão. E ela teve um filho, para seu próprio horror:

E eu tinha tanta vergonha! Imagine: eu, uma Beta, ter um bebê; ponha-se no meu lugar! — a simples sugestão fez Lenina estremecer de horror. — Se bem que não foi por minha culpa, juro; porque até hoje não sei como foi isso, visto que fiz todos os exercícios malthusianos; você sabe, contando: um, dois, três, quatro. Sempre, juro; o que não impede que, apesar de tudo, tenha acontecido; e naturalmente não havia aqui nada parecido com um Centro de Abortos. (2014, p.148)

Linda retém os traços mentais de seu condicionamento, e apesar da repulsa por ter se tornado mãe, tentou criar John de acordo com as instruções de sua classe. Mas em vão, pois além da escassez de recursos, tanto ela quanto seu filho tiveram inúmeros conflitos com a vizinhança.

Ela queria se portar como se estivesse no outro lado, inclusive manter sua promiscuidade, mas tal conceito não existe em Malpaís. Ao se envolver com homens comprometidos, Linda atraiu uma multidão de mulheres furiosas, e tanto a narrativa dela quanto a de John permitem entender que ela foi agredida fisicamente.

Entre os resultados de seus esforços, estão o relacionamento com um nativo chamado Popé, e a versão dela permite entender que tal relação se dava com frequência. Ela passou a ingerir uma substância chamada Peyotl, um entorpecente natural com funções semelhantes às do Soma, porém, imbuído de efeitos colaterais, pois não passou por nenhuma esterilização.

Mas nenhum gesto ela se integrar à comunidade, tamanha sua fidelidade aos mandamentos de Ford. Esses, por sua vez, se veem parcialmente refletidos em John, pois sua mãe o contou da vida maravilhosa do *outro lado*. Saudosa da abundância e da limpeza, Linda se deslumbrava ao lembrar de Londres, cuja imagem permaneceu firme em seu íntimo. Porém, ela não sabia explicar muito bem esse espaço admirável, conforme o trecho a seguir, no C8, extraído de um flashback de John:

— Mas como é que são feitos os produtos químicos, Linda? De onde é que eles vêm?

— Bom, isso eu não sei. Eles estão em frascos. E quando os frascos se esvaziam, manda-se buscar mais no Depósito de Produtos Químicos. É o pessoal do Depósito quem os faz, penso eu. Ou senão mandam buscá-los na fábrica. Mas não sei bem. Nunca estudei Química. Meu trabalho sempre foi com os embriões. O mesmo acontecia com todas as outras coisas sobre as quais ele a interrogava. Linda parecia que nunca sabia nada. Os anciãos do pueblo tinham respostas bem mais categóricas. (2014, p.160-1)

Linda trabalhava na Sala de Fecundação, e se concentrava unicamente no que era ensinada. Procurar informações extracurriculares não estava entre os seus deveres, mas isso não bastava para saciar a curiosidade de John, que tentou se

integrar aos nativos. Mas com frequência ele era hostilizado por não ser um deles, e também pela promiscuidade de sua mãe, como se ele fosse cometer uma atrocidade como ela fez dentro das regras da Reserva.

Se Malpaís é o oposto de Londres, Linda e John retratam uma distorção de um chiado. São excluídos por não agirem de acordo com as práticas nativas, mas ela não as segue por não querer, enquanto seu filho tenta segui-las e é impedido pelos demais. Ela nasceu padronizada, se perdeu involuntariamente e se tornou um indivíduo graças ao conjunto de invencíveis circunstâncias externas.

John, por sua vez, nasceu de uma Beta, e tanto sua origem quanto seu desenvolvimento o denotam como um indivíduo, consciente de si. Ele recebeu poucas instruções de sua mãe, e as que ouviu ao procurar os anciãos do povoado não substituíram papéis maternos nem equivalentes ao condicionamento dos infantes.

Ambos quebram dois padrões: o da massificação impessoal do mundo moderno e o da integração nativa do mundo pré-moderno. Eles participam ativamente do enredo a partir dos capítulos sete e oito, e algumas cenas focam neles, tanto em suas interações com os demais personagens quanto em momentos de tensão.

Esse núcleo familiar desperta uma ideia em Bernard. Enquanto pedia uma assinatura antes da viagem, ele se surpreendeu com o devaneio de seu superior. Uma vez em Malpaís, ouvindo a história de Linda, deduziu que ela e Tomakin viajaram à Reserva anos atrás, mas ela se perdeu dele. O Alfa elabora um plano para levar John à civilização, pois acredita poder se beneficiar de ser acompanhado por um Selvagem. E também deveria levar Linda, ansiosa para voltar; mas ela não é prioridade.

Bernard põe tal plano em prática enquanto Lenina está em um sono profundo, gerado por uma overdose de Soma; ele calcula que pode ir e voltar durante a dormência dela. Após um voo, um diálogo e um retorno apressados, ele recebe a permissão para integrar os excluídos à civilização. Com tal ato, ele insere duas criaturas sem rumo em uma sociedade mediada, e as consequências dessa colisão estão entre os temas das próximas subseções.

3.7 Instrumentos Desafinados

Em C10, acompanha-se uma conversa entre Henry Foster e Tomakin, e este apenas espera Bernard Marx voltar de Malpaís para o expulsar, pois está farto do seu

comportamento antissocial e de suas atitudes. Quando Bernard volta ao seu posto, é apontado publicamente como inimigo da civilização e conspirador por Tomakin, que ainda o concede, gentilmente, o direito a uma última palavra em seu favor. Mas a última defesa de Bernard não é apenas uma palavra.

É um conjunto de frases, pois a defesa dele se verbaliza em Linda. Nesse momento ele vê utilidade nela, e pede para ela entrar na sala. Tomakin fica atônito ao vê-la e parece não reconhecer a Beta de quem se perdeu anos atrás, mas ela se lembra dele com nitidez. Como se não bastasse, Bernard introduz John na conversa, e o Selvagem, ao olhar para Tomakin e perguntar “pai?”, faz todos os presentes rirem.

Mas fica sem resposta, pois seu interlocutor fugiu. No começo do C11 se descobre uma inusitada quebra de padrão, pois Tomakin se demitiu. Seu paradeiro ignorado a partir dessa marca permite interpretar que a estrutura hierárquica não prepara seus alfas para lidar com imprevistos – a volta de uma singular perdida e uma paternidade desconhecida, por exemplo.

Mas o retorno de Linda, por sua vez, foi singularmente único. Mesmo tendo se tornado alguém, ela é inofensiva mesmo sendo vista com repugnância em toda a parte, “pois fora incubada num bocal, decantada e condicionada como qualquer outra pessoa, de modo que não podia ter ideias verdadeiramente singulares” (2014, p.187). Duas décadas de distância afastaram a civilização dela, mas não foi mútuo, pois internamente ela nunca se desviou de seu condicionamento.

Ela passa por uma avaliação médica, mas não é readmitida em nenhuma função, tampouco enviada para um treinamento para aprender um novo ofício. Linda é direcionada para uma hospedaria e recebe largas porções de Soma, normalmente não distribuídas para uma peça em vias de concerto. Mas o médico que a atende não vê problema nisso, pois ela não vai assumir responsabilidade alguma e pode se entorpecer até cair no sono.

Ao contrário do alívio temporário fornecido pelo peyotl natural, não haveria dor nem constrangimento após doses avançadas de Soma, não teria “a sensação de ter feito algo tão vergonhosamente antissocial que não poderia mais andar de cabeça erguida.” (2014, p.188). Em Malpaís, não existia uma fuga segura; em Londres, Linda estava livre para fugir mesmo sem ameaças à própria segurança.

Ela foi reintegrada às avessas, mais uma vez pertencente à sociedade que não a resgatou nem após o seu retorno. A nova condição dela enfatiza a verticalidade das relações de produção, inclusive dos vínculos. As pessoas são geradas a partir de

tubos, de acordo com uma demanda de função; uma vez em idade adulta, devem segui-la dogmaticamente e não se desviar. Linda não quis fugir, ela se perdeu – e por ironia, foi resgatada por um alfa desajustado. Mas tais condicionantes não interessam aos mandantes do corpo social. Eles regulam, mandam fabricar e criar, quem estiver fora pode ser descartado, seja um alfa problemático e antissocial ou uma beta repugnante disfuncional. O Estado não perde tempo os reintegrando, e o vínculo de suas criações é apenas unilateral: os habitantes devem amar sua vida manufaturada e seus mandamentos Fordianos, mas não há reciprocidade nesta relação platônica e abertamente unilateral. Por esses motivos, acreditamos ser possível relacionar o amor não correspondido de Linda à seguinte afirmação de Marcuse:

A mesma organização tecnológica que contribui para uma comunidade mecânica no trabalho também gera uma interdependência que integra o trabalhador com a fábrica. (2015, p.64)

Linda é um exemplo dessa sensação, pois mesmo em Malpaís não se desviava de sua criação, e até conservou um manual de seu antigo emprego consigo. Porém, uma vez de volta, descobre-se que a interdependência é unilateral, pois o mundo prescindiu dela. Conforme mencionado ao longo dessa dissertação, *uma pessoa não pode ter tanta importância* para ser procurada, curada ou resgatada.

Ela nasceu instrumento, mas “quebrou” – não há espaço para quem se desvia da norma, seja pelos próprios atos (Bernard) ou por um acidente de percurso (Linda). O fato dela não protestar diante do diagnóstico recebido permite interpretar que aceitou ser recebida dessa forma, afinada pela ânsia em voltar.

John é o único que zela de verdade por Linda. Bernard a usou deliberadamente e se livrou de assumir qualquer responsabilidade com sua saúde, mas não foi repreendido por isso. Inclusive, foi agradecido por levá-la, permitindo a análise de um caso de senilidade (2014, p.190). Tal diagnóstico não muda a relação de John para com sua mãe, como se observa em um relatório escrito por Bernard:

“O Selvagem”, escreveu Bernard, “recusa-se a tomar Soma e parece muito aflito porque a mulher Linda, sua m..., vive em permanente fuga da realidade. É digno de nota que, apesar da senilidade de sua m... e de seu aspecto extremamente repulsivo, o Selvagem vai vê-la frequentemente e parece ser muito apegado a ela — exemplo interessante de como o condicionamento precoce pode modificar e até contrariar os impulsos naturais (no caso presente, o impulso de recuar ante um objeto desagradável). (2014, p.195) (aspas do livro)

Bernard, por sua vez, parece concentrar-se apenas em si. Readmitido no corpo social, vê seus convidados ‘incivilizados’ como meros instrumentos, pois não preza pela saúde de Linda e passou a usar John, cuja integração ao mundo novo assiste de perto, pois a presença dele o catapultou. De pária à beira do exílio passou a ser um homem respeitado, bem avaliado por seus pares, finalmente desejado por mulheres, convidado para festas de Alfes de cargos elevados.

Ele ascende por ter levado O Selvagem como se tivesse encontrado um instrumento raro, prestes a ser tocado pela melodia do mundo novo. Sua velha individualidade muda de tom, pois a hostilidade defensiva cede a um agradecimento misto, finalmente reconhecido e como sempre tivesse certeza de pertencer àquela casta tão elevada, embora não admita isso publicamente.

Porém, as satisfações do AMN devem ser imediatas e saciadas eternamente. No começo de C12, John recusa um convite feito a ele, mas Bernard sofre por essa negativa, pois, sendo responsável por leva-lo às festividades, é severa e publicamente repreendido, e seu declínio é tão rápido quanto a sua subida.

Sua escalada social aconteceu às custas de John, cujo desejo foi ignorado por Bernard. Depois da queda, o comportamento do Alfa volta à hostilidade defensiva dos capítulos iniciais. Após quebrar a instrumentalidade que Bernard fez de si, John o congratula por ter voltado a seu velho eu e parece mais feliz com a versão mau humorada de Marx (2014, p.215-6) do que com a sociabilidade instrumental dele. Tal reação permite interpretar que a felicidade momentânea de John é genuína e se dá pelos moldes do personagem, em vez de um estado de espírito imposto de cima como medida de enquadramento social.

Não foi apenas ao seu “velho eu” que Bernard voltou. Em um breve diálogo, se infere que ele deixou de falar com Helmholtz Watson durante seu curto êxtase. Tinha outras pessoas para o validar enquanto ser social, em vez da companhia de alguém tão desajustado quanto foi (e julgou deixar de ser). Mas bastou cair para conversar de novo com Helmholtz, e o descobrir em conflito com as autoridades.

O honorável cidadão singular, em busca da própria afinação, descobriu uma nova tonalidade batendo à sua porta, e a nomeou solidão. Mas como apenas escrever sobre essa ambiguidade em um mundo onde ninguém fica só era pouco, ele buscou compartilhar sua descoberta. Por isso, o autor de versos da engenharia emocional declamou esses versos únicos aos seus alunos.

A ausência dos braços de Susana,
 A falta dos beijos de Egéria,
 Seus corpos sem motivo ausentes,
 Este vazio que me contraria
 Acaba formando uma presença.
 Loucura vã! ... E entretanto,
 Por absurda que seja a origem,
 Esta sombra em que só o nada
 Povia melhor – miragem, bolha-
 O grande vácuo sutil da noite
 Do que o objeto com que se copula
 Tão tristemente – assim me parece!
 (2014, p.218)

Conforme descrito na subseção 3.4, Watson é parte da sociedade, mas o seu desajuste vem de sua individualidade, também involuntária, por se perguntar se há mais o que escrever além dos versos da engenharia emocional. Por ter declamado versos solitários, em vez do ideal autorreferente da máquina, foi considerado um perigo, alguém capaz de corroer instrumentos menos estáveis. Embora professor, ele segue ordens e não tem autoridade para elaborar, apenas deve obedecer. Mas seu discurso antioperacional é uma nota desafinada e insubordinada. Recorremos a uma ideia de Herbert Marcuse a esse respeito, pois a relacionamos a essa partitura única, chamada discurso, abandonada por Helmholtz:

Para a sociedade, essa organização do discurso operacional é de vital importância; serve como um veículo de coordenação e de subordinação. A linguagem unificada, operacional, é uma linguagem irreconciliavelmente anticrítica e antidialética. (2015, p. 117)

A blasfêmia de Helmholtz vai contra a linguagem unidimensional de AMN, pois existe *um* idioma oficial: o da civilização. Watson não dita as regras, logo não pode as transgredir nem alterar. Após a declamação, ele passa ao mesmo estatuto de Marx: alguém a ser abertamente vigiado.

Mas essa condição não é a de um rebelde convicto, nem a de um agressor. É apenas a de alguém desorientado, buscando um meio para se expressar, mesmo sem completa consciência deste. Helmholtz estava ciente do risco e o aceitou. Mas a ele faltava um conhecimento sobre poesia, longe dos cânticos (entediantes) regulares da civilização, pois ela não deseja essa deformidade solitária, tampouco dar a ele qualquer chance de se aprofundar nessa blasfêmia versificada. Por isso, tomamos a liberdade de articular a transgressão do personagem às palavras de Octavio Paz sobre o processo de escrita da poesia:

A sociedade não pode perdoar a poesia, pela própria natureza desta: ela lhe parece sacrílega. E mesmo que a poesia se disfarce, aceite comungar no altar comum e prontamente justifique sua embriaguez com todo tipo de razões, a consciência social a reprovará sempre como um extravio e uma loucura perigosa. (2017, p.22)

Assim como a tecnologia e a ciência, a poesia (se a classificação couber) é amordaçada no contexto ficcional. Tudo deve servir aos fins instrumentais da melodia uníssona do corpo social. O gesto de Helmholtz acontece justo em um momento delicado da trama, pois ainda em C12, ele e John se conhecem. Tal passagem une no mesmo espaço, temporariamente, três dos quatro instrumentos distorcidos apresentados na segunda metade do livro.

Linda é o primeiro, conforme nossa leitura nessa subseção. Bernard Marx e Helmholtz Watson ampliam a conta, aquele por seus traços antissociais, este por ousar com um tema e uma linguagem fora do discurso operacional, novamente emprestando um termo de Marcuse.

John é o último instrumento a quebrar, mas seus motivos diferem. Em suas situações nos capítulos dez e onze, não se pode acusá-lo de levantar-se contra o sistema em curso, pois sequer foi originado nele. Em C12, ele se revolta contra Bernard e recusa um dos convites para festividades (2014, p.209-10), em um gesto afirmativo de não estar à disposição da sociedade e não a querer saciar imediatamente – duas faltas graves. Ele se insurge contra a instrumentalidade praticada contra si, representada na vigilância de Marx, e se desvia dela.

Consideramos este fato como a primeira quebra de John. Uma fração do C11 volta para Lenina, que experimentou alguma ascensão social como efeito secundário de ter acompanhado Bernard quando este levou os ‘incivilizados’ para Londres. Ela também o conheceu em Malpaís, e antes da revolta dele, foi questionada como era relacionar-se com um Selvagem, embora tal ato não tivesse sido consumado.

À medida que o foco volta para Lenina, a atração dela por John fica mais nítida, e ele inicialmente corresponde. Mas John é “O Selvagem”, sem a compreensão de que *cada um pertence a todos*. Um relacionamento com uma mulher, segundo a experiência de John, deve passar por um ritual de matrimônio, unindo almas antes dos corpos em um vínculo exclusivo e duradouro.

Deve-se adicionar que parte de seu léxico emocional vem de suas leituras de William Shakespeare, (quando mais novo John encontrou um exemplar desgastado

das obras de Shakespeare em Malpaís), e as falas d'O Selvagem com frequência incluem trechos desse cânone, como indicado nas notas de rodapé da edição de AMN usada como objeto de análise desta dissertação. Ele está vinculado ao que aprendeu em Malpaís, parcialmente sem consciência de como a metrópole considera defeituoso qualquer um que não seja um instrumento.

Posteriormente Lenina o aborda em seu apartamento, e o diálogo entre esses personagens transparece uma nova colisão entre dois mundos. Lenina encarna a civilização, indiferente ao próprio exterior; John, com seus sentimentos indomados, busca um compromisso, sem saber que tal conceito inexistia em Londres.

— Não antes de... Escute, Lenina, em Malpaís as pessoas casam-se.
 — As pessoas... o quê? — a irritação recomeçara a invadir sua voz. De que estaria ele falando agora? — Para sempre. Fazem-se a promessa de viverem juntos para sempre. — Que ideia horrível! — Lenina ficou sinceramente chocada.
 — Durando mais que o brilho exterior da beleza, com uma alma que se renova mais depressa do que o sangue se empobrece e se fana.
 — O quê?
 — Também é assim em Shakespeare: “Mas, se romperes o nó virginal antes que todas as santas cerimônias, na plenitude de seus ritos sagrados...”
 — Pelo amor de Ford, John, fale direito. Não compreendo uma única palavra do que você está dizendo. Primeiro você me vem com aspiradores, depois com um nó. Você está me deixando louca! [...] Levantou-se de um salto e, como se receasse que ele pudesse fugir-lhe fisicamente, como o fazia em espírito, segurou-o pelo pulso. — Responda a esta pergunta: você gosta realmente de mim, ou não? (2014, p.230-1)

Ela interpreta que John a deseja, se despe e avança, mas O Selvagem, casto e imbuído de laços emocionais inexplicáveis para Lenina, a repele. A recusa dele pode ser interpretada como a segunda quebra de instrumentalidade de John. A primeira foi ao recusar ser uma coisa exótica, à disposição alheia.

A segunda, quando ele se negou a ter relações com Lenina, pois sua reação diante dela permite interpretar que considera o ato sexual como algo íntimo, fora da lógica de consumo imediato. Também abre margem para outra interpretação: John não aceita ter seus desejos saciados fora dos meios adequados à própria moralidade.

As inúmeras ofertas não o seduzem, inclusive as carnavais. As vivências dele o fazem crer ter experimentado sensações insubstituíveis em Malpaís, ou no mínimo ter presenciado algo que a manufatura moderna não vai oferecer para ele. A respeito do comportamento de John, trazemos um argumento de Ursula Le Guin, exposto no ensaio dela presente na edição de 2022 de AMN:

Ele é chamado de Selvagem, mas poderia ser chamado, com mais precisão, de Puritano. Apesar das infelicidades de sua infância entre os “primitivos” fora do Estado Mundial, John já viu amor e felicidade reais o suficiente para ter certeza de que uma substância química só consegue entregar imitações deles, que não existem atalhos para as experiências do real. Aprisionado no inferno que ele achava que seria o paraíso, ele tenta sair da delusão, recuperar a realidade, se abster da droga que mantém o Estado Mundial. (2022, p.282)

Porém, além de John não ter se expressado com a clareza (e facilidade implícita) necessária dentro do léxico de Lenina, ela tampouco tinha condições de ter abertura para o compreender. Ela não conseguiria interpretar o Soma e as comodidades como imitações de felicidade, pois conhece apenas aquela propagada em seu berço biomecânico. A discussão entre John e Lenina se torna calorosa, e é interrompida quando o telefone toca, pois havia um recado a ser transmitido ao “Senhor Selvagem” sobre a saúde de Linda (2014, p.239). Às pressas, ele abandona Lenina e vai ao encontro de sua mãe no Hospital Park Lane para Moribundos, apenas para presenciar os últimos suspiros dela.

Desamparado, John lamenta a partida da única pessoa por quem zelou, apesar de Linda ter lhe negado a maternidade mais de uma vez. Ele não encara a morte como algo natural, nem como uma continuidade de servir ao corpo social. Seu luto passa da tristeza à fúria em poucos minutos, pois um grupo de crianças em volta, em plenas aulas condicionantes sobre a morte, reage com horror ao ver Linda e se mostra indiferente ao falecimento, sensação compartilhada pelos adultos ao redor.

A narrativa em C15 mantém o foco em John, iniciado no C13, e demonstra como ele interrompe uma distribuição de Soma a um grupo de Deltas presentes no Hospital – alarmada, uma funcionária avisa a polícia. Em uma breve alternância de perspectiva, esse capítulo muda a cena para Bernard e Helmholtz, e só então eles percebem não saber onde John está.

Por meio de uma ligação, descobrem o paradeiro do Selvagem, que encontram rapidamente – apenas para serem detidos com ele, como se também fossem responsáveis pela ocorrência no hospital. A detenção dos três finaliza a segunda quebra de instrumentalidade de John, pois não há mais ninguém tentando transformá-lo em uma coisa a ser usada naquele momento. E também encerra os desvios de Bernard e Helmholtz da norma social, pois os perigos representados por eles são finalmente contidos.

Ela une, mais uma vez, três personagens essenciais à trama de AMN. Com maior ou menor consciência, eles desafinaram da melodia uníssona de Londres e se tornaram instrumentos quebrados. As últimas notas afirmativas sobre eles, tocadas pela maestria distópica, são apresentadas no C16, tema da próxima subseção.

3.8 Um canto em segurança

No começo do C16, O Selvagem John, Helmholtz Watson e Bernard Marx são levados diretamente à presença de sua Fordeza, Mustaphá Mond. Seus desvios comportamentais os transformaram em agentes tão perigosos que foi necessário invocar uma figura de grande autoridade para solucionar o caso.

A solução proposta por Mond é demonstrada ao longo do C16, cuja estrutura é um longo e importante diálogo sobre outros mecanismos de AMN. Em vez de alternar perspectivas por meio de cenas em que dois personagens estão em locais diferentes, se deduz as visões de cada um apenas por suas reações às falas do Administrador.

Que os recebe com aparente calma, reforçada por Helmholtz: “Isto parece mais uma reunião de amigos para tomar solução de cafeína do que um julgamento” (2014, p.261). A autoridade, por sua vez, invoca outra em sua resposta.

— Quer dizer que não gosta muito da civilização, sr. Selvagem? [...]
 — Não [...] existem coisas que são muito agradáveis. Toda essa música no ar, por exemplo...
 — *Por vezes, instrumentos melódiosos sussurram em meus ouvidos, e por vezes, vozes.* — A fisionomia do Selvagem iluminou-se de súbito prazer.
 — O senhor também o leu? — [John] perguntou. — Julguei que ninguém tivesse ouvido falar nesse livro aqui na Inglaterra.
 — Quase ninguém. Sou uma das raríssimas exceções. O senhor compreende, ele está proibido. Mas, como sou eu que faço as leis aqui, posso também transgredi-las. Impunemente, sr. Marx — acrescentou, dirigindo-se a Bernard. — O que, lamento dizê-lo, o senhor não pode fazer.
 (2014, p.262-3)

Destacamos em itálico parte da retórica de Mond, composta por versos d’*A Tempestade*, a mesma obra de William Shakespeare da qual Aldous Huxley emprestou o nome da distopia. A voz do Administrador prevalece, e ele explica aos convidados como o progresso foi uma escolha em prol da estabilidade em vez da grande arte, e reforça a Watson que ele nunca escreverá um *Otelo* nem uma *Tempestade*, mesmo se fosse possível fazê-lo em uma roupagem nova.

Em vez de uma ocupação solitária e anticonsumista como a leitura, se incentiva o consumo das coisas belas e dos cinemas sensíveis, rebatido por John. “— Mas eles não significam nada. — Significam o que são; representam para os espectadores uma porção de sensações agradáveis” (Idem, p. 265). A insatisfação de John é válida para quem lê a história, pois ele não se contenta com os produtos do monopólio cultural do mundo novo, cuja face sequer se preocupa com arte, espontaneidade e demais abstrações que John possa ter aprendido na Reserva. Inclusive, a passividade maciça dessa indústria pode ser explicada pelas ideias de Adorno e Horkheimer:

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. (1985, p.100)

Pode-se interpretar que John ainda está aprendendo o quanto autorreferente a indústria de Londres é, mesmo sem expressar sua indignação nesses termos. Ele não aceita imitações baratas e fáceis de arte nem de felicidade, pois considera ter presenciado o suficiente para recusar as ofertas da modernidade. Nesse sentido, este filho indireto da civilização é o único gerado por ela que a recusa – e com plenas condições, pois suas leituras de Shakespeare e suas experiências em Malpaís o deram um arcabouço insubstituível.

Retornamos ao diálogo do livro. Ao indomado visitante, Mond disserta sobre a divisão em castas, um dos pilares da estabilidade, pois mesmo tendo condições, não se deseja dar todas as capacidades físicas e biológicas à população inteira. Ao perguntar porque não se criam todos os habitantes como Alfas, o Selvagem recebe uma resposta categórica: “— Porque não temos nenhuma vontade de que nos cortem a cabeça” (2014, p.266).

O trabalho de um Gama ou de um Ípsilon seria um sacrifício para um Alfa, tão capacitado biologicamente, mas, para alguém dessas castas, é apenas uma atividade cotidiana. Mesmo após a decantação e durante todas as suas vidas, cada habitante

vive dentro de um bocal, mas esse bocal⁸ é muito mais largo para os Alfas, faixa social da qual o próprio Mustaphá veio.

Tampouco se deseja alterar a estrutura laboral de qualquer casta, também responsável pelo bem-estar coletivo. Mas como o Administrador revela, o resultado de uma experiência de redução da jornada de trabalho fracassou. “Toda a Irlanda foi submetida ao regime de quatro horas de trabalho diário. Qual o resultado? Perturbações e um acréscimo considerável do consumo de Soma, nada mais.” (2014, p.269). A partir dessa explicação, se obtém mais um argumento para inferir como o maquinário passou a definir as identidades dos habitantes, vide a narrativa de Linda, mencionada há pouco.

Porém, o sistema se torna refém do que cria para se perpetuar, pois mesmo uma mudança vinda de cima pode fratura-lo. As aparências e sobrenomes são massificados, as funções são irremediavelmente definidas antes de uma criança crescer, e mesmo as atividades das horas ‘livres’ são redirecionadas: as criaturas geradas pelo aparato moderno devem sustentá-lo dentro e fora do labor. Os meios de controle foram renovados durante a história dessa civilização, a qual pode ser parcialmente explicada pelo seguinte argumento:

O aparato produtivo tende a se tornar totalitário no sentido em que ele determina não apenas as ocupações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. Dessa forma, isso ofusca a oposição entre a existência pública e privada, entre as necessidades individuais e sociais. A tecnologia serve para instituir novas formas, mais efetivas e prazerosas, de controle e coesão social. (2015, p.36)

Esse argumento de Herbert Marcuse se relaciona tanto com a estabilidade quanto com a relação entre trabalho (casta) e identidade (função social), indissociável no contexto distópico.

Ele também permite formularmos uma hipótese: a da tecnologia como mediadora. Essa hipótese pode ser sustentada pelas várias referências aos processos realizados em AMN, da incubação de futuros habitantes ao condicionamento pela hipnopédia, das ferramentas trabalhistas aos meios de entretenimentos disponíveis. Mas a possibilidade não se esgota nesse raciocínio, pois partindo de uma explicação de Mond, questiona-se quem é o verdadeiro mediador.

⁸ Essa metáfora contada em 2014, p. 267 é referenciada no trabalho *Each one of us Goes Through life inside a Bottle: A Reading of Brave New World in the Light of Zygmunt Bauman's Theory*, abordado na subseção 2.1.10.

— Toda descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva: até a ciência deve, às vezes, ser tratada como um inimigo possível. Sim, a própria ciência. — Sim — continuou Mustafá Mond —, essa é outra parcela no custo da estabilidade. Não é somente a arte que é incompatível com a felicidade, também o é a ciência. Ela é perigosa; temos de mantê-la cuidadosamente acorrentada e amordaçada.

— O quê? — exclamou Helmholtz, assombrado. — Mas nós vivemos repetindo que a ciência é tudo. É um lugar-comum hipnopédico.

— Três vezes por semana, dos treze aos dezoito anos — recitou Bernard. (2014, p.269-70)

A mesma ciência, facilitadora do progresso, é amordaçada justo para o manter dentro dos parâmetros desejados pelo alto comando de AMN. Em vez dela conduzir, foi transformada em condutora; e as infinitas possibilidades da pesquisa científica foram limitadas, redirecionadas exclusivamente para a autopropetuação de uma engenharia totalitária. A oratória de sua Fordeza transparece o quanto o mundo ‘antigo’ foi reconfigurado, de modo a aumentar as dependências conforme a ideia de progresso almejada: humanos não vivem mais sem máquinas, e a ciência praticamente inexistente sem tecnologia. Isso posto, recorreremos ao seguinte argumento de Andrew Feenberg:

A ciência é hoje em dia mais dependente da tecnologia do que era no passado. É verdade que o século XX conheceu um aumento dramático nas aplicações práticas do conhecimento científico, mas esta situação nova não revela a essência da relação entre ciência e tecnologia. Pelo contrário, confunde a distinção do bom senso, ao estabelecer um caráter produtivo para a própria ciência. (2015, p.66)

Levantamos a hipótese de que tal ideia, embora pertencente ao século XXI, corrobora a preocupação de Huxley quanto à aplicação cotidiana da ciência e da tecnologia na primeira metade do século XX. Ambas foram instrumentalizadas e reformadas, voltadas para um caráter produtivo dentro da lógica de AMN, medido pela felicidade como enquadramento social, conforme demonstramos na subseção 3.2.

Porém, apesar de instrumentalizadas, elas não são capazes de criar por si mesmas. Mesmo com suas engrenagens milimetricamente encaixadas, ainda existe uma necessidade de alguém tecnicamente capacitado para montar e fiscalizar o pleno funcionamento delas. Logo, meios se tornam necessários para materializar sua direção canalizada, e pode-se interpretar ambos fatores como transformados em meios para um fim. Novamente, emprestamos um raciocínio d’*O Homem Unidimensional* para compor nossa arguição, por acreditarmos que a seguinte

elaboração de Marcuse, embora redigida depois de AMN, sumariza elementos intrínsecos à funcionalidade do mesmo:

Apenas no meio da tecnologia, homem e natureza se tornam objetos de organização fungíveis. A efetividade e produtividade universal do aparato sob o qual eles estão subsumidos mascaram os interesses que organizam o aparato. Em outras palavras, a tecnologia se torna o grande veículo de *reificação* – reificação em sua forma mais madura e efetiva. A posição social do indivíduo e sua relação com os outros parece não apenas ser determinada pelas qualidades e leis objetivas, mas essas qualidades e leis parecem perder seu caráter misterioso e incontrolável; elas aparecem como manifestações calculáveis da racionalidade (científica). O mundo tende a se tornar substância de total administração, que absorve até mesmo os administradores. (2015, p.172)

Esse argumento ajuda a corroborar o cargo exercido por Mond, cuja origem o próprio conta. Originalmente um Alfa, também se esperava muito dele, cujas atividades o levaram a incorrer em alguma irregularidade no ethos civilizatório, o suficiente para ele ter desenvolvido sintomas de personalidade.

Não há detalhes quanto ao alcance do perigo em potencial que ele pode ter representado um dia, mas infere-se ter sido o bastante para incomodar o corpo de autoridades anteriores a si. Conforme a narrativa na página 272, a ele foram disponibilizadas duas opções: o exílio, para continuar suas pesquisas particulares sem oferecer riscos à civilização, ou ser admitido no Conselho Supremo, com perspectiva de se tornar um Administrador.

Mustaphá fraturou a própria instrumentalidade apenas para vê-la reinventada e ampliada, devido às suas novas responsabilidades enquanto Administrador do patrimônio de Sua Fordeza, e o preço pago por ele foi renunciar à ciência. Sua retórica, apesar de transparecer um breve lamento, permite interpretar que ele não apenas conhece intimamente os recursos da engenharia social como é favorável a eles, e não considera as cobranças onerosas para si nem para o bem-estar coletivo.

É em prol dessa estabilidade, representada na tecnologia e mediada pela ciência, que Mustaphá e os demais Administradores limitam o círculo das pesquisas, concentradas no imediato.

Em uma das poucas menções à época de Henry Ford, não tão distante da década em que Huxley escreveu AMN, Mond diz achar curioso descobrir que se acreditava poder deixar o progresso científico livre, como o saber fosse um bem a se considerar. “Nosso Ford mesmo fez muito para diminuir a importância da verdade e

da beleza, em favor do conforto e da felicidade. A produção em massa exigia essa transferência” (2014, p.272), ele diz, e completa:

Até a época da Guerra dos Nove Anos. Ela fez com que mudassem de tom, posso garantir-lhes. Que valor podem ter a verdade, a beleza e o conhecimento quando as bombas de carbúnculo estouram em torno de nós? Foi então que a ciência começou a ser controlada: depois da Guerra dos Nove Anos. Nesse ponto, as pessoas estavam dispostas a deixar controlar até os seus apetites. Qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada. (2014, p.272-4)

Como um adendo, pontua-se que a Guerra nos Nove Anos pode ser interpretada como um evento ficcional, partindo dos seguintes pressupostos:

- 1) o correspondente histórico da expressão se refere a uma guerra do século XVIII, distante das mencionadas diretamente por Huxley em seus ensaios;
- 2) uma menção à origem da hipnopédia permite delimitar o ano do descobrimento de seu princípio em aproximadamente 1921 d.C, 13 anos após 1908, o lançamento do Carro Ford Modelo T, como apontado na subseção 3.2, antes da medição de tempo ser alterada para d.F.;
- 3) ressalta-se a paródia como recurso aos potenciais aspectos referenciados pelo autor em sua ficção, posteriormente lida como sátira e distopia. Não se intende levantar especulações nem demérito sobre alguma informação contida em AMN, apenas reforçar a menção a um evento importante dentro de seu enredo, porém, neste caso, sem correspondentes históricos identificáveis, mesmo na paródia.

Voltando à oratória de Mond, a Guerra dos Nove Anos é um evento deflagrador, como se por causa dele as propostas um dia recusadas tivessem sido finalmente aceitas. Por elas, se interpretam os fundamentos da civilização apresentada em AMN. Porém, se destaca esse argumento como dedução nossa, pois não há uma linha do tempo explícita entre a última porção do século XX e a primeira da era d.F, tampouco um meio que especifique as primeiras versões dessas propostas e suas adaptações antes e durante o enredo.

Adicionalmente, considerem-se as escassas marcações diretas do tempo (as mencionadas 632 d.F e 23 anos após a criação do Modelo T), porém, soltas, sem uma versão oficial que identifique os anos transcorridos entre “passado” (presente de Aldous Huxley) e “futuro” (presente do livro), entre “pré-modernos” e “modernos” (termos usados na ficção) e demais terminologias. (Imaginamos que, existindo um

registro oficial desta linha do tempo, Mustaphá Mond a tenha escondido em seu cofre, junto ao seu exemplar d'*A Tempestade*).

O evento deflagrador pode ser lido como um limite, um último preço pago por uma vida “instável”, a partir do qual as autoridades e os habitantes se renderam e aceitaram as novas cobranças pelo bem-estar geral. Se tais compradores sabiam ou cogitavam a civilização vindoura, em que todo resquício de individualidade é visto como perigoso e até a ciência, facilitadora do progresso, vive acorrentada, é incerto.

Os discursos enaltecidos de Henry Foster, Tomakin e do Administrador Mustaphá Mond representam o agora eterno, nunca imaginado pelo passado longínquo. O totalitarismo reifica até os senhores das engrenagens, e toma-se a liberdade de imaginar que eles responderiam “sim” a qualquer manutenção da sociedade distópica. Tais autoridades não se opõem à transferência de energia da individualidade e da beleza para a construção de um todo estável. Inclusive, eles podem ser tão escravos quanto os seus subalternos, sendo um conjunto de escravos com poderes –potencialmente submissos a mais regras que as massas.

Ao aceitar os preceitos de uma então nova metrópole, até os métodos um dia embrionários se tornarem a norma de um nascente corpo social, também se eliminaram alternativas à própria existência. O fato de Malpaís ser vista como uma Reserva primitiva, porém, existente, indica que a despeito da autocelebração, não há ímpetus expansionistas – a civilização chega em locais onde há retorno geográfico e financeiro, e não é o caso desse espaço indomado. Malpaís tem suas próprias normas, porém, por ser incivilizada, não é considerada como alternativa nem como perigo. A Reserva persiste apenas porque a Londres não interessa colonizá-la. Porém, pode-se levantar outra dúvida sobre as alternativas dentro do AMN.

Mustaphá Mond contou ter tido duas escolhas extremas e completas: o exílio ou a integração. Porém, dos personagens nascidos na Londres fictícia de Huxley, apenas ele recebeu opções.

A autoridade não ofereceu uma redenção a Bernard Marx, em quem desejava dar uma lição (2014, p.193); pronunciou seu veredito e o condenou a um exílio definitivo, a fim de ceifar preocupações com o Alfa defeituoso. E o seu julgamento de Watson parece menos duro, mas não menos firme: mais uma peça quebrada, mais uma expulsão. O mandante ainda ironiza seu próximo condenado:

- É uma sorte [...] que haja tantas ilhas pelo mundo. [...] A propósito, sr. Watson, agradecer-lhe-ia um clima tropical? As Marquesas, por exemplo, ou Samoa? Ou preferiria algo mais estimulante?
- Gostaria de um clima fundamentalmente ruim. – respondeu – Acredito que se poderia escrever melhor num clima rigoroso. Se houvesse muito vento e muitas tempestades, por exemplo... [...]
- Gosto da sua coragem, sr. Watson. Gosto muitíssimo. Tanto quanto a desaprovo oficialmente. – sorriu. – Que acha das Ilhas Falkland?
(2014, p.274)

Bernard e Helmholtz não têm volta. Encarnado na figura de Mond, o sistema os condena em vez de corrigir, limpando as suas presenças em vez de insistir em uma reintegração ou de os reprogramar por um condicionamento segmentado. Suas instrumentalidades findadas, devem ser descartados sem paixão.

Empossado Administrador, Mond sequer disponibiliza opções que recebeu, e torna-se implícito, pelo discurso dele no C16, que se oferecem alternativas quando há sinais de manutenção do ciclo civilizatório. De apenas um Alfa com tendência à investigação científica, ele passa a um mantenedor do sistema que aprisionou seu eu pesquisador. As falas dele permitem sustentar uma hipótese: Mond não ofereceu tais meios a Bernard e a Helmholtz por não detectar neles traços fundamentais, que pudessem ser revertidos em prol da manutenção do sistema que eles enfrentaram, com maior ou menor consciência e instrumentalidade.

Ao longo deste capítulo, argumentamos que o personagem Bernard Marx simboliza, simultaneamente, o sucesso e o fracasso das engrenagens modernas; o mesmo pode ser dito de Helmholtz, cuja individualidade sequer existiria se o sistema fosse tão perfeito quanto se julga. Inclusive, nem Bernard seria quem é. Ambos seriam Alfas comuns, em vez de delinquentes diante dos olhos administradores. A engrenagem social pensou ter corrigido muitas “falhas”, e buscou se antecipar a pequenos acidentes ainda possíveis.

Mas levantamos a hipótese de que não aprendeu a lidar com um incidente chamado “indivíduo”, manifestado através de Bernard, Helmholtz e indiretamente em John (pois ele não nasceu em tubo de ensaio). Mesmo sendo poucos números, descartáveis como se nunca tivessem saído dos centros de incubação, esses dois incidentes gerados dentro da máquina social ainda precisam de uma correção. Esse poderoso engenho ainda sente a necessidade de vigiar e, em casos extremos, reprimir e até punir. Lembramos da seguinte afirmação de Marcuse a respeito da repressão de atitudes individuais:

O mundo tecnológico autocontido e autopetruante permite mudança somente dentro de suas próprias instituições e parâmetros. (2015, p.20)
 Sob o domínio de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em um poderoso instrumento de dominação. [...] A livre escolha entre uma ampla variedade de bens e serviços não significa liberdade se esses bens e serviços sustentam controles sociais sob uma vida de labuta e medo – isto é, se eles sustentam a alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece a autonomia; ela testemunha apenas a eficácia dos controles. (idem, p.46)

Parcialmente, tais argumentos explicam a condenação verbalizada por Mustaphá, pois ele recebeu alternativas, mas não as ofereceu quando não viu uma chance de manter o mundo autopetruante que o acolheu, mesmo cobrando sua individualidade por uma posição nova. Ele teve o direito de escolha, mas em prol da liberdade restrita de seus súditos, não renovou as correntes libertadoras de seus recém condenados. Sistema personificado, o Administrador se torna meio e mensagem, e reproduz a eficiência esterilizante que “limpa” as impurezas.

Bernard é retirado da sala, Helmholtz sai dela por livre arbítrio antes do exílio, e no começo do penúltimo capítulo, Mustaphá surpreende o Selvagem ao mostrá-lo um livro guardado em seu cofre: uma bíblia. A reinvenção às avessas do sentimento religioso em AMN é o debate dos dois, pois John pergunta porque não se fala em Deus, se a própria Fordeza O conhece. A resposta é que esse Deus é antigo, e não há porque mostrar uma entidade antiga a um mundo novo (argumento semelhante ao motivo de não apresentar Shakespeare). Mond emenda:

Só se pode ser independente de Deus enquanto se tem juventude e prosperidade; a independência não nos levará até o fim em segurança. [...] agora nós temos juventude e prosperidade até o fim. O que resulta daí? Evidentemente, que podemos prescindir de Deus. “O sentimento religioso nos compensará de todas as nossas perdas.” Mas não há, para nós, perdas a serem compensadas; o sentimento religioso é supérfluo. (2014, p. 279)

A explicação do Administrador também reforça, para John (e para nós), o quanto esse mundo moderno se reorganizou para seus habitantes não sentirem falta de nada, tampouco terem a chance de conhecer a solidão. Conforme mencionado há pouco, Mond tem plena consciência do preço cobrado pelo conforto abrangente de AMN, e não vê problemas ao renunciar à ciência, à beleza, à grande arte, à individualidade, à própria iniciativa – para ele, foi um preço justo a se pagar por uma vida sem flagelos. “E, quanto a fazer as coisas, Ford os preserve de ter jamais tal ideia na cabeça! Toda a ordem social ficaria desorganizada se os homens se pusessem a fazer as coisas por iniciativa própria” (2014, p.282), ele conclui.

Levantamos, durante a nossa interpretação, uma pergunta crucial para reler o construto de Huxley: se essas novas regras estão realmente libertando seus seguidores ou apenas os coagindo a novas formas de obediência, potencialmente mais ferozes que as anteriores. Estendemos tal ideia à religiosidade dentro do romance, também substituída.

Acreditamos que Huxley se valeu da proximidade entre Lord (Deus) e Ford em inglês, e tal carnavalização visava representar atitudes diante de um então novo 'salvador'. Além de uma função paródica, acreditamos que tal recurso representa um latente processo de substituição: em vez de promessas sem forma nem prazo, um símbolo material e presente no cotidiano, como um símbolo de culto. Dado isso, tomamos a liberdade de relacionar as seguintes frases de do crítico literário Terry Eagleton à conversão da religiosidade em AMN:

Em grande medida, o projeto não era substituir o sobrenatural pelo natural, mas descartar uma fé bárbara e ignorante em favor de outra, racional e civilizada. (2016, p.20)

Não faria sentido perder tempo cultuando um Deus invisível, quando podemos nos empenhar na tarefa muito mais gratificante de cultivar a nós mesmos. (idem, p.132)

Esse mundo novo deslocou um antigo sentimento direcionado Àquele que não pode ser visto para uma onipresença material, ressignificada como meio e mensagem, para seus súditos não conhecerem o que não podem tocar ou sentir. As autoridades vigilantes, imbuídas da palavra de Sua Fordeza, involuntariamente parodiam o Velho Testamento. Em vez de “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (1993, p.80), pronunciam “Eu vim em nome de Lord, te tirei de um tubo de ensaio e te fiz amar a servidão”; em vez de “Não terás outros deuses diante de mim” (idem), pontifica “não terá outra vida além da que te dou”.

Essa dádiva pode ser lida como uma autodivinização dos grupos responsáveis pela verticalidade da estrutura de AMN, aspecto no qual concordamos com Octavio Paz: “A religião mantém a eternidade da sociedade e, de certo modo, é uma autodivinização do grupo social ou dos poderes que o coagem” (2017, p.19). O sentimento religioso não se tornou um tabu falado em voz baixa como a família, porém, foi mais um fator do 'mundo arcaico' soterrado pela edificação desse autolouvor. Mond chama o Soma de o Cristianismo sem lágrimas (2014, p.283-4), e os cânticos de Londres representam esforços para ninguém as derrubar.

3.9 Afirmação final

John não quer abdicar de si, e aceita os riscos da instabilidade, mesmo que sua saúde responda por isso um dia. Ele escolhe deixar Londres, consciente de não se adequar à metrópole, pois experimentou extremos entre uma socialização forçada, na qual era uma atração exótica. Também não deseja voltar à Reserva, pois sentiu uma hostilidade que o impedia de pertencer aos povos nativos, por ser filho de uma mulher promíscua (Linda), e não ter a oportunidade de conhecer os costumes locais. Prestes a se despedir de Bernard e de Helmholtz, ele tem apenas um desejo:

- Mas diabos me levem – acrescentou o Selvagem, com súbito furor – diabos me levem se eu continuar a servir de objeto de experiências. Nem por todos os Administradores do mundo. Também parto amanhã.
 - Mas para onde? – perguntaram os dois ao mesmo tempo. O Selvagem deu de ombros.
 - Para qualquer parte. Pouco me importa. Contanto que possa estar só.
- (2014, p. 289)

O foco do capítulo final de AMN é contar, em terceira pessoa, como ele parte em busca de um espaço onde possa se sentir só, e encontra um farol abandonado entre Puttenham e Elstead. Seus modestos recursos o permitem cultivar uma horta artesanal, e John cuida de seu espaço – físico e íntimo – em completa solidão, com liberdade para contemplar a natureza (ainda) descolonizada e se voltar para seu interior por meio de seus sentimentos e atos religiosos.

Até ser importunado. Um grupo de Deltas o vê de longe, mas não interage com ele; logo, um grupo de repórteres se aproxima e tenta extrair alguma curiosidade d'O Selvagem. Um deles consegue, pois grava John em seus rituais particulares sem se fazer notar, e os rugidos dele são transformados em uma sessão do Cinema Sensível.

Em busca de mais êxito e material para a diversão da metrópole, mais pessoas vão até o farol. Mas vão em helicópteros e grupos grandes, deixando John em uma severa desvantagem, da qual ele não consegue escapar (2014, p.302). Ele ataca uma das invasoras, mas em vez de afastar os demais, o ato tem um efeito contrário:

- Atraídos pela fascinação do horror do sofrimento e, interiormente, impelidos pelo hábito da ação em comum, pelo desejo de unanimidade e comunhão, que o condicionamento neles implantara de forma tão indelével, os curiosos puseram-se a imitar o frenesi dos gestos do Selvagem, batendo uns nos outros, enquanto ele fustigava sua própria carne rebelde, ou aquela encarnação roliça da torpeza que se contorcia nas urzes a seus pés.
- (2014, p.305)

O gesto inspira uma dança que se transforma em um transe coletivo, à maneira dos rituais de interação da cidade. Mesmo distantes fisicamente do lugar urbano, os habitantes o invocam no espaço particular de John, rural e desprovido de recursos mecânicos, pois vêm de uma cultura afirmativa (retomando a expressão de Marcuse, mencionada pela primeira vez na subseção 3.2). Pode-se encarar o transe coletivo como um gesto afirmativo de seu pertencimento à civilização, em contraste à nascente solidão que John começou a cultivar.

Ele também desmaia de exaustão, e ao acordar se horroriza com os rescaldos de suas memórias recentes. Entorpecido de vergonha, ele busca um novo norte em uma afirmação final, descoberta por invasores no dia seguinte.

A porta do farol estava entreaberta. Empurraram-na e entraram numa penumbra de janelas fechadas. Por um arco na outra extremidade do local viam-se os primeiros degraus da escada que levava aos andares superiores. Exatamente sob o fecho do arco pendiam dois pés. (2014, p.306)

O final desse personagem, a quem a narrativa privilegia a partir de sua segunda metade, pode ser lido como uma influência do totalitarismo moderno. A cultura (auto) afirmativa da metrópole prega uma interação constante, de modo a ocupar seus cidadãos e os impedir de conhecer a solidão. Ela também expelle alternativas a si mesma, conforme os desfechos de Bernard Marx e Helmholtz Watson.

Porém, mesmo a Reserva de Malpaís não sendo parte do mundo moderno, ela não foi destruída; nem o farol onde John se abrigou. Como mencionado em 3.8, não há demonstrações claras de ímpetos expansionistas por parte da civilização, cuja demarcação territorial pode ter outros guias. Porém, suas melodias se inserem com tamanha profundidade nos habitantes pré-fabricados que eles agem como se nunca saíssem mentalmente dela.

A civilização unidimensional não ofereceu opções a dois de seus Alfas, tampouco a uma Beta nascida em seu berço biomecânico. Por fim, não permitiu que seu visitante “exótico” mantivesse a própria natureza, também invadida quando este a tentou cultivar sem representar perigo. Esse *dis-topos* se pronuncia no transe coletivo, ao não aceitar uma existência fora de si. Pode-se relacionar, parcialmente, essa interação forçada entre John e os invasores a um argumento de Theodor Adorno:

Numa época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções. Isto pesa muito sobre a questão do tempo livre. (2002, p.62)

A invasão do farol, além de sinalizar um desrespeito ao inócuo ermitão, também representa a dependência dos transgressores ao status quo moderno. Nada restou neles exceto os mantras, o imediatismo do prazer, o tempo livre como louvor àquilo que eles foram ensinados a amar. Porém, nem John restou depois da barbárie.

John não se permitiu ser absorvido pela cultura da civilização, e se exilou por não se sentir acolhido pelas imitações e atalhos de felicidade (em referência ao exposto na subseção anterior). A metrópole, por sua vez, não se contentou com a recusa pacífica d'O Selvagem. Impedindo o direito à solidão de John, os invasores queriam alguma coisa dele – um gesto, uma selvageria, uma expressão boa o suficiente para os entreter mais um tempo.

Ele se recusou a ter uma função e ser um experimento, e mesmo assim seu tempo livre - o cotidiano em função de si mesmo, antes de ser removido à força de seu cultivo latente – foi tirado de si, pois emprestando o raciocínio de Adorno, houve quem desejasse determinar uma última função ao Selvagem.

Sem espaço para qualquer reação dos invasores, o livro encerra com o destino de John. Seu último ato também pode ser lido como uma mensagem, embora drástica. Partimos de uma hipótese, composta por todas as falas e atitudes de John durante o romance, reforçando que a interpretação de seu gesto derradeiro continua aberta.

Em seu último ato, ele declara não desejar pertencer a um todo onde cada um se perde. O assim chamado Selvagem vê a modernidade como um mundo em constante celebração de emoções falsas e facilidades limitadoras, onde se abre mão do livre arbítrio em favor de uma ideia frágil de coletividade, e qualquer resquício de espontaneidade ou de autenticidade é reduzido a uma distração descartável. Não se encontrando em lugar nenhum, tampouco onde tentava construir um espaço moldado por seus valores, John encerra o diálogo com o mundo por meio de sua derradeira afirmação final.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura construída ao longo da presente dissertação foi elaborada de acordo com a seguinte pergunta norteadora: “Quem medeia as relações entre tecnologia e identidade em *Admirável Mundo Novo*?”. Essa pergunta central está acompanhada pelos seus objetivos específicos, também expostos na introdução:

- Identificar a potencial influência do contexto histórico, principalmente dos anos 1920, em *Admirável Mundo Novo*;
- Estabelecer uma fortuna crítica sobre o livro a fim de elaborar respostas à pergunta-guia, e contextualizá-lo de acordo com o referencial teórico.

Com o objetivo de levantar informações e alicerçar hipóteses às perguntas, compilou-se um recorte das leituras acadêmicas brasileiras (capítulo 2.1) e estrangeiras (2.2) de *Admirável Mundo Novo*, assim como informações biográficas que possam ter influenciado na construção da obra (2.3) e em sua recepção (2.4).

Também foram analisados diversos aspectos presentes na trama, do condicionamento das massas à divisão em castas (subseções 3.2 e 3.3), saindo de planos gerais para histórias individuais ao focar nossa leitura em Bernard Marx (3.4) e posteriormente em John (3.6), e como tais personagens quebram, voluntariamente ou não, a instrumentalidade que o sistema faz deles.

Pode-se inferir, após os argumentos e informações levantados nos capítulos anteriores, que a resposta à primeira pergunta é: quem medeia é a Ciência – controlada pelo Estado. Por meio dela, amordaçada de acordo com a melodia unidimensional que propaga, o Estado recria a própria vida dos cidadãos, e os direciona a um mundo de práticas fixas, do qual seus moradores não podem fugir nem conceber tal ideia, pois as que têm são aquelas implantadas pelos Administradores desse sistema. A Mão Estatal usa a Ciência, cujas descobertas servem de base para a Tecnologia, convertida em meio para um fim: permitir a manutenção desse *ethos*.

Manipulados, ambos fatores perdem qualquer vestígio de inocência ou neutralidade, e seus potenciais latentes podem ser cortados no berço caso não atendam às necessidades de seus novos donos. Esses, por sua vez, são tão escravos dessa engenharia social quanto os habitantes da distopia, mesmo sendo escravos com mais consciência e poderes hierárquicos que os demais. O meio para o qual a Ciência e a Tecnologia foram redesenhadas tem fins próprios dentro da sociedade de consumo montada em AMN, e aqui recorreremos a Andrew Feenberg, cujo argumento

abaixo se relaciona à perda da inocência da tecnologia, pois além de nunca ter caminhado sozinha, os administradores de AMN a pegaram pela mão e colocaram viseiras em seus olhos, para ela “ver” apenas o desejado por eles.

A sociedade de consumo torna-se possível por uma tecnologia suficientemente avançada para criar abundância. Mas o papel da tecnologia não é inocente. Não é um mero meio para fins extrínsecos. A fácil disponibilidade de meios tecnológicos para tipos específicos de satisfação tende a enviesar os desejos sancionados socialmente precisamente para essas satisfações. [...] Toda uma forma de vida está implícita na tecnologia e os consensos que ela organiza na prática são difíceis de criticar e, ainda muito menos, de contestar e superar. (2015, p.173)

As existências conturbadas de Bernard Marx e de Helmholtz Watson exemplificam esse império. O outsider às avessas não se adequa, pois nem sua fisionomia contribui com qualquer ímpeto de integração. Para o involuntário compositor de versos, a abundância não parece bastar, visto que ele segue a norma até finalmente encontrar uma sensação escondida pelo consenso das normas que deveria reforçar. E ambos são expulsos do paraíso, incapaz tanto de curar seus males quanto de permitir pessoas insatisfeitas em seu núcleo (principalmente se insatisfação for sinônimo de singularidade).

Novamente emprestamos algumas palavras de Feenberg para explicar parte das operações do romance. Curiosamente, o teórico menciona justo a distopia de Huxley ao dissertar sobre uma tecnologia imperialista:

Uma vez desencadeada, a tecnologia torna-se cada vez mais imperialista, tomando o controle de um domínio da vida social a seguir ao outro. Na imaginação mais extrema do substantivismo, um “bravo mundo novo”, como o que Huxley descreve na sua famosa novela, conquista a humanidade e converte os seres humanos em meras rodas dentadas da maquinaria. [...] Huxley tem as pessoas produzidas em linhas de montagem, para fins sociais específicos e condicionados para acreditarem exatamente naquelas coisas que os adaptam à sua função. (2015, p.129)

Se ressalta o quanto a cosmovisão unidimensional desse mau lugar prevalece sobre qualquer outra. Ela esteriliza desvios de suas normas internas e, também, impede que seus habitantes possam respeitar ou imaginar a existência de outras vidas além das concebidas pela Mão Estatal. Essa direção imperialista, usando a descrição de Feenberg, controla os súditos os oferecendo condições básicas de saúde, trabalho e habitação; e reforça seu viés totalitário por meio do entretenimento, do consumo material e carnal, e das odes ao grande Ford, coroando seus métodos ao transformar

todo singelo morador em um robô submisso, pronto para obedecer e adorar os engenhos de seus lordes sem questionar.

Há de se considerar que o vocábulo ficcional não detalha o funcionamento de um Estado Mundial completo, pois de Dez Administradores Mundiais conhecemos apenas um, o supramencionado Mustaphá Mond. Nem no capítulo que o privilegia temos acesso aos nomes dos outros Nove, tampouco às suas jurisdições geográficas ou métodos tecnocráticos. Conhecemos uma personificação na figura de Henry Ford, divinizado por ter concebido ideais que, readaptados, auxiliaram a criar a metrópole distópica. Inclusive, infere-se que ele está acima dos Dez Administradores, mas o conchavo deste grupo em particular não é revelado.

Esta seleta hierarquia responde pelas normas que mantêm o agora eterno do mundo novo, e supervisionam a aplicação dessas regras. Anteriormente, destacamos uma fala de Mond, pois ele adverte Bernard que, por ser um dos Dez, pode quebrar as regras impunemente – afinal, ele é um de seus juízes. Representante de Ford, seu veredito é a lei em sua totalidade.

Em nossa construção, observamos que todos os itens tocados pelo Estado são revertidos à sua subsistência, desde o ‘ódio instintivo aos livros e flores’ incutido em crianças (conforme seção 3.3) ao tempo de uma jornada de trabalho. Assim, se solidificam os interesses Estatais sob a manta de um cuidado paterno, como demonstrado em 3.2.

A longa oratória do Administrador transparece uma oposição aos ideais pré-modernos, menosprezados e reduzidos a cinzas por personagens em posição de autoridade. Porém, esta oposição em si pode ser considerada um valor dentro da lógica ficcional, pois a modernidade substituiu todos os valores pré-modernos, nos quais faz questão de pisar – afinal, todos são felizes *agora*.

Os valores propagados são os fabricados pelo Estado, onipresente em sua coerção tecnocrática. Esta, por sua vez, evita a perda de validade dos seus valores ao manter sua estrutura intacta e expulsar perigos potenciais. Logo, pode-se considerar a suficiência dessa hipótese à pergunta norteadora, pois o avanço das possibilidades técnicas da Ciência foi instrumentalizado para um fim. Este fim, por sua vez, não se administra sozinho, sendo o Estado responsável por zelar e propiciar tais meios. Isto posto, relacionamos a seguinte arguição do teórico Jürgen Habermas ao nosso raciocínio, por acreditarmos que o teórico sumariza, involuntariamente, o reposicionamento de valores dentro da distopia:

Existe claramente uma relação de interdependência entre, de um lado, os valores que nascem da trama de interesses sociais e, de outro, as técnicas que podem ser utilizadas para a satisfação de necessidades orientadas por valores. Se os chamados valores perdem sua conexão com uma satisfação tecnicamente adequada de necessidades reais, eles se tornam disfuncionais e caducam como ideologias ao longo do tempo; inversamente, novos sistemas de valores podem surgir com a inovação técnica produzida a partir da transformação dos contextos de interesses. (2014, P.157)

Tal interdependência se cristaliza no diálogo do capítulo 16 de AMN, foco de nossa arguição em 3.8 e 3.9. Mond explica como a ciência passou a ser controlada; ao Selvagem, explica os motivos de não apresentar *Otelo*, a *Bíblia* cristã e afins à população: tudo isso é antigo, palavra à qual o Administrador adiciona um claro julgamento negativo. O conjunto de valores dessas obras nunca serviu aos propósitos culturais da metrópole, nem como trivialidade consumível, então não há conexão entre a representatividade desse passado e importância corrente do consumo.

A partir dessas informações, nos permitimos afirmar que os anos 1920 são representados principalmente pela recriação literária e crítica do fordismo (ironicamente chamado de filosofia pelo próprio Huxley, conforme demonstramos em 2.2), o que acreditamos cumprir com os objetivos específicos. Não há uma resposta única para os porquês de AMN ter sua estrutura e suas referências (abertas ou não), tampouco buscamos estabelecer um juízo único de valor para reler a obra. Sumarizamos o romance e expusemos pontos iniciais de leitura, a fim de permitir uma interpretação crítica da peça ficcional. Assim afirmamos a partir das combinações das argumentações anteriores e posteriores à publicação de AMN, tendo as informações disponibilizadas pela fortuna crítica das subseções 2.1 e 2.2 como base.

Também buscamos levantar outro fator importante à construção do arcabouço teórico da presente dissertação: o tempo. Ele é imaterial e incontrolável, embora a Londres ficcional de Huxley se esforce para o instrumentalizar, inclusive nas horas livres de seus funcionários, os induzindo ao consumo irrestrito. Tal melodia é reforçada pela publicidade unilateral, coerciva por apelar às emoções pré-programadas dos compradores – cuja felicidade também é manufaturada.

Abrimos um adendo nestas considerações finais, pois esse aspecto da obra pode ser relacionado à uma parcela específica da realidade contemporânea. A lógica das fake news poderia facilmente ser considerada parte de AMN caso Huxley o escrevesse nesta década. Em sua ficção, o autor inglês considerou o que havia à sua

época, duas possibilidades fundamentais da publicidade e da propaganda: verdadeira ou falsa. Hoje, ambas podem ser usadas livremente para comercializar uma ideia, mesmo quando comprovadamente falsa; mas essa falsidade é validada se apelar às emoções de um determinado público.

Este, por sua vez, pode ter uma predisposição inicial para aceitar o invólucro de tal falsidade, que passa à condição de verdade se houver meios técnicos suficientes para essa mentira monetizar a atenção e o dinheiro de outrem. A parcela consumidora desta verdade pode se considerar consciente e politizada, mesmo não o sendo de fato. Voltamos às fake news como exemplo, visto a veiculação delas ter sido não apenas manchete jornalística frequente, mas motivo de preocupação quando elas foram veiculadas por figuras políticas irresponsáveis o suficiente para veicular a verdade que lhes convém.

Infelizmente, os exemplos não param no universo político, pois o funcionamento dos algoritmos das redes sociais também poderia integrar o modus operandi de um potencial AMN contemporâneo. A ficção dele extrapolou a ideia do consumo enquanto gesto que conduz à felicidade, pois o ato de compra faz parte do credo inculcado desde a infância. Os algoritmos, por sua vez, aprendem os interesses do consumidor e o oferecem justo o que ele acredita fazer bem para si, quando apenas cede sua atenção (e seu dinheiro) ao apelo de outrem. As diferenças fundamentais são que a ficção de Huxley criou meios para os cidadãos consumirem o quanto puderem sem se endividar nem sentir culpa por exagerar na loja, enquanto o mundo real, com generosidade, administra a doença e cede doses homeopáticas de cura.

Os sintomas de personalidade, na ficção de Huxley, são motivo de anátema; no mundo real, oportunidade de venda, pois a preciosa identidade do comprador deve ser realçada por uma peça de roupa – até mesmo por um livro, seja uma peça de entretenimento ou um tijolo para edificar suas crenças.

Também realçamos o quanto AMN estabeleceu um senso inquestionável de lealdade às regras de Ford, abandonando o compromisso implícito de uma família em prol de avanços materiais. Uma parcela do Brasil contemporâneo, com seus contratos intermitentes, sua precarização camuflada em autonomia e sua desigualdade colossal, talvez se enquadrasse no que o Administrador Mustaphá Mond classificou como pagadora de qualquer preço pela estabilidade (mesmo se fosse uma mentira). Porém, pelos meandros de AMN, qualquer preço pode significar a própria vida – ou a de outros, independentemente de sua distância geográfica e socioeconômica.

Por esses motivos, estamos de acordo com Carlos Orsi, cuja arguição no posfácio da edição de Retorno ao *Admirável Mundo Novo* encontra a nossa:

Huxley, nesse aspecto, diagnostica a ferida ética fundamental da publicidade: do apelo às emoções mais baixas, aos impulsos mais mesquinhos, ao egoísmo e ao narcisismo, em detrimento da razão, para satisfazer a interesses comerciais. Também detecta o surgimento do homem corporativo, aquele que é mais leal à firma do que à família; nas palavras do protagonista de outra distopia (*Clube da Luta*, de Chuck Palahniuk), aquele “que trabalha num emprego que odeia para poder comprar coisas de que não precisa”. (2021, p.131) aspas do autor

Esse apelo às emoções baixas, presente na satisfação imediata, é observado mais de uma vez durante o enredo. Nas atitudes de Lenina, impaciente para consumir seu sentimento pelo Selvagem; nas palavras de Mond aos estudantes, no começo da narrativa; e nos mantras impregnados nas mentes e bocas dos cidadãos.

Levantamos a seguinte hipótese: as queixas de Bernard e a indiferença de John frente ao progresso são dois contrapontos à turba publicitária da distopia. Porém, os desfechos desses indivíduos anticonsumistas confirmam, involuntariamente, o viés totalitário da benevolência Estatal, conforme 3.8 e 3.9. Mais uma vez emprestamos um raciocínio de Carlos Orsi (2021, p. 44), o relacionando às atitudes desses personagens, nada entregues às distrações modernas, ao adendo por nós levantado há pouco e, por fim, a um ensaio de Aldous Huxley:

Em relação à propaganda, os primeiros defensores da alfabetização universal e de uma imprensa livre viam apenas duas possibilidades: a propaganda podia ser verdadeira ou falsa. Eles não previram o que de fato aconteceu, acima de tudo em nossas democracias capitalistas ocidentais: o desenvolvimento de uma vasta indústria de comunicações de massa, preocupada de modo geral nem com o verdadeiro nem com o falso, mas com o irreal, o mais ou menos irrelevante. Resumindo, eles não levaram em consideração o apetite quase infinito do homem por distrações.

Por distração, compreende-se seu significado imediato: desviar a atenção de algo. A atenção dos cidadãos é sempre direcionada ao consumo, para eles não se atentarem a nada que não seja induzido pela publicidade Estatal. Distração é outro conceito ausente do contexto lexical de AMN, pois impedidos de pensar em outros tópicos (2021, p.120), os habitantes não podem sentir sua atenção canalizada para outro fim em vez da própria vontade. Logo, o que uma leitura externa classifica como “distração” é apenas mais uma fração do cotidiano do dis-topos.

Relacionando tal ideia ao capítulo final de AMN e à nossa análise do mesmo, parte da massa populacional da metrópole invadiu o espaço de John em busca de mais uma distração. Ela não legitimou a existência de um *topos* fora da lógica industrializada onde há uma interação social sem precedentes, usando uma expressão de Theodor Adorno (2002, p.62). Se não fosse a insistência em buscar uma diversão às custas do Selvagem, este poderia ter tomado outra atitude em vez de seu conclusivo e derradeiro ato. A partida dele é clara para nós, leitores, mas não temos acesso às reações dos que encontraram o corpo de John após o transe coletivo.

A partir das discussões levantadas (e principalmente das ignoradas) no longo diálogo do penúltimo capítulo, elaboramos uma hipótese. Nenhum morador entenderia o porquê do gesto de John, enquanto Mond reagiria com plena indiferença, mesmo se lamentasse brevemente a partida do nobre Selvagem. As muitas explicações do Administrador ao então visitante não significam um vínculo respeitoso de qualquer lado, tanto que John abandona o glorioso e asséptico espaço moderno. Mond foi claro ao revelar o quanto se luta para não haver chiados na comunicação unilateral, cujo unísono, fruto de laboriosa partitura mecânica, se mantém firme em sua afirmação: “admire este novo mundo”. Ou retire-se.

A despolitização das massas, a falta de espaço para debater tópicos com a mesma e a falta de inocência da tecnologia têm relação com a propaganda, pois foi usada para redirecionar a atenção dos habitantes para um fim, como nos regimes políticos posteriores à publicação de *Admirável Mundo Novo*. O consumo imaterial da vontade imposta unilateralmente pelos mandantes de tais regimes também pode ser classificado como uma ‘distração’. Ele impedia suas vítimas de se concentrar em uma fuga, de maneira semelhante à esterilização do regime fictício, que limpou impurezas como desvios de conduta. Ressaltamos, pois, a associação entre a obra e os totalitarismos, posterior à publicação da mesma, conforme afirmamos em 3.2.

Ressalta-se que embora o romance possa ser associado inicialmente à década de 1920, suas interpretações não estão circunscritas ao tempo. Fruto de uma combinação entre recursos literários e análise de um contexto específico, *Admirável Mundo Novo* suscita discussões a partir de novos pontos de vista, como a seção 2.1 demonstra, e a Soma deles permite levantar interpretações renovadas, de modo a fortalecer as leituras críticas da obra e permitir expansões além dos seus campos iniciais. Não se intenta criar um juízo de valor e sim contribuir com as leituras prévias,

pavimentando a continuidade da pesquisa científica envolvendo *Admirável Mundo Novo*, e espera-se colaborar para diálogos posteriores.

Pode-se interpretar que o próprio Huxley estava imbuído desse espírito pesquisador, pois seus argumentos caminham nessa direção de construir hipóteses em vez de pontificar sobre um determinado assunto. Retorna-se ao constatado em 2.3, pois ao falar sobre a falta da fissão nuclear em seu livro, Huxley considerou essa ausência uma “falha de previsão”. Mas além dessa falta não incorrer em demérito, é esclarecida como anexa, pois a obra é sobre o avanço da ciência, não um relatório ou uma narrativa deslumbrada a respeito dela.

Assim consideramos ao destacar um aspecto cristalino do romance: as manipulações biológicas e psicológicas. Não as dissociamos, pois além da resposta às questões de sobrevivência passar pela biologia, o enredo esclarece como e porque se manipulam os futuros adultos desde a concepção artificial. Essas articulações fundamentam a dissociação entre público e privado, edificada pelos demais métodos demonstrados em nossas análises. Carlos Orsi (2021, p. 133-4) redige um lembrete sobre a manipulação psicológica, pois no caso ficcional, foi levada às últimas consequências pela dissociação entre público e privado:

Alertas sobre manipulação psicológica são muitas vezes criticados, e com razão, por embutir um caráter elitista comumente descrito como “efeito terceira pessoa”: “eles” — o povo, o público, a massa ignara — são ingênuos e vulneráveis, “nós” — os intelectuais, os estudiosos, os alfabetizados — conseguimos enxergar além da fumaça e dos espelhos. Esse efeito (do qual Huxley, aliás, não escapa) já aparece registrado no “Sermão da montanha”: “Por que reparas no cisco do olho do teu irmão, e a trave no teu próprio olho não percebes?”. Mas enquanto a moral da passagem, no Evangelho, diz respeito a arrogância e hipocrisia, no contexto da distopia próxima (ou presente?) é mais um aviso: todos somos vulneráveis.

Trazendo a obra para a contemporaneidade brasileira, a retórica de Orsi inclui um aspecto não previsto por Aldous Huxley: “a pulverização do acesso ao público” (idem, p.134-5), pois ele considera cada pessoa com acesso às mídias sociais como um estúdio de TV, rádio e uma editora em si mesma. Tais fatores podem ser interpretados, simultaneamente, como reforço e contraponto do arcabouço de AMN.

Como contraponto por não existir apenas a comunicação unilateral e descendente partindo de uma autoridade política ou midiática - os navegantes da internet podem escolher qual veículo seguir e até silenciar quando o som não saciar os ouvidos. Caso uma melodia vinda de uma figura de maior alcance não seja o

suficiente para acalmar as vozes contrárias, essas podem se organizar em coletivos para replicar, e direcionar a atenção de mais pessoas em favor de uma causa – e tanto o mencionado “efeito terceira pessoa” como verdades e mentiras podem compor os métodos de mídias massificadas e seus potenciais combatentes. Embora tal estrutura não esteja livre de contradições, tal comunicação não faz parte do *ethos* da época de AMN, então preocupado com uma nascente indústria de propaganda.

Porém, os fatores apontados por Orsi também funcionam como reforço ao *modus operandi* da ficção, pois é necessário um meio técnico para vocalizar a contra-argumentação, seja ele físico, virtual ou híbrido. Em uma tentativa de se impor contra uma grande voz midiática, os pequenos podem incorrer em discursos e meios opostos aos desejados, reproduzindo a prática das estruturas combatidas ao lutar contra a própria vulnerabilidade. Devido a esse conjunto, emprestamos alguns raciocínios de Adorno e Horkheimer:

Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria cultural. Ela consiste na repetição. O fato de que suas inovações características não passem de aperfeiçoamentos da produção em massa não é exterior ao sistema. É com razão que o interesse de inúmeros consumidores se prende à técnica, não aos conteúdos teimosamente repetidos, ociosos e já em parte abandonados. (1985, p.112)
A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. (Idem, p.134)

Focamos nossa arguição nos conflitos de três personagens com essa totalidade industrial. Primeiro, John não se impressionou quando foi levado ao cinema sensível, do qual ironicamente participou no último capítulo, quando um dos invasores gravou seus gestos e os entregou à indústria cultural de Londres, que o tratou como mais uma distração. Segundo, Helmholtz, antes de correr o risco do exílio, procurava um sentimento além daqueles repetidos – inclusive por *e/e*. Bernard, por seu turno, se enfasiava com as repetições dos mantras, com a persistência cultural de servir para algo quando ele não desejava isso, e sua curta escalada social falhou justo por John não caber na totalidade acachapante da metrópole.

Cada um desses personagens, cujos atos analisamos durante esta dissertação, é fruto de um sistema tecnocrático avançado em suas técnicas de coerção, mas indisposto a reconhecer suas falhas, pois expulsa os seres capazes de buscar afinações próprias em meio aos anúncios totalizantes. Eles também representam a

pressão totalitária, pois além do controle exercido inclusive no tempo fora do labor, não há espaço para a criação individual e nem para surpresas, apenas para os lazeres já estabelecidos (em referência a um argumento do próprio Aldous, a respeito do entretenimento mecanizado). Em referência ao arcabouço retórico de Herbert Marcuse, deve-se perguntar: se as novas estruturas e liberdades de fato são novas e livres, ou se apenas atualizam a propaganda de discursos velhos e seus preconceitos implícitos, subjugando um valor corrente apenas para o substituir pelo seu próprio ideário enquanto se vale de qualquer método para este fim.

É na direção de construir hipóteses e perguntas, fundamentadas por análises das possíveis origens e influências ao longo de tempo (tão mutável quanto o tema proposto, em constante desacordo com a instrumentalidade que se tenta fazer dele), que se constrói a presente dissertação de mestrado. Por meio dessa (re) leitura de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, objetiva-se, absorvendo as notas de suas precedentes, compor uma interpretação capaz de acompanhar as próximas eras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BÍBLIA, VOLUME II: NOVO TESTAMENTO: APÓSTOLOS, EPÍSTOLAS, APOCALIPSE. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BÍBLIA SAGRADA. Revista e Atualizada no Brasil. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BESSA, MARIA DE FATIMA DE CASTRO. **Individuation in Aldous Huxley's Brave New World and Island: Jungian and Post-Jungian perspectives**. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

BLOOM, Harold. **Bloom's Guides: Aldous Huxley's Brave New World: Edited and with an introduction by Harold Bloom**. New York: Chelsea House Publishers, 2004.

CASAGRANDE, EDUARDO VIGNATTI. **Each one of us Goes Through life inside a Bottle: A Reading of Brave New World in the Light of Zygmunt Bauman's Theory**. 2016 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

FEENBERG, Andrew. **Tecnologia, Modernidade e Democracia**. Lisboa: Inovatec Press, 2015

FRANCISCO, Rafael da Cunha Duarte. **Nós somos os mortos: a estética do prognóstico na literatura realista distópica de Aldous Huxley, George Orwell e**

Yevgeny Zamyatin. 2014. 161f Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC-RJ. 2014.

GARCIA, MYLENE FONSECA. **Transtextualidade e dialogismo em Admirável Mundo Novo e Matrix.** 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

HABERMAS, JÜRGEN. **Técnica e Ciência como Ideologia.** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo.** São Paulo: Globo, 2014.

_____. **Admirável Mundo Novo.** Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2022.

_____. **O Macaco e a Essência.** Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_____. **Retorno ao Admirável Mundo Novo.** Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.

JUNIOR, CLAUDIO MARCOS VELOSO. **A decepção em Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley.** 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina. 2016.

KOPP, RUDINEI. **Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamyatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury.** 2011. 278f. Dissertação (Doutorado em Comunicação Social), Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUC-RS. 2011.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade Vol. 1.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 2ª edição

_____. **Cultura e Sociedade Vol.2.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998

_____. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada.** São Paulo: Edipro, 2015.

_____. **Tecnologia, Guerra e Fascismo.** São Paulo: UNESP, 1999.

MAURINI, Alessandro. **Aldous Huxley: The Political Thought of a man of Letters.** London: Lexington Books, 2017.

MORAIS, RAFAEL PINTO. **A modernidade em lugar nenhum: o mundo moderno revisitado pelos romances utópicos de William Morris, H. G. Wells e Aldous Huxley.** 2011 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, 2011.

MURRAY, NICHOLAS. **Aldous Huxley: an English Intellectual.** London: Time Warner Book, 2002.

OLIVEIRA, Nelson de. **Algum lugar em parte alguma.** Curitiba: 2018. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Capa-Imaginacao-utopica> Acesso em 12 de fevereiro de 2023.

OLIVEIRA, Priscilla Pellegrino de. **A Ordem e o caos: diferentes momentos da literatura distópica de ficção científica.** 2010. 95f Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

PAVLOSKI, Evanir. **Admirável Mundo Novo e A Ilha: entre o idílio e o pesadelo utópico.** 2012. 362f Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná. 2012.

PAZ, OCTAVIO. **A busca do presente e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

SILVA, DIOGO CESAR NUNES DA. **Histórias do Futuro e a arte do pensar-contra: utopia, esperança e pessimismo distópico.** 2011. 140f. Dissertação (Mestrado em

Psicologia Social), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

SION, Ronald T. **Aldous Huxley and the search for meaning: a study of the eleven novels**. Jefferson: McFarland & Company Inc., Publishers, 2010.